

Sérgio Martins Duarte

**OS IMPACTOS DO MODELO TRADICIONAL DE ENSINO NA  
TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E NO FRACASSO ESCOLAR.**



Universidade Fernando Pessoa

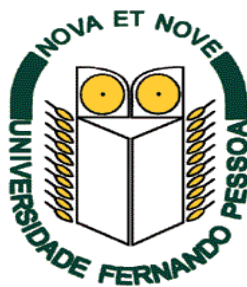
Orientadora: Professora Doutora Fátima Paiva Coelho

Porto, 2018



Sérgio Martins Duarte

**OS IMPACTOS DO MODELO TRADICIONAL DE ENSINO NA  
TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E NO FRACASSO ESCOLAR.**



Universidade Fernando Pessoa

Orientadora: Professora Doutora Fátima Paiva Coelho

Porto, 2018

Sérgio Martins Duarte

**OS IMPACTOS DO MODELO TRADICIONAL DE ENSINO NA  
TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E NO FRACASSO ESCOLAR.**

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação: Docência e Gestão da Educação, sob orientação da Professora Doutora Fátima Paiva Coelho.

Universidade Fernando Pessoa,  
Porto 2018

## RESUMO

A presente investigação trata-se de um trabalho de intervenção, cuja análise foi feita em dois Colégios particulares de Belo Horizonte e tem como objetivo investigar os impactos que o modelo tradicional de ensino das escolas brasileiras acarreta na transposição didática e verificar se esse modelo está sendo desmotivador e entediante para a maioria dos alunos e como objetivos específicos: analisar se o Modelo Tradicional de Ensino é de fato a predominância da metodologia utilizada pelos professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio das escolas particulares do Brasil. Compreender se Modelo Tradicional de Ensino das escolas particulares do Brasil está sendo desmotivador e entediante para a maioria dos alunos e, por consequência, vindo a ser um dificultador na transposição do conteúdo e contribuindo para o fracasso escolar. Pesquisar se os alunos do Ensino Fundamental II e Médio, vinculam suas experiências de ensino e aprendizagem no colégio que tenha efetivamente contribuído para seu aprendizado ao Modelo Construtivista de Ensino. Analisar, por amostragem, se todos os alunos de baixo rendimento das escolas particulares do Brasil são de fato alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Propor aos professores novas metodologias e formas de abordagens de interação com os alunos, visando a facilitar a transposição didática das matérias lecionadas, contribuindo para o sucesso escolar e mais motivação dos alunos.

Utilizou-se para a coleta de dados inquiridos por questionários com perguntas fechadas que versaram sobre os objetivos investigativos, ao qual responderam alunos do Ensino Fundamental (9º ano) e Ensino Médio de dois Colégios particulares. Das 157 respostas dadas ao questionário, sobre o melhor modelo de ensino, o construtivismo ganhou na escola A com a percentagem de 70,83% dos alunos, já na escola B 72,13% dos alunos demonstraram perceber uma melhora dos resultados com o modelo construtivista. Esse resultado demonstrou claramente que o modelo construtivista pode facilitar e motivar a aprendizagem do aluno.

Outros aspetos foram levantados ao longo da investigação que versam o modelo de aula dado pelos professores, o planejamento e até o rendimento escolar conforme iremos discorrer ao longo do projeto. Diante o exposto, fez-se necessário propormos uma intervenção com o objetivo de instigar os professores a saírem do Modelo Tradicional de Ensino e a enveredar novas práticas para o ensino-aprendizagem do aluno.

**Palavras-Chave:** Didática. Modelo Tradicional de Ensino. Modelo Construtivista. Sucesso Escolar

## **ABSTRACT**

The present research is an intervention, whose analysis was done in two private schools in Belo Horizonte and aims to investigate the impacts that the traditional model of teaching of Brazilian schools entails in the didactic transposition and verify if this model is being demotivating and tedious for most of the students and as specific objectives: to analyze if the Traditional Teaching Model is in fact the predominance of the methodology used by Primary School Teachers II and High School of private schools in Brazil. Understanding the Traditional Teaching Model of private schools in Brazil is being discouraging and tedious for most students and, as a consequence, becoming a hindrance in transposing content and contributing to school failure. To find out if students of Elementary and Secondary Education, link their teaching and learning experiences in the college that has effectively contributed to their learning to the Constructivist Model of Teaching. To analyze, by sampling, whether all low income students in private schools in Brazil are actually students who have learning difficulties. To propose to the teachers new methodologies and forms of interaction approaches with the students, in order to facilitate the didactic transposition of the subjects taught, contributing to the school success and more motivation of the students.

Questionnaires were used to collect data with closed questions that dealt with the research objectives, which were answered by students from Elementary School (9th grade) and Secondary School from two private schools. Of the 157 answers given to the questionnaire, about the best teaching model, constructivism won in school A with the percentage of 70.83% of students, already in school B 72.13% of the students demonstrated to perceive an improvement of the results with the model constructivist. This result clearly demonstrated that the constructivist model can facilitate and motivate student learning.

Other aspects were raised during the investigation that relate the model of class given by the teachers, the planning and until the school performance as we will discourse throughout the project. In view of the above, it was necessary to propose an intervention with the purpose of instigating the teachers to leave the Traditional Teaching Model and to embark on new practices for the teaching-learning of the student.

**Keywords:** Didactics. Traditional Teaching Model. Constructivist Model. School Success

## **DEDICATÓRIA**

A minha esposa Elaine, aos meus filhos Gabriel e Pedro pela compreensão de minha ausência e falta de tempo nas horas de convívio familiar.

## **AGRADECIMENTOS**

Sabendo que um trabalho de mestrado pela sua finalidade acadêmica, é um esforço individual, o que não significa ser solitário me sinto na obrigação de agradecer a todos que de formas colaboraram para que este trabalho se tornasse possível.

Dessa forma registro meus sinceros agradecimentos:

A Professora Orientadora Fátima Coelho que gentilmente aceitou ser orientadora deste trabalho.

Agradeço aos Colégios nos quais trabalho que compreenderam e aceitaram minhas ausências nos momentos de aulas presenciais, bem como permitiram a aplicação de questionário investigativo ao seu corpo discente.

Agradeço e aos meus pais, pelo carinho e amor de sempre, a minha irmã Claudia Duarte, pelo apoio neste estudo.

Agradeço aos colegas pelo prestimoso apoio e colaboração, disponibilizando materiais para meus estudos.

## INDÍCE GERAL

RESUMO.....	VI
ABSTRACT .....	VII
DEDICATÓRIA.....	VIII
AGRADECIMENTOS .....	IX
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XV
I. INTRODUÇÃO .....	- 1 -
1.1. Justificativa do Tema .....	- 2 -
1.2. Relevância do Tema.....	- 3 -
1.3. Delimitação do Tema.....	- 4 -
1.4. Os Objetivos da Intervenção.....	- 4 -
1.5. A Metodologia a Aplicar .....	- 5 -
1.6. Estruturas do Trabalho.....	- 6 -
PARTE I – REVISÃO DE LITERATURA .....	- 8 -
CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO.....	- 9 -
2.1. Modelo Tradicional de Ensino.....	- 9 -
2.1.1. <i>Conceito</i> .....	- 9 -
2.1.2. <i>Características</i> .....	- 14 -
2.2. Modelo Construtivista de Ensino.....	- 17 -
2.2.1 <i>Conceito</i> .....	- 17 -
2.2.2. <i>Características</i> .....	- 24 -
2.2.3 <i>Introdução da Tecnologia na Sala de Aula</i> .....	- 27 -
2.3. Transposição Didática.....	- 36 -
2.4. Fracasso escolar .....	- 46 -
PARTE II –ESTUDO EMPÍRICO .....	- 57 -
CAPÍTULO III – PARTE EMPÍRICA.....	- 58 -
3. 1 Metodologia .....	- 58 -
3.2. População e amostra .....	- 59 -
3.3. Instrumentos e Procedimentos .....	- 61 -
3.4 Objetivos do Estudo.....	- 62 -

3.5. Resultados encontrados.....	- 63 -
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	- 75 -
CAPÍTULO VI – BIBLIOGRAFIA .....	- 81 -
ANEXOS .....	- 87 -
ANEXO 01 - SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO .....	- 87 -
ANEXO 02 - SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO .....	- 88 -
ANEXO 03 -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	- 89 -
ANEXO 04 - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO .....	- 91 -
ANEXO 05 – QUESTIONÁRIO PARA A INVESTIGAÇÃO .....	- 92 -
ANEXO 06 – VALIDAÇÃO DO INQUÉRITO .....	- 94 -
ANEXO 07 – APLICAÇÃO DO INQUÉRITO – PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	- 116 -
ANEXO 08 – TABULAÇÃO DOS RESULTADOS DO INQUÉRITO .....	- 120 -
.....	- 120 -

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Relação entre os capítulos do trabalho.....	- 7 -
Figura 02: Modelo Tradicional de Ensino.....	- 19 -
Figura 03: Modelo Construtivista.....	- 19 -
Figura 04: Visualização do processo Professor Humano-singular. ....	- 44 -
Figura 05: Visualização do processo Professor Humano-singular. ....	- 45 -
Figura 06: Informações, conhecimentos e saberes segundo um quadro apresentado por Jean-Pierre Astolfi. ....	- 52 -
Figura 07: Informação, conhecimento e saber segundo Jean-Marc Monteil.....	- 53 -
Figura 08: A relação do indivíduo com o saber.....	- 54 -
Figura 09: Desenho de Pesquisa.....	- 59 -

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Caracterização por segmento de ensino .....	- 60 -
Gráfico 02: Aprendizado por modelo de aula – Colégio A.....	- 63 -
Gráfico 03: Aprendizado por modelo de aula - Colégio B.....	- 63 -
Gráfico 04: Motivos que levaram os professores adotarem o modelo de aula que ministram.....	- 66 -
Gráfico 05: Modelo de aula para melhor aprendizagem do aluno .....	- 66 -
Gráfico 06: Modelo de Interação entre o aluno e o professor .....	- 67 -
Gráfico 07: Sucesso X Fracasso da aula de acordo com o modelo lecionado.....	- 67 -
Gráfico 08: Modelo de aula desmotivadora e ou entediante .....	- 68 -
Gráfico 09: Aprendizado por modelo de aula – Colégio A.....	- 68 -
Gráfico 10: Modelo Construtivismo.....	- 69 -
Gráfico 11: Rendimento Escolar .....	- 70 -
Gráfico 12: Média Escolar.....	- 70 -
Gráfico 13: As aulas visam a preparação para o ENEM? Colégio A.....	- 71 -
Gráfico 14: As aulas visam a preparação para o ENEM? Colégio B.....	- 71 -

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01: Caracterização da Amostra .....	- 60 -
Tabela 02: Grade Curricular dos Colégios .....	- 64 -
Tabela 03: Questões 3,4 e 5 .....	- 65 -
Tabela 04: Proposta de Intervenção.....	- 73 -
Tabela 05: Cronograma do Projeto de Intervenção .....	- 74 -

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PT	Partido do Trabalhador
EM	Ensino Médio
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
CEALE	Centro de Alfabetização Leitura e Escrita
TDICs	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
Q.I.	Quociente de Inteligência
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

## I. INTRODUÇÃO

Atualmente, no Brasil, a discussão a respeito do futuro da Educação está mais acentuada. Assunto esse, infelizmente, até então sempre deixado em segundo plano. Debaixo de muita polêmica, tem discutido a Reforma do Ensino Médio, reforma que propõe alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tendo como pilar a instituição de jornada em tempo integral no Ensino Médio e a reorganização do currículo por áreas de conhecimento. É notório que um dos maiores desafios do Brasil seja de aumentar a atratividade das aulas, propiciando mais dinamismo ao processo ensino e aprendizagem, estimulando o protagonismo juvenil e reconhecendo as diferenças individuais e geográficas dos alunos, alinhada com a ampliação dos programas da formação inicial e continuada dos professores.

Essa discussão sobre a reforma se arrasta no âmbito do Ministério da Educação desde 1996, enquanto Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Passou pelo governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), ficou em pauta latente em toda a era PT, governo Lula (2003-2011) e Dilma Rouseff (2011 -2016 impeachment) e, agora, ocorre efetivamente na gestão do Presidente Michel Temer (2016...). Esse assunto deve ser uma questão apartidária. Os Secretários de Educação, responsáveis por sua implantação em cada Estado, estão pedindo uma mudança urgente. A Reforma do Ensino Médio, aprovada pelo Congresso Nacional, deverá propor alteração à estrutura da educação do país, hoje classificado como um dos piores do mundo conforme afirma Castro (2016, p. 17 e 18).

(...), porque o modelo em vigor é um fracasso. (...) Enquanto o tempo passa, os jovens ficam enredados em um sistema de péssima qualidade, reconhecido como um dos piores do planeta. A meu ver, a relevância do assunto justifica a medida provisória.

Esta fala da Secretária Executiva do Ministério da Educação, Maria Helena Guimarães de Castro, resume bem o caos do modelo educacional adotado no Brasil.

### **1.1. Justificativa do Tema**

Essa demanda sócio governamental de alteração da estrutura e a própria estrutura educacional do Brasil, em si, vem de encontro a essa pesquisa. Este projeto interventivo surgiu de um enorme incômodo sobre essa temática, observada por diferentes óticas: enquanto pai de dois filhos de perfis bem distintos matriculados em escolas com características bem diferentes entre si; como gestor (Diretor) de um colégio particular, como professor e até mesmo como cidadão. Este estudo se baseia nos impactos que o Modelo Tradicional de Ensino das escolas particulares brasileiras, acarreta na transposição didática. Verifica também se esse modelo está sendo desmotivador e entediante para a maioria dos alunos, conseqüentemente contribuindo para o fracasso escolar dos mesmos.

Atualmente, no Brasil, em especial no universo das escolas privadas, observa-se uma preocupação extrema com o conteúdo e não com a metodologia de ensino e aprendizagem; muito menos frequentemente com o aluno.

Nas escolas privadas, em seu segmento de Ensino Fundamental e Médio (alunos de 7 a 17 anos), o modelo de ensino consiste, basicamente, no tradicional. Este, independentemente dos objetivos da escola e/ou do aluno, acarreta algum impacto em suas vidas. Vários alunos, inseridos neste contexto, estão se desmotivando e sendo tachados de alunos medianos, fracos, desinteressados, com déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) etc., sendo, em alguns casos, inclusive, encaminhados para consultórios médicos e iniciando tratamento com medicações.

A respeito desse modelo tradicional, Antunes (2010, p. 17) comenta:

(...) Nessa visão de ensino aplaudia-se o silêncio, e a imobilidade do aluno e a sapiência do mestre, além de se pensar o conhecimento como informações pré-organizadas e concluídas que se passavam de uma pessoa para outra, portanto, de fora para dentro, do mestre para o estudante. Ensinar significava difundir o conhecimento, impondo normas e convenções para que os alunos o assimilassem. Estes levavam para a escola a boca – porque da mesma não podia se separar – mas toda a aprendizagem dependia do ouvido, reforçado pela mão na tarefa de copiar. (...) Excelente professor era o que mais sabia e não quem melhor ensinava, pois a aprendizagem era

uma responsabilidade do aluno e se este não a conquistasse, que repetisse o ano tantas vezes quanto necessário ou quando pudesse resistir”.

Ao final deste estudo, espera-se que o mesmo se torne um meio para que professores e gestores se sensibilizem e repensem suas práticas pedagógicas e as transforme em algo que faça sentido para os alunos.

Não podemos-nos conformar que, em pleno século XXI, tenhamos escolas engessadas por um modelo tradicional de ensino, não oportunizando a educação inovadora na qual centro do ensino e aprendizagem não seja apenas o conteúdo e sim, o aluno.

Esse desejo vem de encontro á proposta apresentada por Antunes (2010, p.21):

Ensinar passou então a “significar”, a estimular os alunos a confrontar-se com informações relevantes no âmbito da relação que estes estabelecem com uma realidade, capacitando-os a (re)construir os significados atribuídos a essa realidade e a essa relação.

Acreditamos que gestores escolares e educadores, ao a ter clareza desse fato estudado, poderão construir ambientes de estudo favoráveis, onde o educador passe a se preocupar com a situação individual dos seus alunos e, conseqüentemente, gerando o sucesso escolar da maioria dos alunos.

## **1.2. Relevância do Tema**

A relevância desse trabalho fica acentuada uma vez que o estudo deste coincidiu com a tomada de decisão do Governo Federal em iniciar a Reforma do Ensino Médio, tornando-o mais instigante e oportuno para o momento. Assim, este trabalho irá acompanhar os rumos dessas decisões e, caso alguma das medidas tomadas pelo governo venham de encontro ao objeto de estudo deste trabalho, as mesmas poderão ser citadas para maior enriquecimento desse documento.

Outra contribuição deste trabalho para a área da educação é de elucidar como podemos manter o mesmo objetivo educacional já proposto pelas instituições de educação, porém, com um olhar mais individualizado para o aluno e atingindo-o

motivacionalmente com aulas que despertem sua atenção e interesse e, principalmente, que faça sentido para o mesmo.

### **1.3. Delimitação do Tema**

Este trabalho limitar-se-á às escolas privadas e não às escolas públicas, porque infelizmente as escolas públicas no Brasil em sua grande maioria se desenvolvem muito aquém das escolas privadas. Os motivos deste distanciamento entre as escolas públicas e privadas são diversos. Esse trabalho não irá abordá-los por não fazerem parte do estudo e por si só, serem conteúdo para outras pesquisas. Para esse trabalho o importante é focarmos que, no Brasil, os processos escolares que envolvem as práticas pedagógicas das escolas particulares apresentam avanços e exigências bem superiores aos da maioria das escolas públicas. Dessa forma, o presente trabalho irá se concentrar no âmbito das escolas privadas, vez que o objeto de estudo acontece de maneira bem mais latente nessas escolas. Evidentemente, que o mesmo problema estudado ocorre nas escolas públicas, todavia os fatores que os envolve diversificam muito mais do que o proposto por este estudo.

Vale ressaltar que no que se refere à parte empírica desse trabalho, a delimitação será feita pela definição da amostra.

### **1.4. Os Objetivos da Intervenção**

O objetivo geral de intervenção deste projeto é investigar os impactos que o modelo tradicional de ensino das escolas particulares brasileiras acarreta na transposição didática, e verificar se esse modelo está sendo desmotivador e entediante para a maioria dos alunos, daí contribuindo para o fracasso escolar dos mesmos.

Para concretizar o alcance deste objetivo geral, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

I- Analisar se o Modelo Tradicional de Ensino é de fato a predominância da metodologia utilizada pelos professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio das escolas particulares do Brasil.

II- Compreender se Modelo Tradicional de Ensino das escolas particulares do Brasil está sendo desmotivador e entediante para a maioria dos alunos e, por consequência, vindo a ser um dificultador na transposição do conteúdo e contribuindo para o fracasso escolar.

III- Pesquisar se os alunos do Ensino Fundamental II e Médio, vinculam suas experiências de ensino e aprendizagem no colégio que tenha efetivamente contribuído para seu aprendizado ao Modelo Construtivista de Ensino.

IV- Analisar, por amostragem, se todos os alunos de baixo rendimento das escolas particulares do Brasil são de fato alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

V- Propor aos professores novas metodologias e formas de abordagens de interação com os alunos, visando a facilitar a transposição didática das matérias lecionadas, contribuindo para o sucesso escolar e mais motivação dos alunos.

### **1.5. A Metodologia a Aplicar**

Demo (2016, p.11) aponta que a metodologia científica é o formato como se encaminha uma pesquisa. Trata de dinâmicas necessárias para a obtenção dos dados com os quais se amplificarão os pensamentos e estudos a posteriori.

Vale destacar que o termo *Metodologia* significa; “(...) estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência”.

Ainda, segundo Demo (2016), a metodologia proporciona operacionalização das diretrizes a serem executadas na pesquisa, favorecendo alternativas aos métodos científicos, ensejando também os questionamentos e intervenções na realidade estudada.

Para Severino (2007, p. 17-18), o trabalho científico:

(...) refere-se ao processo de produção do próprio conhecimento científico, atividade epistemológica de apreensão do real; ao mesmo tempo, refere-se igualmente ao conjunto de processos de estudo, de pesquisa e de reflexão que caracterizam a vida intelectual do estudante (...)

Pretende-se utilizar, durante o processo de busca de dados, uma metodologia do tipo quantitativa (inquéritos por questionários) e qualitativa (pesquisa de campo/observação), sendo conhecida como pesquisa mista. O público-alvo da pesquisa serão os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II e do 1º Ano do Ensino Médio, de duas escolas particulares de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Segundo Silva e Menezes (2005. p. 20),

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem”.

## **1.6. Estruturas do Trabalho**

Tendo por base o problema proposto bem como os objetivos apresentados, o trabalho está estruturado em quatro capítulos, além das referências bibliográficas, anexos e listas.

Nos capítulos são enfatizados os seguintes aspectos:

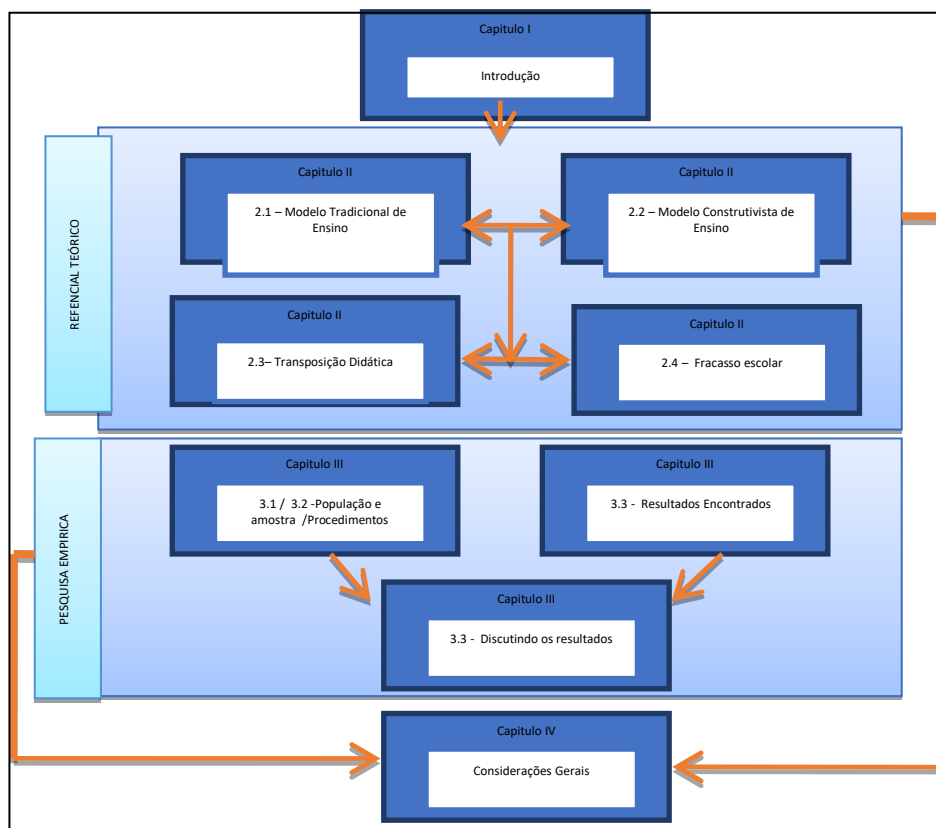
Capítulo 1- abordou os aspectos do tema, focando o problema e a justificativa do assunto a ser estudado, os objetivos geral e específicos a serem atingidos, a delimitação do estudo, a metodologia aplicada e, por fim, a estrutura do trabalho;

Capítulo 2 – apresenta o referencial teórico dando ênfase ao conceito e características do Modelo Tradicional de Ensino, bem como do Modelo Construtivista de Ensino. Neste capítulo será tratado o tema da Transposição Didática e do Fracasso Escolar.

Capítulo 3 – Neste capítulo será apresentada a parte empírica do trabalho. Mostrará como os dados foram coletados, e seus resultados.

Capítulo 4 – Algumas considerações serão apresentadas, tendo este capítulo a preocupação em fazer uma intercessão entre o referencial teórico e os resultados da análise de dados.

Esses capítulos se relacionam conforme esquema a seguir:



**Figura 01:** Relação entre os capítulos do trabalho

**PARTE I – REVISÃO DE LITERATURA**

## CAPÍTULO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Modelo Tradicional de Ensino

#### 2.1.1. Conceito

Moran (2012) inicia seu livro, *A Educação que Desejamos – Novos Desafios e Como Chegar Lá*, com uma triste e atroz afirmativa: “**A Escola é pouco atraente**”. O mesmo autor ainda faz uma importante constatação ao afirmar que, infelizmente, a escola não evolui no mesmo ritmo que a sociedade. Observa-se que neste contexto os alunos se encontram em uma dicotomia, vivem em um mundo social vivo e atraente, e estudam em mundo escolar monótono e fatigante. A escola não atrai seus alunos. Para isso precisa se reinventar e tornar-se mais cativante, atraente e, por que não, mais dinâmica ao olhar do educando. Para Moran,( 2012, p. 8)

Temos de oferecer-lhes uma educação instigadora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino. Milhões de alunos estão submetidos a modelos engessados, padronizados, repetitivos, monótonos, previsíveis, asfixiantes.

Vivemos em uma sociedade de progressivas transformações; entretanto, esse dinamismo não alcançou sua plenitude na escola, em especial, na sala de aula na prática de ensino e na aprendizagem. O processo pedagógico precisa-se comunicar com essa nova realidade, adotando metodologias mais participativas que transformem os alunos em seres mais pensantes e mais ativos, com aulas mais voltadas para o aluno do que para os conteúdos. Infelizmente, nas escolas, predominam as aulas expositivas, que pouco proporcionam a participação ativa do aluno. Charlot, (2017, p.150 e 151) comenta sobre essa inadaptação da escola frente à sociedade moderna.

A escola transmite um saber fossilizado que não leva em conta a evolução rápida do mundo moderno; sua potência de informação é fraca comparada à dos *mass media*; a transmissão verbal de conhecimentos de uma pessoa para outra é antiquada em relação às novas técnicas de comunicação: a produtividade econômica da escola parece, assim, insuficiente. (...) Enfim, a escola, fundamentalmente conservadora, assegura a transmissão de uma cultura que deixou de tornar inteligível o mundo em que vivemos e que desconhece as formas culturais novas que tomam cada vez mais lugar em nossa sociedade. A escola, fechada em si mesma, rotineira,

prisioneira de tradições ultrapassadas, vê-se assim acusada de ser inadaptada à sociedade cultural atual.

Escolas engessadas pelo rigoroso modelo tradicional de ensino não são atrativas para as novas gerações de alunos tecnologicamente conectados. A escola do século XXI, centrada no modelo tradicionalista de ensino com um grau de oferta tecnológica inferior à que o aluno vem utilizando em seu dia a dia, tornou-se um peso. Os alunos rejeitam fortemente esse modelo, desejam uma escola diametralmente oposta. Não querem ser reféns de um modelo onde o conteúdo transferido venha pronto e “concluído”, e onde o aluno deva assumir um papel passivo.

O aluno não quer mais vestir a roupagem de aluno que apenas coleciona a informação a ele repassada, não assumindo o caminho de sua aprendizagem com questionamentos e problematizações. Esse aluno passivo não tem dúvida, não interfere no curso da aula ministrada. O modelo que está em xeque valoriza como “bom” aluno aquele que não questiona seu mestre, que não checa o conhecimento do professor, que não dá trabalho. Nesse modelo tradicional, os planos e materiais didáticos feitos pelo professor em um ano podem e, comumente são reutilizados de forma mecânica para as turmas vindouras sem serem atualizados ou terem contribuições incorporadas dos discentes. Neste mesmo sentido, Mota & Scott (2014, p.63) afirmam:

Os tempos estão acelerados e a escola baseada nas demandas da Revolução Industrial está ficando para trás, afastando-se no tempo e no espaço das necessidades do mundo contemporâneo. O próprio conceito de sala de aula demanda ser modificado, desde que a aula começa muito antes do ambiente físico da sala de aula.

Seguindo essa linha de raciocínio, Vasconcelos (1992, p. 2), ainda que algumas décadas atrás, descreve detalhadamente uma aula dentro desse Modelo Tradicional de Ensino, que infelizmente predomina até os dias de hoje.

-Apresentação do ponto;

-Resolução de um ou mais exercícios modelo; - Proposição de uma série de exercícios para os alunos resolverem. O professor dá o ponto e pode até perguntar: "alguma dúvida?", "você entenderam, né?", antes de passar para os exercícios de aplicação e dar a lição de casa. Mas os alunos nem se dispõem a apresentar as dúvidas, pois já sabem, por experiências anteriores, que

essa pergunta é meramente formal, ou seja, de modo geral, o professor não está interessado na dúvida do aluno, nem disposto a explicar novamente. No caso de haver dúvida, a tendência é o professor atribuí-la a problemas do aluno, quando não sentir-se ofendido em sua capacidade de explicar. Se explica novamente, o faz da mesma forma, apenas repetindo. O educando, conseqüentemente, não tem campo psicológico para se expressar, já que o que importa é a exposição do professor. São comuns frases do tipo: "Não gosto de ser interrompido quando estou falando!" "O aluno perguntar, corta a ideia, o pensamento"; "Preste atenção que eu explico uma vez só". Quando o professor pede para que as perguntas sejam feitas depois da sua explicação, nós já sabemos o que ocorre: deixa-se para lá a dúvida que se tinha, pois, posteriormente, fica até fora de contexto; poucos são os alunos que são fiéis às suas dúvidas e o professor parece não se incomodar muito com isto (na verdade, acaba gostando, pois "ganha tempo" para cumprir o programa).

O pensamento de Libâneo (2008, p.24), não é diferente. Para ele, quando o modelo supracitado de ensino esbarra na relação professor-aluno e este pertence ao estilo magistrocêntrico, a situação tende a piorar, visto que nessa relação o conhecimento é centrado no professor. A metodologia desse modelo de ensino reforça esta relação, pois, a participação do aluno nessa relação é praticamente de receptor das informações, dificultando a comunicação entre eles no decorrer de toda a aula.

Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. O professor transmite o conteúdo na forma de verdade a ser absorvida; em consequência, a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio.

Saviani (2008, p.18) também faz crítica a esse Modelo Tradicional de Ensino, ao se posicionar descrevendo que as escolas que adotam esse modelo se organizam em classes padronizadas, cada uma com um professor que apresenta suas aulas/lições de forma expositiva, enquanto os alunos disciplinadamente devem segui-lo, de forma a serem capazes de resolver os exercícios propostos.

Ao entusiasmo dos primeiros tempos suscitado pelo tipo de escola acima descrito de forma simplificada, sucedeu progressivamente uma crescente decepção. A referida escola, além de não conseguir realizar seu desiderato de universalização (nem todos nela ingressavam e mesmo os que ingressavam nem sempre eram bem sucedidos) ainda teve de curvar-se ante o fato de que nem todos os bem sucedidos se ajustavam ao tipo de sociedade que se queria consolidar.

Começaram, então, a se avolumar as críticas a essa teoria da educação e a essa escola que passa a ser chamada de escola tradicional.

Paulo Freire (2010) entende que a prática do Modelo Tradicional de Ensino é uma opressão. Quase tudo no processo ensino e aprendizagem se reduz ao professor, que introduz as lições nos alunos, preocupando-se somente com o resultado final. Por tal opressão, Paulo Freire a denominou de Pedagogia do Oprimido. Sob essa ótica, os alunos são tratados como recipientes vazios em que o educador deve depositar os conteúdos, ou seja, o professor é dono do saber e os alunos são os ignorantes, os que não sabem nada.

Dewey (1959) argumenta como esse modelo ainda é tão arraigado na prática, inviabilizando um modelo ativo e dinâmico, favorável ao envolvimento e desenvolvimento do aluno. Dessa forma Dewey (1959, p.41) coloca a questão:

Qual a razão por que, apesar de geralmente condenado, o método de ensino de verter conhecimentos – o mestre – e o absorvê-los passivamente – o aluno – ainda persiste tão arraigadamente na prática? Que a educação não consiste unicamente em “falar” e “ouvir” e sim em um processo ativo e construtor, é princípio quase tão geralmente violado na prática, como admitido na teoria. Não é essa deplorável situação devida ao fato de ser matéria meramente exposta por meio da palavra?

O pensamento de Paulo Freire se aproxima da filosofia de Dewey quando ambos convergem seus pensamentos para a valorização da autonomia do aluno. Acreditam que essa autonomia seja essencial para construir um aluno mais crítico, flexível e criativo, através de um ensino que tenha significado para sua vida. Por isso, tanto Freire como Dewey se preocupam com a banalização do processo de ensino e aprendizagem, quando esse processo se torna algo enrijecido, e entrega todo o conhecimento pronto e acabado para o aluno. Para Paulo Freire, o educador que “castra” o interesse do aluno em detrimento à memorização mecânica do ensino, poda a liberdade e a capacidade de aventurar-se pelos caminhos do saber, de modo a não formá-lo e sim, a domesticá-lo. Em seu artigo, Ferrari (2008, p.) destaca:

A filosofia deweyana remete a uma prática docente baseada na liberdade do aluno para elaborar as próprias certezas, os próprios conhecimentos, as próprias regras morais. Isso não significa

reduzir a importância do currículo ou dos saberes do educador. Para Dewey, o professor deve apresentar os conteúdos escolares na forma de questões ou problemas e jamais dar de antemão respostas ou soluções prontas. Em lugar de começar com definições ou conceitos já elaborados, deve usar procedimentos que façam o aluno raciocinar e elaborar os próprios conceitos para depois confrontar com o conhecimento sistematizado. Pode-se afirmar que as teorias mais modernas da didática, como o construtivismo e as bases teóricas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, têm inspiração nas ideias do educador.

Nessa mesma linha de raciocínio Saviani (2008), classifica o método tradicional como intelectualista e enciclopédico, visto que trabalha os conteúdos separadamente da experiência do aluno e das realidades sociais. Esse modelo de ensino perpetua até os dias de hoje, causando um descompasso entre os modelos tradicionais de ensino e as novas demandas da sociedade. Em pleno século XIX, até o formato físico da maioria das salas de aulas permanecem imutáveis e o professor se destaca com o dom da verdade, impossibilitando um diálogo rico entre os alunos sob a mediação do professor. A aula se transforma em um ambiente enfileirado e impassível. Para Charlot (2017, p.164 e 165)

A classe tradicional é um espaço orientado segundo um eixo de trás para diante. Na frente o mestre empoleirado em seu estrado, que lhe permite ver cada um, e dispondo do quadro negro sobre o qual se inscreve a verdade. Em face do mestre, as crianças, que não são separadas dele senão por costas; assim se realiza materialmente o face-a-face do mestre e da verdade com cada criança, vendo cada uma apenas o mestre. Os progressos do mobiliário escolar permitiram ainda melhorar o sistema: passando do banco à carteira de dois lugares, depois à carteira individual, reduziu-se a seu mínimo as possibilidades de comunicação direta entre as crianças. O inconveniente essencial dessa organização do espaço é que, quando o mestre se vira para o quadro-negro, não há nada mais na classe senão pessoas que voltam as costas!

Para ampliar essa análise teórica sobre o Modelo Tradicional de Ensino é de grande valia, atermos a pesquisa da Universidade de Washington, que ainda que se remeta ao ensino universitário exemplifica muito bem a discussão em questão. Essa pesquisa revela que as palestras tradicionais são ineficientes em relação a métodos de aprendizagem mais ativos e estimulantes. Os resultados alcançados foram publicados na *Proceedings of the National Academy of Sciences*, e revela que as abordagens de ensino que transformam os alunos em participantes ativos, em vez de apenas ouvintes, reduzem taxas de reprovação e impulsionam notas em cerca de 6%.

Vale ressaltar que nessa pesquisa, palestras tradicionais, tiveram como definição como sendo “...exposição contínua pelo professor”. Ao fazer essa definição, a pesquisa, considera que essa ação limita o aluno a meramente à tomada de notas e/ou perguntas ocasionais e não solicitadas do instrutor.

De forma ilustrativa, citar-se-à a seguir alguns resultados dessa pesquisa:

Students performing in the 50th percentile of a class based on traditional lecturing would, under active learning, move to the 68th percentile of that class (13)—meaning that instead of scoring better than 50% of the students in the class, the same individual taught with active learning would score better than 68% of the students being lectured to.<sup>1</sup>

Given that the raw failure rate in this sample averaged 33.8% under traditional lecturing and 21.8% under active learning, the data suggest that 3,516 fewer students would have failed these STEM courses under active learning.<sup>2</sup>

### *2.1.2. Características*

Após analisada a percepção de alguns autores a respeito do Modelo Tradicional de Ensino, é fundamental que se caracterize esse modelo, para dar uma maior abrangência a este estudo.

Libâneo (2008) em seu livro, “Democratização da Escola Pública: a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos”, apresenta as características e tendências das diferentes pedagogias. Atendo-nos apenas ao Modelo Tradicional de Ensino, Libâneo (2008) observa que esse modelo se caracteriza em distinguir o que é papel da sociedade e o que é papel da escola. Na sua análise, a escola tradicional se firma no compromisso da preparação intelectual e moral dos alunos. O caminho cultural para o saber é idêntico para todos os alunos, e aqueles que não conseguem acompanhar os demais, são

---

<sup>1</sup> (Tradução: Os alunos que realizam no percentil 50 de uma turma baseada em palestras tradicionais passariam, no aprendizado ativo, para o 68º percentil dessa classe ( 13 ) - significando que em vez de marcarem melhor do que 50% dos alunos da turma, Mesmo indivíduo ensinou com aprendizagem ativa seria pontuação melhor do que 68% dos alunos a ser ministrada.) – (TRADUÇÃO PRÓPRIA)

<sup>2</sup> (Tradução: Dado que a taxa bruta de insucesso nessa amostra foi de 33,8% no ensino tradicional e de 21,8% no ensino ativo, os dados sugerem que 3.516 alunos menos teriam falhado nos cursos STEM sob aprendizado ativo.) (TRADUÇÃO PRÓPRIA)

encaminhados a buscar um ensino mais profissionalizante. Nesse modelo de ensino os conteúdos não são associados a realidade do aluno, por isso se tornam alvo de críticas, tomam uma dimensão intelectualista e enciclopedista. As aulas são verbais e demonstrativa e previsíveis, com o controle total do professor, que tende a disciplinar a mente dos alunos com atividades repetitivas e com atividades de memorização. O professor se faz a autoridade máxima, o dono do saber, não permitindo conversa/diálogo durante as aulas. A aprendizagem é receptiva e mecânica, e a transposição didática se dá pelo treino contínuo. Libâneo (2008) sintetiza que esse modelo independe da escola, seja ela religiosa ou laica, é o que predomina em nossa história educacional.

Mizukami (2016) em sua obra, “Ensino: As Abordagens do Processo”, apresenta características do Modelo Tradicional de Ensino em suas diferentes manifestações, apoiada sobre as considerações de vários autores defensores de posições discordantes em relação ao ensino supracitado.

A partir dessa abordagem, observa-se que esse Modelo de Ensino tange para uma hierarquização dos indivíduos em seu contexto social, por possuir uma abordagem individualista do processo. As provas e os exames são os instrumentos mensuradores do processo de ensino e aprendizagem, os alunos que não apresentarem um mínimo pré-estabelecido, estão reprovados. Assim, atribui ao aluno um papel insignificante na elaboração e aquisição do conhecimento, cabendo ao mesmo apenas decorar e memorizar o conteúdo oferecido a partir de um esquema atomístico. Para Mizukami, (2016, p.11) “a Abordagem tradicional é caracterizada pela concepção de educação como produto, já os modelos a serem alcançados estão pré-estabelecidos, daí a ausência de ênfase no processo”.

Mizukami (2016), completa caracterizando a escola como um ambiente por excelência restritiva, em sua maioria das vezes, a um processo sistemático de transmissão de informação. A relação social estabelecida é vertical, da autoridade intelectual/moral, do professor para o aluno. A socialização entre os alunos é reduzida, predominando a participação individual de cada um deles. Esse modelo de ensino, não facilita a transferência de aprendizagem, ignora as diferenças individuais, pois o método é estático, ou seja, não varia. A preocupação se restringe a quantidade de

conceitos/informações oferecidas ao aluno, e não a qualidade de um pensamento reflexivo. As tarefas de aprendizagem em sua maioria são padronizadas o que gera um automatismo, para Mizukami, (2016, p.14)

Ao cuidar e enfatizar a correção, a beleza, o formalismo, acaba reduzindo o valor dos dados sensíveis ou intuitivos, o que pode ter como consequência a redução do ensino a um processo de impressão, a uma pura receptividade.

A expressão tem um lugar proeminente, daí esse ensino ser caracterizado pelo verbalismo do mestre e pela memorização do aluno.

Ainda seguindo a linha de pensamento desta mesma autora, no Modelo Tradicional de Ensino a relação professor-aluno é vertical, o professor é quem dita as regras e ações internas em sala de aula, a relação não é de reciprocidade, inexistente uma relação de troca entre aluno e professor e entre os próprios alunos. Nesse processo a metodologia é quase sempre a mesma. O professor na frente da sala com toda a situação em seu pleno controle e os alunos enfileirados ouvindo, quase como um “auditório”. Na visão de Mizukami (2016, p.15), “a utilização frequente do método expositivo, pelo professor, como forma de transmissão de conteúdo, faz com que muitos concebam o magistério como uma arte centrada no professor”.

Nessa metodologia o processo é meio robótico, o professor fala e o aluno ouve. O professor traz o conteúdo pronto e o aluno absorve. O professor segue seu conteúdo programático e o aluno “corre atrás” do jeito que der. O professor enche os alunos de exercícios/perguntas que devem ser respondidas praticamente idênticas as aulas ministradas, semelhante ao “método maiêutico”. *A posteriori* o professor aplica uma avaliação/prova, para aferir quem aprendeu. O aprender aqui se torna subjetivo, uma vez que está estabelecido socialmente quem tirar mais nota, aprendeu mais e deve ter uma melhor projeção. Resumidamente quem decorou mais ou reteve o maior número de informações possíveis, atingiu o objetivo proposto.

Saviani (2008, p.18) também dá suas contribuições a respeito da Modelo Tradicional de Ensino ao caracterizá-la como uma pedagogia que centraliza toda a ação educativa no professor e ao aluno cabe assimilar o que é passado, ao afirmar.

Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente.

Podemos inferir da leitura de Saviani (1992) algumas características do Modelo Tradicional de Ensino dentro as quais destaco a pequena evolução ao longo do tempo desde a sua concepção, se reduzindo apenas a transmissão de conteúdos, o formalismo, o unilateralismo do conhecimento e por um modelo de aula cartesiano. Podemos ilustrar essa inferência com o seguinte trecho de Saviani (2008. p.56):

Eis, pois, a estrutura do método; na lição seguinte começa-se corrigindo os exercícios, porque essa correção é o passo da preparação. Se os alunos fizerem corretamente os exercícios, eles assimilaram o conhecimento anterior, então eu posso passar para o novo. Se eles não fizeram corretamente, então eu preciso dar novos exercícios, é preciso que a aprendizagem se prolongue um pouco mais, que o ensino atente para as razões dessa demora, de tal modo que, finalmente, aquele conhecimento anterior seja de fato assimilado, o que será a condição para se passar para um novo conhecimento.

## **2.2. Modelo Construtivista de Ensino**

### *2.2.1 Conceito*

Podemos começar falando do construtivismo citando Fava (2014) que nos apresenta que o construtivismo é uma filosofia de aprendizagem, onde o aluno interage com o meio no qual está inserido construindo seu conhecimento.

O construtivismo é uma filosofia de aprendizagem que se funda na premissa de que o estudante constrói o próprio conhecimento refletindo as experiências pessoais vivencidas no ambiente em que está inserido. A aprendizagem consiste, portanto, no processo de ajustamento dos modelos mentais à acomodação de novas experiências. Em vez de absorver simplesmente os conceitos, imagens, princípios transmitidos pelo docente, o estudante é incentivado a criar, desenvolver, produzir as próprias ideias.

Piaget (2011) ao desenhar a proposta construtivista para o ensino teve por base as ideias que já trabalhava na psicologia cognitiva, ou seja, considerava que o conhecimento humano é construído em ambientes naturais de interação social, estruturados culturalmente. Podemos então afirmar que para Piaget o aluno constrói seu próprio aprendizado baseando-se em suas experiências num processo de dentro para fora. Essa interpretação fica reforçada por Fava (2014) que expõe que o Construtivismo contrapõem ao Modelo de Ensino Tradicional, ““cuspe e giz”, no qual privilegia a audição em detrimento a fala e da participação efetiva do estudante”. Veremos que esse novo paradigma de ensino na verdade não é exatamente uma metodologia e sim uma postura em relação à aquisição do conhecimento”.

Poderíamos ampliar neste referencial teórico os vários outros tipos de modelo de ensino e trazer toda a contextualização histórica desses processos na área da educação. Para o fim do trabalho proposto, será suficiente apenas uma breve análise cronológica dos fatos que levaram o surgimento do Modelo Construtivista de Ensino. Far-se-á necessário expor essa breve análise para compreendermos a evolução dos pensamentos que tangiam as discussões no início da década de 1920/30 de alguns educadores/estudiosos que defendiam uma mudança na educação em detrimento ao modelo tradicional adotado. Outra preocupação é evitar que fique uma lacuna de entendimento do surgimento do modelo aqui referenciado. Por isso, nos limitaremos, a uma breve síntese desse contexto, e nos dedicaremos mais a miúdo à análise do Modelo Construtivista de Ensino. Esse recorte se justifica, uma vez que contrapõem ao modelo anteriormente analisado, o Modelo Tradicional, e reforçar o foco deste estudo, os impactos do Modelo de Ensino Tradicional na transposição didática. Visto que esse modelo perpetua até os dias atuais.

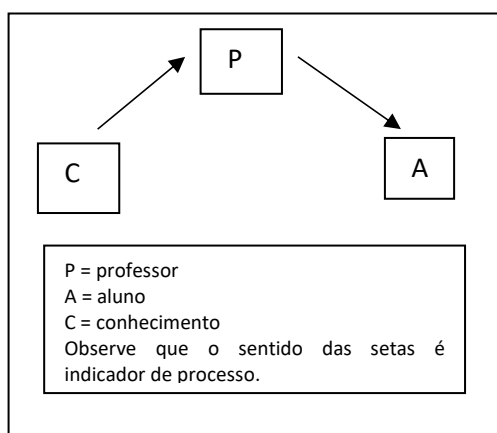
Por parte de los alumnos, a través de esta estrategia de enseñanza, se debe llegar a desarrollar un aprendizaje basado en el construccionismo del conocimiento, por lo que en este caso el rol del docente en el proceso es fundamental, ya que se convierte en un facilitador del aprendizaje y un guía, así como la participación de los alumnos en su proceso de aprendizaje, la que debe ser totalmente activa; el alumno es el que, a partir de las distintas propuestas metodológicas, genera su propio conocimiento. (Chahuán-Jiménez, K. 2009 , p.1)

Para maior compreensão dos alunos que participaram do inquérito (questionário) deste estudo, que estará evidenciado em capítulo a seguir, conceituamos o Modelo Construtivista de Ensino como a prática onde o professor não é o transmissor exclusivo do conhecimento, as metodologias (formato) das aulas são variadas e há uma participação mais efetiva do aluno.

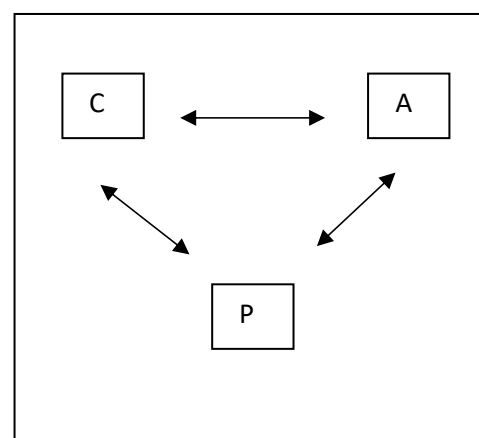
Para respaldar esse conceito mais amplo de construtivismo, baseamos na definição de Becker (2012, p.73) ao apontar que:

Construtivismo na educação poderá ser a forma teórica ampla que reúna as várias tendências atuais de pensamento educacional. Tendências que têm em comum a insatisfação com um sistema educacional que teima (ideologia) em continuar essa forma particular de transmissão que é a escola, que consiste em fazer repetir, receitar, aprender, ensinar o que já está pronto, em vez de fazer agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida por alunos e professores, isto é pela sociedade – a próxima e, aos poucos, as distantes. A educação deve ser um processo de construção de conhecimento ao qual ocorrem, em condição de complementariedade, por um lado, os alunos e professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído (“acervo cultural da humanidade”).

Para termos uma ideia dessa dicotomia, entre o modelo de ensino Tradicional e o Construtivista na relação, professor-aluno e conhecimento, podemos usar o conceito de Moretto (2011), que de forma simples e objetiva representa esse antagonismo conforme esquema representado na figura abaixo.



**Figura 02:** Modelo Tradicional de Ensino  
Fonte: Moretto (2011, p.99)



**Figura 03:** Modelo Construtivista  
Fonte: Moretto (2011, p.102)

O antagonismo entre esses dois modelos fica claro no papel do professor (P) na transposição do conhecimento (C), observa-se que na figura 2, no Modelo Tradicional de Ensino, o professor (P) é o transmissor de informação, ou seja, o pivô na relação entre o conhecimento (C) e o aluno (A), em um modelo rígido e definido. Já na figura 3, o professor (P) já se torna um mediador (catalisador) da conexão entre o conhecimento (C) e o aluno (A). Nas palavras do próprio Moretto (2011, p.103):

Ao professor, nesse contexto, é atribuída a função de criar as condições mais favoráveis à aprendizagem do aluno. O ensino adquire, assim, uma nova conotação: ele deixa de ser uma transmissão de conhecimentos (verdades prontas), para ser um processo de elaboração de situações didático-pedagógicas que facilitem a aprendizagem, isto é, que favoreçam a construção de relações significativas entre componentes de um universo simbólico.

Para Piaget o professor é um ator importante no processo de ensino, mas esse assume um papel de espectador do desenvolvimento favorecendo os processos autônomos dos alunos de descobrir conceitos.

O construtivismo se baseia nas ideias de Jean Piaget, reverenciado como um dos maiores especialistas em relação ao processo de construção e aquisição de conhecimento voltado para crianças. Vários outros estudiosos seguem essa mesma linha de estudo, entre eles, Vigotsky, Leontiev, Ferreiro e Becker. A linha de pesquisa Construtivista expandiu na América Latina, principalmente na Argentina e no Brasil.

Segundo Santos (2014), Vygotsky foi outro dos grandes estudiosos do Método Construtivista, que defendeu que o desenvolvimento cognitivo não pode ser entendido sem referência ao contexto social, histórico e cultural em que ocorre.

Segundo o Glossário CEALE,

Historicamente, as bases teóricas que sustentam as apropriações pedagógicas “construtivistas” se estruturaram nas primeiras décadas do século XX, representadas pela Epistemologia Génética do suíço Jean Piaget e pela Psicologia sócio-histórica dos soviéticos Vygotsky, Luria e Leontiev. A expansão mais acentuada das práticas construtivista ocorreu na América Latina, com destaque para a Argentina e Brasil (décadas de 1970-1980), que passaram a aglutinar núcleos de pesquisas, centros experimentais e de formação profissional, além de redes escolares públicas ou privadas receptivas à proposta, especialmente na escolarização inicial da alfabetização. (CEALE, 2014)

Para Menezes all (2001)

É uma teoria sobre a produção do conhecimento. Entende que o homem aprende motivado por uma necessidade real, por meio de interações com os objetos do conhecimento. Se contrapõe radicalmente ao ensino pela repetição exaustiva. O aluno, que não nasce inteligente, segundo essa teoria, deve ser o protagonista do próprio processo cognitivo. Em outras palavras, diante dos estímulos externos, deve agir sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada.

O referencial teórico do construtivismo vem do psicólogo francês Jean Piaget, mas sua aplicação ganhou importância com os estudos da psicóloga argentina Emília Ferreiro sobre o processo de leitura e escrita das crianças. No Brasil, a partir da década de 80, escolas começaram a utilizar o construtivismo em sala de aula, que mudaram radicalmente a forma de alfabetizar as crianças e, gradualmente, influenciou também o ensino das outras disciplinas.

Para melhor compreensão da análise desse modelo de ensino em questão, fazer-se-á entender que o Modelo Construtivista, evidencia uma continuidade do movimento Escola Nova, que criticava veemente o Modelo Tradicional de Ensino, e por consequência fez surgir o movimento de renovação pedagógica o que pode ser percebido nas palavras de Gadotti (2005, p.142)

A teoria e a prática escolanovista se disseminaram em muitas partes do mundo, fruto certamente de uma renovação geral que valorizava a autoformação e a atividade espontânea da criança. A teoria da Escola Nova propunha que a educação fosse instigadora da mudança social e, ao mesmo tempo, se transformasse porque a sociedade estava em mudança.

Destaco aqui que o movimento escola nova foi o movimento que surgiu na Inglaterra em fins do século XIX e se difundiu pela Europa e EUA para então na década de 1920 ser introduzido no Brasil. Esse movimento acolheu pela primeira vez as diferenças individuais se tornando antagonico ao modelo tradicional ainda que como esse também se declarava politicamente neutro.

O movimento da Escola Nova, segundo Antunes (2010), apontou de forma discreta no Brasil no final do século XIX, e somente no século seguinte despontou de forma ruidosa, não como uma revolução ou algo parecido, mas sim como reflexo da popularização de pensamentos novos que questionavam a escola convencional e que se mostravam em estudos/ações de Pestalozzi (1746 -1827), Dewey (1859 – 1952), Steiner

(1861 – 1925), Montessori (1870 -1952), Piaget (1896 – 1980), Makarenko (1888 – 1939), Decroli (1870 – 1932), Freire (1921 – 1997) e vários outros. Antunes (2010, p.18 e 19), assim discorreu:

O final do século XIX e o início do XX mostraram-se extremamente férteis em realizações educacionais. Existe extraordinário abismo entre a educação desenvolvida no século XVIII e a que agora se desenvolve, e a transição e a gestação dos novos momentos operou-se nesse período. A Escola Nova, portanto, constituiu um aspecto de todo um imenso movimento transformador de uma época renovadora, entre os séculos XIX e XX.

Um dos pioneiros da Escola Nova foi o educador, Ferrère (1879 -1960) talvez o mais entusiasta da escola ativa/mova na Europa, pregando que o ideal da escola ativa é o impulso pelas atividades espontâneas, pessoais e produtivas. Criticava o Modelo Tradicional por considerar esse método o responsável por entristecer a escola. Sua preocupação era colocar a criança no centro das perspectivas educativas. Gaddotti (2011, p.143),

Ele criticava a escola tradicional afirmando que ela havia substituído a alegria de viver pela inquietude, o regozijo pela gravidade, o movimento espontâneo pela imobilidade, as risadas pelo silêncio.

Em oposição à Escola Tradicional, a Escola Nova apresenta a forma de aprendizagem por descoberta a partir do interesse do aluno, que basicamente aprende pela experiência, por uma caminhada mais autônoma. O professor adapta sua metodologia as condições individuais dos alunos, tornando a escola um ambiente mais dinâmico e alegre.

Assim sendo, Saviani (2008, p.21) confere a Escola Nova como uma pedagogia que advoga um tratamento diferenciando a partir da “descoberta” das diferenças individuais.

O professor agiria como um estimulador e orientador da aprendizagem cuja iniciativa principal caberia aos próprios alunos. Tal aprendizagem seria uma decorrência espontânea do ambiente estimulante e da relação viva que se estabeleceria entre estes e o professor. (...) Em suma, a feição das escolas mudaria seu aspecto sombrio, disciplinado, silencioso e de paredes opacas, assumindo um ar alegre, movimentado, barulhento e multicolorido.

Aqui vale destacar que nesse momento a busca da escola nova não era um modelo que abrigava a todos os alunos que ali deveriam se encaixar, mas muito pelo contrário, almejava-se um modelo flexível onde o processo de aprendizado se adaptava a individualidade do aluno, respeitando seus tempos e comportamentos.

Para Dewey, outro defensor da Escola Ativa, sustentava que a escola que se fundamentava nos princípios da Escola Nova, deveria propor a atividade pessoal dos alunos, pela sua ação, “*learning by doing*”, para ele a escola não é um produto e sim um processo permanente da eficiência individual. Colocando o aluno como o centro de seu aprendizado. Gadotti (2011, p.144) assim analisava esse ponto de vista:

Essa atitude necessitava de métodos ativos e criativos também centrado no aluno. Assim, os métodos de ensino significaram o maior avanço da Escola Nova. Muitas foram as contribuições neste sentido. Citamos por exemplo, o método dos projetos, de Willian Heard Kilpatrick (1871-1965), centrado numa atividade prática dos alunos, de preferência manual. Os projetos poderiam ser manuais, como uma construção; de descoberta, como uma excursão, de competição, como um jogo; de comunicação, como a narração de um conto, etc. A execução de um projeto passaria por algumas etapas: designar o fim, preparar o projeto, executá-lo e apreciar o seu resultado.

Esse modelo escolanovista se legitimou durante o século XX, sendo que no Brasil ganhou notoriedade a partir de 1930, e se sustentou por várias décadas, porém devido à forma espontânea pela qual esse método defendia a aquisição do conhecimento por parte do aluno, passou a receber críticas e foi obrigado a assumir novos formatos, entre os quais o Modelo Construtivista, que seguramente um dos modelos mais difundido na atualidade.

Foi necessário ao discorrer sobre o modelo construtivista partimos de duas premissas fundamentais:

- A ideia de que a transmissão de conhecimento ocorre em via única, base do modelo anterior, é aqui abandonada.
- O aluno é encarado como um ser único e complexo. O que dota cada um com seu próprio ritmo e forma de aprendizado.

O conjunto dessas duas premissas passa, portanto a exigir um modelo que encare o aluno como um ator ativo em seu processo de aprendizado. A consequência direta é um

modelo educacional onde se admite tantas formas de aprendizagem quanto são os interlocutores da dinâmica aluno/professor e uma aprendizagem que favorece as trocas que ocorrem sempre em mão dupla.

Assim sendo, Zabala (2014, p.96), argumenta,

A maneira de ver o aluno(...) é essencial na manifestação do interesse por aprender. O aluno encontrará campo seguro num clima propício para aprender significativamente, num clima em que se valorize o trabalho que se faz, (...) num marco de relações em que predomine a aceitação e a confiança, num clima que pontencializa o interesse por aprender e continuar o processo pessoal de construção de conhecimento.

Para alcançar esse resultado, o professor na sua prática de sala de aula deve se readequar e diversificar suas metodologias para que progressivamente alcance uma gradação na aprendizagem dos alunos e em consequência favoreça o processo de ensino e aprendizagem.

### *2.2.2. Características*

Quando vamos apresentar características do construtivismo se faz necessário e oportuno começarmos pelo papel dos atores, aluno e professor. O primeiro deixa de ser visto pelo segundo como um copo vazio que deve ser preenchido unicamente com o saber que ele se dispõe a passar de forma unilateral e repetitivamente. No Modelo Construtivista de Ensino o aluno é um ser ativo e que, portanto, interage naturalmente com o mundo que o cerca sendo detentor de uma bagagem que sustenta e direciona seu aprendizado. O professor desce do púlpito, deixando de ser o dono único do saber, e estabelece uma relação de tutoria com seu aprendiz. Nesse novo modelo ao mesmo tempo que ensina o professor aprende. Santos (2014, p.22) corrobora com essa ideia ao afirmar que o “papel do professor na sala de aula é extremamente importante na implementação de um ensino construtivista, pois ao contrário do que se pensa, o professor construtivista não tem um papel passivo dentro da sala de aula, assume sim um papel de mediador e facilitador na aprendizagem dos alunos”.

Solé &Coll (2010, p.24), completam que na concepção construtivista o aluno aprende e se desenvolve na medida que os conteúdos fazem significado para o mesmo, e o professor se torna o guia/mediador desse processo, favorecendo circunstâncias diversas de aprendizagem.

Essa construção inclui a contribuição ativa e global do aluno, sua disponibilidade e conhecimentos prévios no âmbito de uma situação interativa na qual o professor age como guia mediador entre a criança e a cultura, e dessa mediação – que adota formas muito diversas, como exige a diversidade de circunstâncias e de alunos – depende em grande parte o aprendizado realizado. Este, por último, não limita sua incidência às capacidades cognitivas, entre outras coisas porque os conteúdos da aprendizagem, amplamente entendidos, afetam todas as capacidades: repercute no desenvolvimento global do aluno.

Brengunci (2016, p.22) reforça esse quesito ao dizer:

O papel de um professor construtivista tem sido entendido como o de um mediador e equilibrador de situações de aprendizagem de interação e de conflitos que ocorrem em sala de aula. A principal diferença, em relação a uma postura considerada tradicional, consiste em aceitar que também o aluno possui um repertório de conhecimento ao entrar na escola e continua nessa construção. Assim, não cabe ao professor apenas transmitir o que ele sabe ou o que já se encontra sistematizado, e sim compreender conceitos e vivências reveladas pelos alunos a partir de seu universo sociocultural.

Outro ponto muito importante a salientar é que as relações entre os alunos são estimuladas pois se acredita que os debates em grupo são excelentes oportunidades para o desenvolvimento e organização do pensamento e conseqüentemente do conhecimento. Santos (2014, p.25) reforça e amplia essa característica ao nos fazer refletir que:

Além da autonomia e iniciativa sempre fomentada nas aulas construtivistas, a criatividade é também estimulada. Muitos professores são unânimes em afirmar que quando promovem aulas de cariz construtivista os alunos usam mais a sua imaginação, não se restringindo aos conteúdos programáticos, pois mais importante do que o certo/errado e o completo/incompleto, é a liberdade que lhe é dada para expor as suas ideias e trocar opiniões sobre uma determinada temática.

A dinâmica da sala de aula agora é conduzida e direcionada também pelo querer e curiosidade dos alunos, as questões e dúvidas são acolhidas com respeito pelo professor

que entende estar nelas contidas importantes discursões que levaram à construção do conhecimento. Os conteúdos ministrados trazem significância pois os problemas que são apresentados aos alunos são cheios de significados uma vez que estão fortemente vinculados ao contexto real de vida do aluno e que esse interage ativamente com o objeto estudado.

Seguindo esse mesmo raciocínio, Coll, (2010, p.23) apresenta sua opinião a cerca dessa construção do conhecimento, ao destacar a congruência entre o professor, o aluno e o conhecimento. Acredita que a autonomia dada pelo professor somada a valorização do conhecimento cultural trazida pelo educando é o que possibilitará a construção de significado por parte do aluno.

O motor de todo esse processo deve ser buscado no sentido a ele atribuído pelo aluno; no sentido intervêm os aspectos motivacionais, afetivo-relacionais que se criam e entram em jogo a propósito das interações estabelecidas em torno da tarefa.

O professor nessa nova posição de facilitador da construção individual do conhecimento, além de perder a rigidez do professor do modelo tradicional está mais flexível em relação as suas cobranças. As avaliações são aplicadas muito mais como ferramentas que auxiliam na aprendizagem do aluno ao clarificar para o professor a maturidade de aprendizado do que como um instrumento disciplinador e punitivo.

Para Santos (2014, p.24)

se o professor pretende desenvolver um ensino construtivista na sala de aula, este terá necessariamente de utilizar processos de avaliação baseados neste método, não se pode promover uma aula construtivistas e em seguida, aplicar um teste de escolha múltipla para verificar se o aluno compreendeu ou não os conteúdos lecionados. O processo de avaliação dos alunos deve englobar a participação e interação aluno professor, a observação das interações aluno-aluno, a observação regular do trabalho do aluno na sala de aula, as suas ideias e as suas realizações.

Sem dúvida esse processo exige muito mais do professor que o aceita por entender que como o conhecimento foi amplamente elaborado e construído em parceria com seu tutorado se esse teve sucesso em suas avaliações significa que ele enquanto mentor/tutor o conduziu por caminhos corretos e profícuos.

Moretto (2015), ao ser referir à avaliação baseada no Modelo Construtivista de Ensino, apresenta a tríade, aluno, professor e conhecimento, princípio chave desse modelo. Na esfera construtivista é fundamental o professor articular o conhecimento e ao elaborar seu instrumento avaliativo, o mesmo, busque contextualizar as questões para que acha o raciocínio e não meramente uma cobrança de conteúdos aprendidos de forma mecânica e decorada. Assim se evita o tradicional modelo de avaliação ainda tão aplicado em nossas escolas. Moretto (2015, p.117) assim descreve:

Nessa visão, que classificamos de tradicional por ainda ser, a nosso ver, a que domina o processo de ensino nos dias de hoje, a avaliação da aprendizagem é encerrada como um processo “toma lá dá cá”, em que o aluno deve devolver ao professor o que ele recebeu e de preferência exatamente como recebeu, o que Paulo Freire chamou de “pedagogia bancária”. Nesse caso, não cabe criatividade nem interpretação.

Na concepção construtivista, o aluno é um ser ativo no processo de ensino e aprendizagem. Por essa dinâmica, a avaliação advém de um currículo desenvolvido, flexível e contextualizado. Moretto (2015, p.124) amplia a discussão, ao afirmar:

Esta concepção propõe o rompimento com a cultura da memorização, classificação, seleção e exclusão. Nesse processo espera-se que os alunos analisem os novos conceitos propostos, estabeleçam relações com seus conhecimentos e os ressignifiquem.

### 2.2.3 *Introdução da Tecnologia na Sala de Aula*

Michael Wesch, antropólogo cultural da Universidade Estadual de Kansas, e com mais de duzentos alunos, publicou em 2008, no youtube, um vídeo intitulado *A Vision of Students Today* (uma visão dos estudantes de hoje), o qual atingiu uma quantidade estrondosa de visualizações. O vídeo aponta para um dos maiores problemas da educação nos dias de hoje. O vídeo mostra que os atuais alunos do século XXI que estão crescendo em ambientes digitais em sua grande maioria estão frequentando escolas com pelo menos cem anos de atraso. Tapscott (2010, p.150) comenta a respeito:

O modelo de educação que ainda prevalece hoje foi projetado para a Era industrial. É centrado no professor, que dá uma aula padronizada, unidirecional. O aluno, trabalhando sozinho, deve absorver o conteúdo ministrado pelo professor. Isso pode ter sido bom para a economia de

produção em massa, mas não funciona mais para os desafios da economia digital, ou para a mente da Geração Internet.<sup>3</sup>

A grande maioria das escolas no Brasil ainda adotam o sistema convencional. Em geral os alunos passam cerca de 4 horas diárias na escola, com aulas de 50 minutos, com um total de duzentos dias letivos, divididos em dois semestres, seguindo as normas da LDB (Lei de Diretrizes e Base). O padrão de salas de aulas são as tradicionais carteiras enfileiradas, e um professor condutor do conhecimento. Santos e Silva (2014, p.45) discorre sobre essa monotonia em seu texto *Pedagogia da Transmissão e Sala de Aula Interativa*.

Tradicionalmente a sala de aula é identificada com o ritmo monótono e repetitivo associado ao perfil de um aluno que permanece demasiado tempo inerte, olhando o quadro, ouvindo récitas, copiando e prestando contas. Assim tem sido a prática milenar do falar-ditar do professor e da professora.

Nesse contexto, observa-se que o aluno contemporâneo acha-se numa escola não condizente à sua realidade extra escola e à sua vida social. A escola precisa se inovar, para caminhar junto com as transformações do tempo atual. Partindo dessa ideia Lima (2017, p.37) faz uma análise desse cenário.

Partindo dessa ideia e de que os professores são, essencialmente, emigrantes ou fugitivos digitais, a contrastar com os alunos nativos digitais, podemos recorrer às palavras de José Pacheco, um dos fundadores da Escola da Ponte que, numa entrevista ao Observador, em abril de 2016, defendia que <<As escolas têm excelentes professores, mas a trabalhar do modo errado. Não faz sentido alunos do século XXI, terem professores do século XX, com propostas teóricas do século XIX, da Revolução Industrial>>. É precisamente este um dos problemas que a Escola enfrenta, tendo em conta os diferentes conceitos que os vários intervenientes no processo educativo têm do modo de funcionamento das instituições, das abordagens pedagógicas a aplicar nas salas de aula, do processo de aprendizagem e dos papéis dos vários atores na relação pedagógica.

Mota e Scott (2014), também contribuem com essa análise, ao observar que a relação de ensino e aprendizagem para essa geração de alunos atuais carece ser repensada, visto

---

<sup>3</sup> Geração internet composta por indivíduos nascidos a partir da segunda metade da década 1980 até a atualidade.

que a maneira pelo qual atualmente o conhecimento é inicialmente produzido e transformado em tempo recorde, exige uma nova revolução educacional a ser desenvolvida, gerando novas abordagens e tecnologias de aprender. Dessa forma, Mota e Scott (2014, p. 46) acrescentam:

Estudantes que cresceram nesse mundo digital, representando a primeira geração educacional imersa em um ambiente de sistemas artificiais inteligentes e informação digitalizada, aprenderão de maneiras diferentes, e demandarão formas variadas de motivação. Em outras palavras, em um mundo digital a questão-chave é: como motivar estudantes a aprender, e professor a ensinar?

Seguindo a premissa supracitada e as próprias características do Modelo Construtivista de Ensino, mencionado neste trabalho, nota-se que já existe um terreno mais fértil para o professor em criar ambientes favoráveis para a interação com o objeto de estudo e, conseqüentemente para a construção do conhecimento, em função da proposta desse modelo de ensino. Criar ambientes favoráveis ao aprendizado, dentro de sala de aula, para o professor, não é algo fácil, pelo contrário, é difícil, uma vez que o ambiente fora de sala de aula com toda sua evolução tecnológica, distrai o aluno do foco de aprendizagem. Em um contexto altamente marcado pelo uso da tecnologia e uso das mais diversas redes sociais o professor não pode sob nenhum pretexto desprezar essas ferramentas sob o alto risco de não ser atrativo para seu aluno. Em sintonia a essa análise, Fava (2014, p. XI) descreveu:

Uma mudança tem aumentado exponencialmente. Com tantas ferramentas disponíveis para aprender e partilhar, os jovens das novas gerações estão cada vez mais demandando e exigindo das escolas novas posturas e metodologias de ensino. Um Modelo de Ensino Tradicional – ou analógico – não dá conta de suprir as necessidades de um aluno cada vez mais digital.

A verdade indiscutível é que o uso dessas tecnologias pode aproximar alunos e professores, além de ser útil na exploração dos conteúdos de forma mais interativa. O aluno pode ser motivado a buscar seus conhecimentos através de ferramentas que trabalham com metodologias didáticas de gamificação, realidade virtual, realidade aumentada, atividades investigativas e colaborativas, trabalho em equipe, etc.

Sobre essa temática, Lima (2017, p.39) apresenta o estudo de Scott Freeman e de um conjunto de outros investigadores sobre quais as estratégias de ensino mais eficazes para os alunos.

De acordo com o autor, a taxa de reprovação de alunos de cursos relacionados com Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, que aprendem segundo uma metodologia de aprendizagem ativa, ronda 21,8%, enquanto os alunos sujeitos a uma metodologia mais tradicional, expositiva e centrada na transmissão de conhecimentos por parte do professor è de 33,8%, representando um aumento de 55% na taxa de reprovação. Além disso, mostrou que a pedagogia construtivista, baseada na participação ativa dos alunos na aprendizagem, era mais eficiente, independentemente do número de alunos por turma.

Alquéresé em seu artigo, “Mudar o Ensino Médio é Urgente Urgentíssimo”, escreve sobre sua angústia em relação `a educação no Brasil, visto que a mesma anda a passos lentos e não cativa os jovens.

As maiores dificuldades estão no ensino médio, que permanece com um currículo excessivamente acadêmico e inteiramente desconectado da realidade do mercado de trabalho. Por isso, é pouquíssimo atraente para os jovens.

O país está inteiramente em descompasso com o mundo. A educação vive hoje um momento de transição, em escala planetária. Nossas salas de aulas, a separação rígida entre as matérias e o modo de ensinar deveriam estar acompanhando os novos tempos. É inexorável que as escolas estejam muito diferentes em poucos anos. O próprio papel do professor, atualmente um transmissor do conhecimento, não será o mesmo com tantas fontes de aprendizado, tão diversificadas e à disposição de todos. (Alquéresé, 2016, p.1)

É notório que o processo de ensino e aprendizagem seja mais proveitoso quando o aluno está motivado e mobilizado para aprender. O uso de tecnologias em sala de aula pode se tornar um vigoroso aliado nesse processo. Nesse sentido, Blstein um dos maiores especialistas em tecnologia aplicada à educação no mundo, comentou em sua entrevista:

Se quisermos trazer o interesse do aluno pela escola, de volta, precisamos fazer a escola ser um lugar novamente atrativo, pois agora eles vivem neste mundo digital. Colocar o aluno como protagonista é muito mais democrático do que as formas tradicionais. Há um tipo de aluno que se dá muito bem no formato sentar, escutar e fazer prova. Mas ele vem sendo cada vez menor. Já para outros grupos, que não tem esse perfil e, tradicionalmente, não se dão bem na escola, é possível utilizar atividades e fazer com que tenham mais chance de sucesso despertando seus

interesses pelo conteúdo e tendo uma visão diferente de si mesmo, passando a ter a noção que pode ir bem na escola. ( Régis, 2017, p.15)

Essa questão apresentada por Blistein é o verdadeiro gargalo da educação brasileira. Não podemos deixar alunos com habilidades digitais, criativos e alegres serem massacrados por metodologias arcaicas incompatíveis com seu perfil e por professores que ainda insistem em querer ser o *hors concurs* da educação, só enxergando como favorável e positivo no processo de ensino e aprendizagem a nota acima da média final de cada avaliação, deixando de refletir sobre sua prática e/ou metodologia dentro do contexto atual do século XXI. Essa falta de adaptação ao contexto atual e do conhecimento do perfil dos alunos com os quais trabalha, pode trazer por consequência o desânimo e a falta de interesse do aluno pela escola ou rotulando o mesmo de mau aluno. Essa situação estapafúrdia pode inclusive selar definitivamente o futuro dessa criança ou jovem. Nessa perspectiva, Werneck (2016, p.28) argumenta:

O Currículo atrasado e defasado da realidade desanima os alunos e não os motiva a estudar. O programa muito velho não cria ambiente favorável ao interesse pelo aprendizado, mas deve ser seguido, seja pela falta de criatividade, seja pela pouca ousadia em ver se aquele conjunto de conceitos não está fora da realidade histórica. A nota é a necessidade para se manter a disciplina, obrigar a estudar toda a parafernália sem sentido e poderosa arma para favorecer ou impedir às pessoas subirem na vida.

Allan (2017, p 58) em seu artigo, completa o exposto ao argumentar que:

Nossas instituições continuam a repetir um modelo pedagógico que não está acompanhando, com algumas raras exceções, as transformações sociais e econômicas, o que poderá deixar profundas feridas no desenvolvimento profissional das futuras gerações se não passar por uma urgente revisão das práticas pedagógicas.

Na visão de Nepomuceno, especialista em estratégia digital, crianças e jovens se encontram em uma escola incompatível com o que eles pensam e de que precisam, e não é por que já dominam aparelhos tecnológicos que não precisam mais da escola. Pelo contrário, precisam de uma educação adaptada ao mundo atual.

Nepomuceno (2016, cit in Gomes, 2017, p.49) completa:

Os jovens estão órfãos de educação; não estão sendo preparados para usar a internet. Durante o período escolar estão sendo formados para uma época do livro, do caderno e da enciclopédia, e essa época já passou.

Apesar dessa dificuldade no cenário educacional brasileiro, observa-se por outro lado que nos últimos anos houve uma forte tendência em buscar associar educação com tecnologia. E, com certeza, esse é um dos caminhos para uma nova educação, uma educação mais cativante e mais adaptativa a nova geração dos alunos digitais, que está cada vez mais conectada. Dessa forma é inquestionável no mundo atual, pensar educação sem tecnologia. As mudanças no processo de ensino e aprendizagem têm apresentado um cenário desafiador para todos os atores do contexto escolar. Allan (2017, p 58) amplia esse horizonte quando diz:

As mudanças na educação passam, inexoravelmente, pela chamada Transformação Digital, que está levando corporações tradicionais seculares, a serem obrigadas a rever seus modelos de negócio para alicerçá-los na inovação, sob o risco de perder liderança para startups engendradas na garagem, lideradas por jovens nativos digitais.

Quando pensamos no Modelo Tradicional de Ensino e a introdução de novas tecnologias na sala de aula, percebemos a gama de ofertas para atender a essa demanda e tirar a escola dessa acomodação ao modelo tradicional. Atualmente, muitas são as formas de se inovar no processo de ensino e aprendizagem. As plataformas digitais como produto/material educacional compõem o grande leque de atrativos para reter a atenção dos alunos e favorecer a interação dos mesmos com o conteúdo ministrado nas aulas e favorecer a relação aluno-professor. Outro recurso que vem se destacando nos últimos anos é a Mobile Learning (aprendizagem móvel) que favorece uma interação além das salas de aulas, tornando o processo de aprendizagem mais acessível e ubíquo. Ao observarmos o quanto a educação atual está sedenta de se mesclar com as novas tecnologias para atender e saciar as novas gerações, Silva e Camargo (2015, p.173) apresenta essa inegável realidade, bem com suas prováveis consequências.

Até hoje, a escola se posicionou de maneira um tanto refratária e adversa às transformações da pós-modernidade. Todavia, nos últimos anos, a aceleração do desenvolvimento tecnológico tornou inevitável o confronto da escola com a cultura digital, em função do modo como esta afeta a interação entre pessoas, os processos de comunicação e a produção e a transmissão de

conhecimento. Em suma, a relevância social da instituição escolar dependerá, em grande medida, da sua capacidade de se reinventar diante da mudança de era em que vivemos.

Outra forma de se analisar a realidade supracitada é o estudo do Relatório do Horizont Report - um braço das ações do NMC Horizont Project - projeto reconhecido internacionalmente pelas suas pesquisas em diversos países, cujo intuito de é problematizar as tendências educacionais emergentes, que utilizam tecnologias.

Nesse relatório, uma das hipóteses pesquisadas aponta que a aprendizagem híbrida, *blend learning*, está, paulatinamente, chegando às salas de aulas em diversos países e tem nas TDICs - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – um dos pontos fundamentais. Nesse estudo, ressalta que o ensino híbrido pode transformar completamente os ambientes de aprendizagem da educação básica, da prática às relações interpessoais.

Moran (2015) mostra que na educação acontecem diversas misturas, *blend learning*, de conhecimento e metodologias, inclusive as tecnologias híbridas, que integram as atividades de sala de aula com as digitais, as presenciais com as virtuais. Nesse sentido, favorece a concepção de um currículo mais flexível e personalizado, que venha atender às necessidades de cada aluno. Promove a articulação de processos de ensino e aprendizagem tradicionais com processos mais abertos e informais. Silva e Camargo (2015, p. 175 e 176) destacam que:

Os modelos híbridos usam as tecnologias emergentes para estabelecer novas configurações de forma de aprendizagem. Para se ter uma ideia, o Horizon Report pontua que os seguintes recursos tecnológicos deverão estar integrados à educação até 2017:

- \* Computador em nuvem.
- \* Ambientes colaborativos.
- \* Aprendizagem baseada em jogos.
- \* Dispositivos móveis.
- \* Conteúdo livre.
- \* Inteligência coletiva.
- \* Laboratórios móveis.
- \* Ambientes pessoais de aprendizagem.
- \* Grades de cursos abertos on-line.

Assim, observamos que o ensino híbrido, se torna uma nova metodologia pedagógica que mescla atividades realizadas presencialmente e atividades que envolvem tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). Tanto o ensino híbrido quanto as demais tecnologias digitais, transformaram-se em instrumentos fundamentais para a mudança da educação e, conseqüentemente, o despertar dos alunos para o prazer em aprender, libertando-se das tediosas aulas tradicionais que visam somente ao resultado final da aprovação dos alunos em determinados exames e/ou provas. Moran (2015, p.93) nos confirma essa necessidade ao abordar que:

As escolas de Ensino Fundamental e Médio ainda se sentem fortemente pressionadas pelas secretarias de educação, pelo vestibular das universidades, pelas expectativas tradicionais das famílias e pela força da cultura escolar tradicional. Por isso, ainda não estão conseguindo quebrar o modelo padrão de aulas presenciais e presença obrigatória. Mesmo os colégios mais avançados tecnologicamente continuam amarrados, presos à tradição e às expectativas sociais convencionais.

Dando prosseguimento ao raciocínio de Moran (2015, p.127), o mais sério problema são a inércia e a defasagem das escolas de educação básica, mesmo tendo uma gama de serviços virtuais e franquias, a seu alcance. As mesmas não tocam no essencial, que é o processo de ensino e aprendizagem. A tecnologia é só um complemento, ou às vezes, só um produto de marketing para captação de novos alunos. Prevalece o ensino tradicional, como sempre prevaleceu.

Algumas escolas adotam salas de aulas bem equipadas e laboratórios. Mas as utilizam dentro de um marco relativamente tradicional, que foca mais um ensino, o professor, o conteúdo. As tecnologias dão um verniz moderno, chamam a atenção (marketing), mas no fundo, a escola continua a mesma de antes ou com poucas mudanças.

Com as novas tecnologias em sala de aula, o professor deverá assumir um papel, diferente do de costume da maioria deles: sair do modelo tradicional e se adaptar as novas características dos alunos do século XXI. Para isso, o processo de ensino e aprendizagem não poderá centrar somente no falar-ditar do mestre. O professor deverá disponibilizar aos alunos a teoria em meio a conteúdos de aprendizagem os mais variados recursos digitais, o que irá custar, para preparar suas aulas, mais investimento

braçal e intelectual do que aquele que vinha realizando em sala de aula presencial. Essa nova tendência possibilita uma nova forma de contato entre o professor e o aluno, que trará maior envolvimento entre ambos. Silva (2011, p.83), complementa essa reflexão.

O professor não se posiciona como detentor do monopólio do saber, mas como aquele que dispõe teias, cria possibilidades de envolvimento, oferece o campeão de engendramento, de agenciamentos e estimula a intervenção dos aprendizes como autores da aprendizagem.

Nesse novo cenário educacional do século XXI, o professor é estimulado a adaptar sua prática pedagógica. Dessa forma, na sala de aula a transmissão do conteúdo necessitará de uma maior interatividade, e o docente deve deixar de ser transmissor de informação e passar a potencializar novas formas de aprendizagem que estimulem o aluno a pensar tanto individual como coletivamente. Silva (2011, p.84) acresce:

O professor precisa investir em relações de colaboração para construir conhecimento. O construtivismo ganhou enorme adesão, destacando o papel central das interações como fundamento da aprendizagem. Suas diversas interpretações vêm mostrando que a aprendizagem é um processo de construção do discente que elabora os saberes graças e por meio das interações. O professor construtivista é aquele que cuida da aprendizagem, suscitando a expressão e a confrontação dos estudantes a respeito de conteúdos de aprendizagem.

O Modelo Construtivista de Ensino permite essa abertura e enriquece o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, esse modelo precisa assumir um lugar de maior destaque nas salas de aulas, para efetivar as interações na aprendizagem em detrimento aos modelos tradicionais de ensino que prioriza a memorização e a repetição.

Assim sendo, a autoria do professor no contexto atual do processo de ensino e aprendizagem com as novas tecnologias está favorável a múltiplas experimentações e conectividades, nas quais esse processo passa a ser desafiador e significativo para o aluno.

Mas, estará o professor suficientemente preparado para essa nova exigência? Ainda que muitos professores se digam despreparados e de fato possam ser, pois vários deles são de uma geração mais analógica uma boa parcela já entende e aceita a necessidade de ampliar seu leque de competências.

Podemos facilmente observar que em aulas onde o professor se dispõe a oportunizar novidades para a sala de aula seja com uma atividade prática no computador, com videogame, tablets e até mesmo, com o celular temos uma dependência deste do saber quase intuitivo de seus alunos sobre o uso e a dinâmica das ferramentas que serão usadas como estímulo para a construção do saber. Esse empoderamento muitas vezes constitui a mola motivadora da interação aluno / professor.

É fato que as novas tecnologias em sala de aula por si só não resolvem nenhuma deficiência no processo de ensino e aprendizagem, se o professor não reelaborar suas estratégias e metodologias. Esse horizonte tecnológico no ambiente educacional favorece um novo olhar para aprendizagens mais significativas e eficazes, o que presume que todos possam aprender de diferentes formas e ritmos. O espírito do nosso tempo favorece essa dinâmica.

Com certa angústia observamos que na prática, infelizmente, no ensino básico brasileiro, ainda essa ação ainda se mostra bastante tímida. Vislumbra-se na Reforma do Ensino Médio no Brasil, a oferta de cursos de educação presencial por meio de tecnologias. No auge de suas discussões políticas percebe-se, nos documentos legais, uma tendência de exploração à tecnologia, informação e comunicação, mais voltada para os aspectos técnicos e sociais, fator respaldado pela dimensão geográfica do país. Assim, os indícios de um processo de pesquisa para o desenvolvimento de projetos que venham a ser fator de transformação social ainda tendem a caminhar em passos lentos. Cabe essa iniciativa mais às escolas privadas do Brasil.

### **2.3. Transposição Didática**

A análise da Transposição Didática será aqui tratada somente na relação direta entre professor e aluno. Desconsideraremos aqui outros fatores que também possam contribuir como obstáculo ao adequado e benéfico processo de ensino e aprendizagem, como por exemplo, indisciplina, questões socioculturais, ideologia, etc. Essa adequação se faz necessária, pois o foco do presente estudo é elucidar como o Modelo Tradicional de Ensino contribui para o fracasso escolar.

Para fins desse trabalho entenderemos transposição didática como o processo de adaptabilidade do conhecimento científico acadêmico em um conhecimento escolar em todos os seus níveis. Vale ressaltar que esse conceito foi introduzido pelo sociólogo Michel Verret, em 1975, em sua tese de doutorado intitulada *Le temps des études*. Nesse trabalho Verret definiu o tempo dos estudantes em dois: a) num primeiro momento existe o tempo do conhecimento controlado pelo próprio objeto de estudo; b) o segundo momento, ou momento da didática, equivale ao momento de transmissão do conhecimento em que os conhecimentos culturalmente acumulados são repassados para gerações mais novas.

Importante ressaltar que esse conceito foi retrabalhado, dez anos depois, em meados da década de 80, por um francês chamado Yves Chevallard, mais direcionado para a área da matemática. Obra revisada em parceria com Marie Alberte, agora se intitula “Um exemplo de análise de transposição didática”. Nesses trabalhos, o conhecimento a ser estruturado pelo aluno como algo vivo e dinâmico seria resultado direto da interação aluno / professor / saber (que neste caso específico seria o saber matemático).

O mesmo autor amplia esse conceito em seu outro livro: *La transposition didactique: du savoir savant au savoir enseigné* (Editions La Pensée Sauvage, 1998), e expõe que a transposição didática é composta por três partes distintas e interligadas, a saber: o *savoir savant* (saber do sábio), conhecimento científico, o *savoir enseigner* (saber ensinar), conhecimento específico do professor que está diretamente ligado à didática e a metodologias utilizadas em sala de aula, e *savoir enseigné* (saber ensinado), aquele conhecimento processado pelo aluno frente às adequações e às transposições didáticas feitas pelos cientistas e/ou professores.

Essa visão nos deixa claro que o ensino de qualquer objeto de estudo deve sempre ser adaptado ao contexto escolar para se tornar acertado ao processo de ensino e aprendizagem, visto ser esse processo de transposição didática o indicador dos caminhos a serem trilhados acerca das variadas confluências do tema.

Almeida (2011, p.46) em consonância a esses conceitos, corrobora ao dizer:

É preciso que haja uma transmutação dos conhecimentos para uma linguagem mais próxima daquela usada pelos alunos. Os alunos possuem um código de linguagem que precisa ser respeitado. Assim, antes de interferir em um novo código, é necessário lembrar-se das variações linguísticas, das variações dos níveis de linguagem e do tempo e o aluno precisa ter para absorver o código mais formal, principalmente em se tratando de ensino superior. Na Educação Básica o professor tem de ter ainda mais cuidado, porque o distanciamento entre o conhecimento científico e o conhecimento escolar pode ser muito grande, e tudo isso pode ser uma questão de adaptação da linguagem.

A diferença do conhecimento acadêmico para o conhecimento escolar, Almeida, *cit. in* Chevallard, 1991, aborda que não se tratam de diferenças conceituais, mas de diferenças “textuais” e léxico. Por esse motivo, requerem tratamento especial. Qualquer conteúdo que passe pelo *savoir a enseigner*, deverá sofrer alterações para se tornar adequado para ao público em questão. A transposição didática terá que ser bem elaborada, visto que indicará as múltiplas confluências dos conteúdos abordados em sala de aula.

Assim, observa-se a relevância em analisar esse tema, visto que o fracasso escolar e/ou a desmotivação dos alunos pelo estudo pode vir muitas vezes da inadequada transposição didática do professor. A transposição didática se inicia desde a produção científica, transformando em objeto de ensino, perpassando pela tríade didática, professor-aluno-saber, e se consolidando em um saber ensinado que se conclui dentro da sala de aula. Essa transformação fica a cargo da escola e dos professores em sistematizar o conhecimento científico e colocá-lo ensinável aos alunos, de modo que ele ache aprendizagem, e não decoreba de algo sem sentido e incompreensível. É fundamental para o sucesso escolar do aluno, o professor ter a sensibilidade de identificar as necessidades dos seus alunos e conhecer um pouco do seu cotidiano social. As estratégias metodológicas e os recursos pedagógicos são ferramentas fundamentais para o professor desenvolver a eficiência do seu trabalho.

Dentro dessa perspectiva, observa-se que o aluno, para obter bom aproveitamento escolar, não demanda acesso a um compêndio para desenvolver a aprendizagem. Desse modo, faz-se necessário desvanecer a concepção que ele precisa sofrer para aprender. A concepção construtivista da aprendizagem escolar busca quebrar os paradigmas do Modelo Tradicional e favorecer no processo de ensino -aprendizagem- um aprendizado

significativo e que faça sentido para sua vida, tornando-o protagonista do seu conhecimento. Nesse processo é fundamental que o aluno tenha a vontade de querer aprender. Essa vontade se apresenta por meio de uma disposição em estar receptivo a receber o novo conhecimento, potencialmente significativo para o mesmo. Moysés (2015, p.23) assim completa esse raciocínio:

O que queremos dizer é que não basta que o professor ache o assunto relevante e significativo. É necessário que o aluno chegue também a essa conclusão. Só assim ele estará em condições de se apropriar do conteúdo, reconstruindo-o na sua estrutura cognitiva. O movimento de querer aprender é, pois, condição *sine qua non* para que a aprendizagem ocorra.

Cortella (2017, p.117), acresce a essa questão, a visão do aluno em relação as aulas ministradas por alguns professores.

Dizemos nós: “eles não querem saber de nada”, dizem eles: “ as aulas não têm nada a ver comigo”. Conclusão nossa: “ eles não gostam da escola”. Não é verdade; quase todas as crianças gostam da escola. Do que, talvez, não gostem muito, é das nossas aulas.

É fundamental, ao discutir a Transposição Didática, pensar no ambiente educativo. Sabemos da importância e necessidade de associar tecnologias a educação, para promover um dinamismo no processo de ensino e aprendizagem e tirar o aluno da condição de mero receptor de informações. Mas essa mudança também carece de atenção, pois sabemos que nenhum modelo/método de ensino pode existir por si próprio. Isto é, jamais materiais didáticos, computadores, laboratórios, salas maker, etc, conseguiram educar, conceber uma verdadeira relação com a escola. Todos esses elementos são significativos para um bom processo de ensino e aprendizagem, mas o verdadeiro aprendizado vai se dar pela ação humanizadora do professor, que dará a tônica nesse processo. Almeida (2011, p.27) considera:

É um professor que humaniza os objetos e os deixa à disposição, a serviço da interação, que é onde realmente se dá a educação, na imbricação homem-objetos-meio. Assim sendo, é o professor o melhor elemento de todos. Ele é o elemento de maior força. Por sua inteligência, sua capacidade de raciocinar com base em fontes diversas, suas várias experiências, ele segue garantindo que o seu sistema “ natural” de informações elabore respostas e saídas pertinentes a realidade de cada sala de aula. É o professor que faz movimentar, que dá vida à escola. Sem a presença dele não há escola.

E, Cortella (2017, p 123), respectivamente,

Assim, a criação e recriação do conhecimento na escola não está apenas em falar sobre coisas prazerosas, mas, principalmente, em falar prazerosamente sobre as coisas; ou seja; quando o educador exala gosto pelo que está ensinando, ele interessa nisso também o aluno. Não necessariamente o aluno vai aproximar-se por aquilo, mas aprender o gosto é parte fundamental para passar a gostar.

Mafra (2014), se preocupa com o inverso dessa situação, ao analisar a educação tradicional, nas culturas ocidentais, como algo enraizado há séculos. Ali, o aluno é passivo à situação do processo de ensino e aprendizagem, e o professor, o depositário da verdade, com preceitos já definidos e amplamente consolidados. A escola continua priorizando os aspectos intelectuais em detrimento às relações afetivas e emocionais no contexto educacional, sem considerar que o ser humano, desde seu nascimento, carece de um ambiente harmônico que atenda suas necessidades básicas de afeto, segurança e comunicação. Nesse sentido, Mafra (2014, p.101) aprofunda sua defesa ao elucidar que:

Esse modelo de educação, de natureza autoritária e conteudística, claramente não atende às necessidades do contexto atual. Daí a necessidade de se repensarem, nesse novo tempo do conhecimento, as práticas educativas, os valores culturais e os relacionamentos nos espaços de conhecimento.

As dificuldades que posam surgir no processo de aprendizagem, em alguns casos, estão relacionadas diretamente com a má postura do professor, metodologias não condizentes à turma, comunicação inadequada ao perfil do(s) aluno(s). Infelizmente essa situação não é rara no contexto educacional. Temos professores que assumem posturas autoritárias e se colocam hierarquicamente em um patamar superior ao dos alunos. Essa atitude nada contribui para o sucesso do aprendizado; geralmente, provoca a intimidação dos alunos a se concentrarem nas aulas. Na maioria das vezes, professores com esse tipo de atitude não se importam com os alunos e muito menos se estão acompanhando o seu raciocínio. Sua atenção fica restrita aos alunos que assentam nas primeiras carteiras e ficam atentos às suas explicações. Chateia-se quando algum aluno desinteressado apresenta dúvidas e interrompe sua aula. Sua atitude é de frieza frente ao mesmo ou as vezes de forma vergonhosa questiona: “Se você estivesse prestando atenção, não estaria com dúvida”.

Quando o aluno se encontra nesse contexto de desatenção em uma aula, Chabanne (2016), em seus estudos, utiliza da análise da neurobiologia para compreender essa dificuldade. A resposta para tal dificuldade é fruto dos limites fisiológicos do cérebro. A neurobiologia demonstra que a atenção ou desatenção decorre apenas da predisposição do indivíduo no caso aqui, o aluno. Dessa forma, o professor torna-se a peça fundamental no processo de ensino e aprendizagem, através do modo de sua transposição didática. Chabanne (2016, p.101) completa:

A “vigilância” ou a “atenção” necessárias para uma boa assimilação do conteúdo do ensino dependem, de certa forma, da relação que o professor estabelece com seus alunos:

\* relação pela voz (ritmo, altura, jogo de contrastes, uso oportuno de silêncio etc.), que ora irrita, ora fascina, ora acalma.

\* relação pelo olhar (benevolente, inquisidor, zombeteiro, apaixonante, entediante, etc.)

\* relação pelo gesto (rítmica que acompanha a das palavras, ou a falta de harmonia, estilizando e reforçando o pensamento ou perturbando a atenção), que pode favorecer a proximidade ou o distanciamento.

O professor em sala de aula precisa estar em constante observação aos alunos, muitas vezes a própria postura dos mesmos, bem como às suas expressões faciais, que acusam alguma anomalia no processo de ensino e aprendizagem. Quando essa situação ocorre, o professor precisa intervir para dar suporte ao aluno e averiguar qual ou quais são as dúvidas e/ou dificuldades apresentadas. Nessa situação, ou seja, sem sanar as dúvidas existentes, o professor jamais pode avançar o conteúdo.

Quando o professor faz alguma interrupção na aula, e faz algum questionamento, não significa que ele esteja buscando apenas uma resposta correta. Muitas das vezes ele está promovendo em seus alunos o pensamento filosófico e crítico e quer que o mesmo pense de maneira nova, considerando métodos alternativos de pensar e agir. Libâneo (2013, p.250) em seus estudos aponta.

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

Mafra (2014, p.102), para evidenciar suas convicções traz à tona alguns teóricos da Psicologia e da Educação como Piaget, Vygotsky e Wallon, visando a legitimar seus pensamentos sobre a importância da dimensão humana no processo de ensino e aprendizagem.

Os estudos piagetianos apontam que a afetividade funciona como força motriz para toda ação. As teorias de Vygotsky caracterizam o homem como um ser social e interativo por natureza e afirmam que a aprendizagem se dá devido a essa interatividade. Para Wallon, a dimensão afetiva é tão importante quanto a inteligência, e esses seriam os dois pilares da evolução psíquica do ser humano.

Partindo desse pressuposto, Almeida (2011) complementa que a infraestrutura dos objetos que favorecem o processo de ensino e aprendizagem necessitam de uma harmonização e de uma humanização. Uma sala de aula precisa ser um ambiente de trocas, precisa ter discussões, precisa ter negociações, precisa ter clima de aprendizagem. Para existência desse clima, a dúvida é um ponto substancial, pois onde a dúvida surja naturalmente sem medo, há pesquisa, há vontade de buscar e, conseqüentemente, aprendizado. Nessa mesma perspectiva, Mafra (2014, cit. in Freire, 2007 p.26): “O educador democrático não pode negar o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”, isto é, a educação não pode ser mais estabelecida como forma unilateral de conhecimento.

O papel do professor na vida do aluno é substancial - tanto para o positivo como para o negativo. A esse respeito, o historiador estadunidense, Henry Adams, já no século XIX, referia: “Um professor afeta eternamente: ele jamais pode dizer onde sua influência termina”. Essa influência do professor na vida dos seus alunos dependerá da sua atuação no decorrer do processo ensino e aprendizagem. Uma atuação eminentemente hierárquica, fria e até mesmo distante ou uma relação mais humanizadora, acolhedora e solidária.

Simka (2014), sugere que todos os professores deveriam fazer uma reflexão sobre seus atos dentro de sala de aula, e indagar como tem sido sua relação com os alunos, e qual a sua postura frente ao processo ensino e aprendizagem.

Observa-se que a atuação do professor, tanto no relacionamento afetivo com a turma, bem como na sua transposição didática, interfere diretamente no desenvolvimento de cada aluno. Alguns alunos recebem de forma natural as orientações e conseguem lidar naturalmente com as questões pedagógicas; outros, nem tanto, pois acabam tendo dificuldade de aprendizagem e conseqüentemente gerando o fracasso escolar. A esse respeito Solé (2010, p.33) pondera em seu estudo que não significa que o lado afetivo tenha sido abandonado quando se ensina, mas que decorre uma tendência simplificadora do ensino voltada praticamente só às questões cognitivas. “O aspecto afetivo-relacional foi ficando de lado, assim como o acompanhante fiel e discreto que, às vezes, ajuda, às vezes interfere e, às vezes bloqueia”.

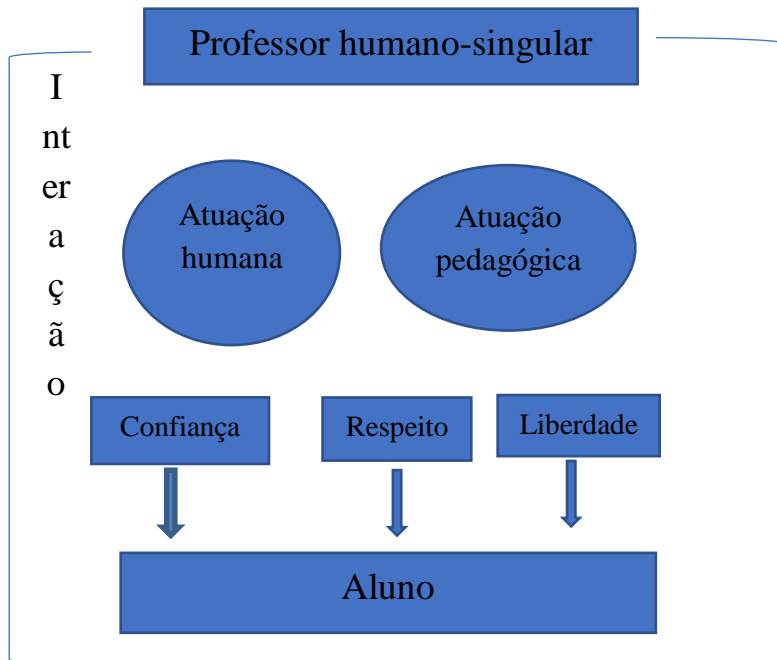
Estipulando um análogo entre os pensamentos de Mafra (2014, *idem*) e Cortella (2017), sobre o ato de ensinar e aprender, observamos que essas ações são indissociáveis e envolvem empatia, o que não significa ausência de seriedade. No ambiente educativo deve predominar a alegria e a criatividade organizada e produtiva. Os vínculos afetivos, não necessariamente significam intimidade e exagero de aproximação entre professor e aluno, que são criados no processo de ensino e aprendizagem. Favorecem a assimilação do conteúdo e o desejo de aprender. A educação, para transcorrer, necessita da conexão de dois hemisférios: o sujeito que irá prover o conhecimento e o outro que recebe, que consente o aprendizado.

No processo de aprendizagem não há uniformidade de postura e práticas. Cada professor assumirá sua conduta em função do seu perfil, da sua dedicação e percepção pela educação. Nesse sentido, Mafra (2014, p.108 cit. in Freire, 2007 p.141) completa.

Não há como criar receitas. Professores não são iguais e, certamente, não possuem igual teor de comprometimento. No entanto, um ponto que deve ser comum é a percepção de que não existe educação eficaz que não falte na dimensão relacional e afetiva. Paulo Freire (2007, p.141), afirmou que “ensinar exige querer bem aos Educandos. Há de se entender que querer bem é sinônimo de respeitar as limitações e as diferenças, de comprometer-se, de não ser licencioso em suas ações pedagógicas.

Simka (2014, p.90-93) comenta e ilustra a questão supracitada:

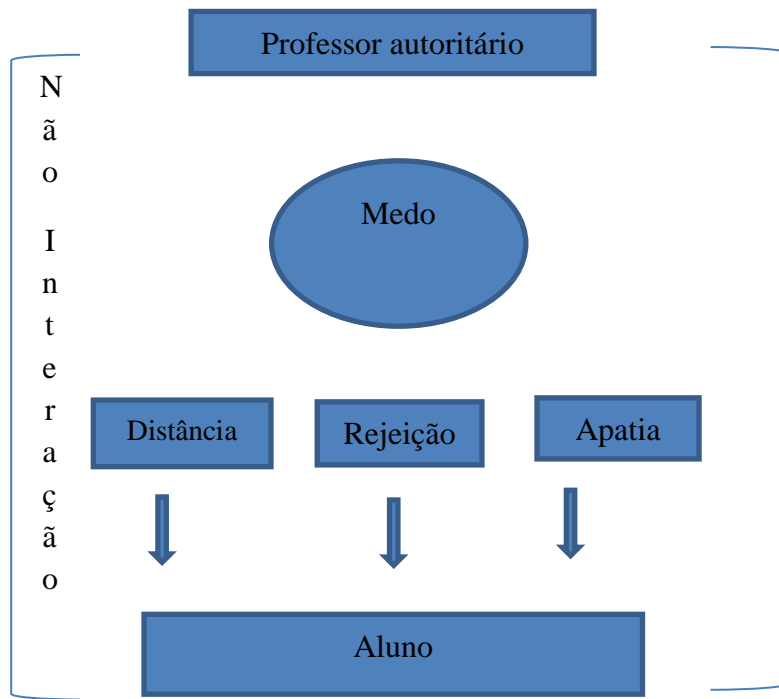
Tanto a atuação humana quanto a atuação pedagógica constituem dois pólos para a construção do professor humano-singular, a partir dos quais são erigidos três pilares fundamentais para a manutenção do processo interacional: a confiança, o respeito e a liberdade.



**Figura 04:** Visualização do processo Professor Humano-singular.  
Fonte: (Simka, 2014, p.91)

A confiança, o respeito e a liberdade são elementos que surgem da atuação mais humanizadora do professor, aquele que preocupa com o ser e se posiciona como partícipe do processo de ensino e aprendizagem, gerando uma relação de reciprocidade.

O inverso também acontece, quando o professor gera um distanciamento da turma, tanto por questões de afetividade ou por frieza na transposição didática. O medo e a insegurança/rejeição por parte do aluno tornam-se evidentes.



**Figura 05:** Visualização do processo Professor Humano-singular.

Fonte: (Simka 2014, p.93)

O papel do professor do século XXI tem sofrido modificações. Não cabe mais o professor opressor/autoritário, mesmo que para muitos deles esse novo estigma ainda não soe bem, em virtude da própria cultura estabelecida ou da sua pouca visão em relação às mudanças e perspectivas da educação. O professor atualmente deixa sua sina de provedor exclusivo da informação, o *hors concours* da sua disciplina, e passa a uma relação de mediador. Essa mudança de paradigma não significa a inferioridade do professor em detrimento aos avanços técnico científicos e tecnológicos, mas sim, a uma mudança de postura, pois o mesmo continua sendo responsável pelas multifacetadas do processo de ensino e aprendizagem. Somente aqueles professores que conseguirem atingir seus educandos de forma positiva, que souberem transmitir afetividade no seu ato de educar é que se tornarão referência numa sociedade cada vez mais tecnológica e inovadora.

Em consonância ao exposto, Moran (2015, p. 24), preconiza o papel do professor sendo sem dúvida como o responsável em transpor o conhecimento de forma significativa, fazendo as melhores escolhas metodológicas, ciente e comprometido com cada um dos

seus alunos, encorajando-os a desvencilhar os desafios/dificuldades do processo de ensino e aprendizagem.

Aprendemos pela credibilidade que alguém nos merece. A mesma mensagem dita por uma pessoa ou por outra pode ter pesos bem diferentes, dependendo de quem fala e de como o faz. Aprendemos também pelo estímulo, pela motivação de alguém que nos mostra que vale a pena investir num determinado programa, num determinado curso. Um professor que transmite credibilidade facilita a comunicação com os alunos e a disposição para aprender.

Dessa forma, fica a cargo do professor, a responsabilidade da transposição didática, tirando do aluno o peso exclusivo da dificuldade de aprendizagem no processo de ensino e aprendizagem, evitando assim, o *savoir savant* (saber do sábio), o conhecimento científico, em detrimento aos conhecimentos autênticos. Baseando-se nessa linha de pensamento, Chabanne (2016, p. 44), assim concluiu.

Esse é o espírito das situações “adidáticas” de Guy Brousseau (1987) e das transformações propostas por Yves Chevallard (1999). Para Chevallard, o papel do didata é transformar os ensinamentos no contexto da “transposição didática”, para que o aluno possa assimilá-los.

#### **2.4. Fracasso escolar**

Tratar do assunto Fracasso Escolar é algo bastante corriqueiro na literatura sobre educação; entretanto, não podemos considerar a discussão do tema como concluída ou saturada, pois o desenvolver das sociedades e das práticas educacionais abre um vasto campo a ser ainda explorado. Esses novos delineamentos surgem em função das mudanças aceleradas da sociedade e das características das novas gerações, que conseqüentemente incidem sobre a educação e mais precisamente, sobre o processo de ensino e aprendizagem.

A análise do tema Fracasso Escolar pode ser contextualizada a partir do século XVIII, com o advento das Revoluções Inglesas, Francesa e Industrial. Ambas provocaram uma migração maciça para as zonas urbanas, o que gerou em pouco tempo, uma diminuição substancial do valor da mão de obra. Os indivíduos que eram aproveitados como mão de obra eram os que se adequaram ao novo modelo de produção. Nesse período, nos países

que viviam o advento industrial, o quê se valorizava eram as habilidades específicas para o trabalho, a educação escolar deixada em segundo plano. As habilidades específicas para atender ao modelo de produção industrial eram aprendidas no chão de fábrica. Não quer dizer que não existisse escola; ela era, basicamente, para aprender a ler, escrever e fazer cálculos, ou seja, o tempo de permanência de uma criança na escola era mínimo. Desse modo, falar em Fracasso Escolar, consistia em algo de pouca relevância. A esse fato histórico, Hobsbawm (2016, p. 304), descreve:

Nem os negócios nem a educação eram grandes estradas abertas para todos, até mesmo entre o suficientemente emancipado dos grilhões dos costumes e da tradição para acreditar em que “ gente como nós” seria aí admitida, para saber como agir em uma sociedade individualista ou para aceitar o desejo de “ progredir”. Os que desejavam viajar nestes caminhos tinham de pagar um pedágio: sem alguns recursos iniciais, ainda que mínimos, era difícil entrar na autoestrada do sucesso. Esse pedágio é inquestionavelmente o maior para os que buscassem a estrada da educação do que para os que quisesse escolher a dos negócios, pois até mesmo nos países que adquiriram um sistema público de ensino, a educação primária era muito negligenciada; e, mesmo onde ela existisse, estava restrita, por razões políticas, a um mínimo de alfabetização, obediência moral e conhecimento de aritmética.

Somente no famigerado ano de 1848, com o despertar da Primavera dos Povos, que eclodem os movimentos populares que defrontam a hegemônica burguesia. É nesse período, nos países capitalistas liberais, estáveis e prósperos, que as escolas passam a ter uma posição diferenciada do passado. A escola passa a ser vista como um dos caminhos para a ascensão e prestígio social, reconhecida pelas classes dominantes da época.

A partir de então a educação passa a ser vista com outros olhos, e também se aprofundam as diferenças sociais, entre ricos e pobres, entre capazes e incapazes, etc. A escola passa a ser mais estudada, e as supostas anomalias e/ou anormalidades, começam a ser diagnosticadas e classificadas. Dentre elas, surge a classificação de alunos com dificuldades de aprendizagem. Ao evoluir dos anos, em meados dos anos de 1930, os estudos do Quociente de Inteligência (QI), se torna um divisor de águas entre os alunos com pouca ou muita facilidade cognitiva. Patto (2010, p. 63), em seu estudo, comenta a respeito.

Somente a partir dos anos trinta que a psicologia começará a se configurar no país como uma prática de diagnóstico e tratamento de desvios psíquicos, passando, assim, a justificar o fracasso escolar ou, no máximo, a tentar impedi-lo através de programas de psicologia preventiva baseados no diagnóstico precoce de distúrbios no desenvolvimento psicológico infantil.

Já nos anos de 1960 e 1970, a sociologia buscou entender o Fracasso Escolar através de comparativos de diferenças sociais. Bastantes pesquisas foram elucidadas através dessa temática, porém, esses estudos não contemplaram o conjunto de fenômenos evocados através dessa expressão Insucesso/Fracasso Escolar. Charlot (2013, p17) comenta a respeito.

Foi como diferença que a sociologia analisou o fracasso escolar nos anos 60-70. Mas exatamente ainda, como diferença de posições entre alunos: o aluno em situação de fracasso ocupa no espaço escolar uma posição diferente da do aluno em situação de êxito - sendo essas posições avaliadas em termos de notas, indicadores de sucesso, anos de atraso, lugar no sistema escolar hierarquizado, etc. Não somente o fracasso escolar é analisado. Então, como diferença de posições, como, também, tais posições só fazem sentido como posições diferentes de outras posições. Com efeito, as posições respectivas, e não essas posições em si, é que permitem falar de fracasso escolar.

Os resultados alcançados, evidentemente, são muito bem aproveitados em outras pesquisas, inclusive para tentar justificar que o Fracasso Escolar é fruto da origem sociocultural. E nesse caso a diferença social e a origem passam a ter a conotação de falta.

Aqui duas vertentes de observação exigem análise. A primeira é pensarmos alunos do mesmo grupo sócio-cultural. Neste caso podemos observar fracasso/insucesso nos dois universos de observação, isoladamente. Essa observação nos aponta a presença de fracasso tanto no universo composto apenas por alunos menos favorecidos socioculturalmente, quanto no universo composto somente pelos alunos mais favorecidos socioculturalmente.

A segunda vertente seria a comparação intergrupo, ou seja, compararmos alunos de grupos sócio-culturais distintos. Nesse caso, faz-se gritante a diferença e nítida a percepção de fracasso do grupo dos menos favorecidos sócio culturalmente sobre o

grupo com melhor nível sócio cultural. A reforçar essa ideia, temos a OCDE que, em um de seus documentos oficiais, afirma:

A redução do fracasso escolar é positiva, tanto para a sociedade como para os indivíduos. Também pode contribuir para o crescimento econômico e o desenvolvimento social. Na verdade, os sistemas de ensino com melhor desempenho entre os países da OCDE são aqueles que combinam qualidade e equidade. Equidade, na área da educação, significa que circunstâncias pessoais ou sociais como o gênero, a origem étnica ou o meio familiar não representam nenhum obstáculo para a realização do potencial educacional (equidade) e que todos os indivíduos atingem pelo menos um nível mínimo básico de formação (inclusão). Nesses sistemas educacionais, a vasta maioria dos alunos tem a possibilidade de atingir altos níveis de formação, independentemente das respectivas circunstâncias pessoais e sócio-econômicas.

Esse mesmo documento completa o raciocínio anterior quando no decorrer de seu discurso abre espaço para a análise abaixo.

Entre os países da OCDE, quase um entre cinco alunos não atinge o nível básico mínimo básico de formação que lhe permita funcionar nas sociedades de hoje (o que denota falta de inclusão). Os alunos oriundos de meios desfavorecidos no plano sócio-econômico têm duas vezes mais probabilidades de ter fraco aproveitamento escolar, o que significa que as circunstâncias pessoais ou sociais representam obstáculos para a realização do potencial educacional (o que denota falta de equidade). A falta de inclusão e de equidade agrava o fracasso escolar, cuja manifestação mais visível é o abandono escolar (uma média de 20% dos jovens adultos que abandonam os estudos antes de concluir o segundo grau).

No entanto não podemos creditar o insucesso/fracasso escolar exclusivamente à essa diferença sociocultural. Clarlot (2013), busca evidenciar esse ponto, ao explicar que o Insucesso/Fracasso Escolar é também uma vivência própria do aluno, na qual o mesmo se encontra em um momento de sua história escolar, nos mais diferentes contextos. Quando o aluno se encontra nessa situação, a sua autoimagem está desvalorizada e o mesmo se encontra com maior dificuldade de buscar caminhos para sair e abandonar essa condição. E essa passa a persegui-lo como uma marca permanente. Por esse motivo, Charlot (2013, p,16), prefere utilizar o termo “aluno em situação de fracasso”. O aluno em situação de fracasso, pode ser evidenciado da seguinte forma:

Existem, é claro, alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é dispensado, que não adquirem os saberes que supostamente deveriam adquirir, que não constroem certas competências, que não são orientados para habilitação que desejariam, alunos que naufragam e reagem com condutas de retração, desordem, agressão. É o conjunto desses fenômenos, observáveis, comprovados, que a opinião, a mídia, os docentes agrupam sob o nome de “ fracasso escolar” (...). O que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisadas.

Charlot (2013, p. 25) ainda aprofunda essa discussão ao sustentar sua linha de raciocínio em relação à importância de desassociar as questões sociais com o fracasso escolar.

Afirmar que a origem social é a causa do fracasso escolar é cometer dois erros. Por um lado, significa passar de variáveis construídas pelo pesquisador (as posições) para realidades empíricas (designadas como origem ou fracasso escolar). Por outro lado, é interpretar um vínculo, também construído (a correlação) em termos de causa efetiva, de ação empírica. É verdade que o fracasso escolar “tem alguma coisa a ver” com a origem social (caso contrário, não haveria nenhuma correlação entre as duas vertentes), mas a origem social não produz o fracasso escolar. Uma das funções da pesquisa é precisamente transformar esse “alguma coisa a ver” em enunciados claros e rigorosos.

Ratifica-se aqui, o porquê da menção do estudo de Charlot, a respeito do termo “aluno em situação de fracasso”, em função do recorte do objeto de estudo. O presente trabalho analisa alunos de escolas particulares que, de certa forma, encontram-se em um mesmo quadro socioeconômico e cultural favorável. Apesar de inseridos nesse quadro socioeconômico favorável, alguns deles se encontram em situação de fracasso escolar.

Quando o aluno se encontra nessa condição, deve-se analisar o contexto, pois o fracasso escolar não é algo que se adquire, como uma doença ou um vírus, mas sim uma situação ocasional pela qual o aluno está passando e da qual ainda não conseguiu se desvencilhar - a não ser que o seu “fracasso” seja consequência de uma patologia.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Chabanne (2016, p.16) argumenta quanto à generalização do termo fracasso escolar, visto que, primeiramente, deve-se observar o contexto do aluno para definir sua condição frente aos resultados obtidos na escola.

As “dificuldades escolares” não devem ser encaradas como coisas em si ou patologias: só podem ser mencionadas eventualmente como sintomas, que lembram e revelam o comportamento de uma pessoa, num momento determinado e num contexto singular.

Solé (2010, p.30) em suas elucidações a respeito dos resultados escolares obtidos pelos alunos durante sua aprendizagem, expõe que é inegável a relação entre os aspectos cognitivos e os afetivo-relacionais. Assim justifica “quando aprendemos, nos envolvemos globalmente na aprendizagem, e o processo e seu resultado também repercutem em nós de maneira global”.

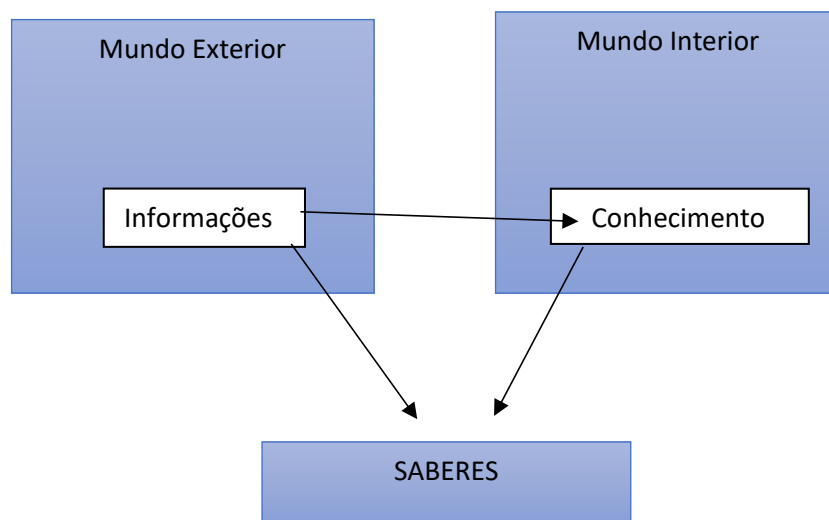
À vista disso, observa-se que em um processo de aprendizagem o aluno se organiza para receber as informações e codificá-las, transformando-as em conhecimento. Esse processo pode se dar de maneira positiva ou não. Quando esse processo se torna negativo, indiferente à sua intensidade, o aluno necessita tentar se reenquadrar o quanto antes na linha de raciocínio pré-estabelecida. Do contrário, o mesmo não aprendeu o que se pretendia que aprendesse e, nesse caso, o aluno se encontra em fracasso escolar.

Muitas das vezes a dificuldade do aluno em se reenquadrar à dinâmica proposta, extrapola o seu desejo de reação, e o mesmo esbarra na relação professor-aluno. Mauri (2015, p.82), em seus estudos descreve algumas concepções de aprendizagem por parte dos docentes. Dentre elas, infelizmente, existe a concepção de alguns professores de só se preocuparem com o conteúdo e com as respostas corretas. Professores que se nutrem dessa concepção e não se preocupam com os alunos aos quais ele está ensinando, principalmente com aqueles que estão passando por alguma dificuldade e, para esses, insiste em enfatizar sobre a sua falta de esforço e/ou de estudo são responsáveis diretos pela situação de “fracasso escolar” dos mesmos.

O que diferencia alunos e alunas que conseguem daqueles o que quase nunca o conseguem? Desse ponto de vista profissional, importante é diferenciar entre os que conseguem ou não ser bem-sucedidos nesse processo, pois a expectativa dos professores é que os alunos e alunas que não conseguirem agora, provavelmente nunca o conseguirão. Nesse caso, se forem acumulando notas ruins, a atuação habitual dos professores consiste em recomendar-lhes que estudem mais, porém não explicarão como podem fazê-lo.

Para compreendermos melhor essa questão do “fracasso escolar”, Chabanne (2016) corrobora ao elucidar a relação entre o aluno e a aprendizagem, apresentando três modelos distintos, a saber:

I - O modelo de Jean-Pierre Astolfi, (Chabanne, 2016, p.37, cit. In Astolfi, 1992), busca apresentar que “a aprendizagem sempre ocorre apesar daquilo que já sabemos... e ainda assim precisamos identificar antes o que já sabemos.”

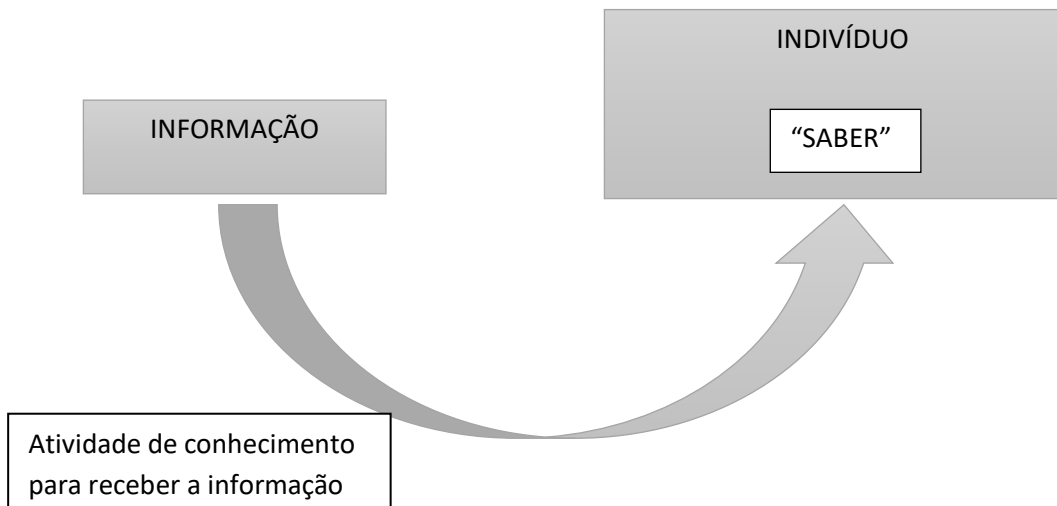


**Figura 06:** Informações, conhecimentos e saberes segundo um quadro apresentado por Jean-Pierre Astolfi.

Fonte Chabanne, 2016, p.38, cit. In Astolfi, 1992

Para o acadêmico referido, a nossa bagagem de conhecimento pode se dar em dois níveis. O nível do saber ou o nível do conhecimento. Quando o aluno é colocado frente à informação, ele atinge o nível do saber, entretanto, para que o mesmo seja conduzido ao nível do conhecimento, a informação precisa ser primeiramente decodificada. Ou seja, a transposição da informação recebida para a aquisição do conhecimento passa pelas estruturas mentais que evoluem até se transformar em saberes, os quais acontecem via discurso. A dificuldade de aprendizagem nesse processo ocorre, segundo Chabanne, (2016, p. 38) da seguinte forma: “dessa maneira, as dificuldades dos alunos podem estar relacionadas tanto aos mecanismos da aquisição do conhecimento quanto ao nível da apresentação das informações na forma de saber”.

II - O modelo de Jean-Marc Monteil busca diferenciar os conceitos de informação, conhecimento e saber. O saber é mais simples e objetivo, é parte captada pelo aluno, e o conhecimento é subjetivo, pois carece de um tratamento da informação.



**Figura 07: Informação, conhecimento e saber segundo Jean-Marc Monteil.**

Fonte Chabanne, 2016, p.39

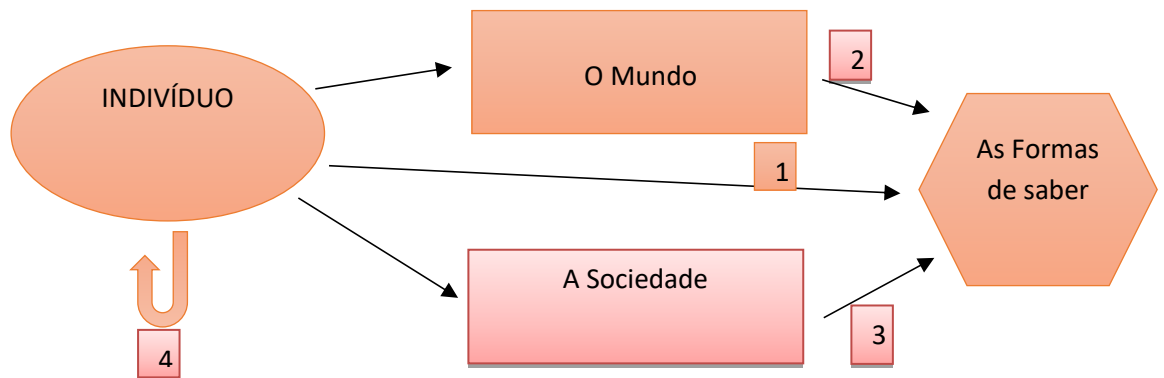
Vale destacar que para Monteil a informação não tem existência própria. Para ela existir o professor deve transmiti-la ao aluno. A forma objetiva de transpor as informações para os alunos cria um saber parcialmente compreendido por todos dentro de um mesmo contexto escolar. Isso não significa que as dificuldades de aprendizagem não ocorram nesse cenário, e esse suposto “fracasso” escolar pode vir da falta de objetividade do professor. Chabanne (2016, p.39) a esse aspecto explica:

No que diz respeito às dificuldades de aprendizagem, sabemos que a informação não existe por si própria: os professores comprovam isso habitualmente quando percebem que a transmissão de “informações” não é suficiente para criar fatos informativos que despertem a vigilância e a atenção dos alunos. A informação do professor é um objeto que o aluno deve “reconhecer” no conjunto dos eventos da classe, dando-lhe forma e sentido.

III - O modelo Bernard Charlot (1997), defende a tese que o “saber é relação”. Dessa forma, apresenta o indivíduo e suas representatividades relacionando com as formas de saber, com o mundo, com a sociedade e com ele próprio. A relação do indivíduo com o saber seria direta, as falhas de aprendizagens ocasionada nesse caso seria pela falha do

processo didático e a incapacidade do mesmo em absorver o saber ensinado. Chabanne (2016, p.40), explica essa relação.

As dificuldades na escola estariam relacionadas a uma falha do indivíduo, que não estaria habilitado a captar tal saber, seja por sua natureza, seja por suas possibilidades. Esse indivíduo seria avaliado como fraco. Por outro lado, as dificuldades poderiam também ser atribuídas a uma falha no processo didático, ou seja, a maneira de apresentar a informação seria inacessível.



**Figura 08:** A relação do indivíduo com o saber, segundo Bernard Charlot Fonte Chabanne, 2016, p.40

- 1- A Relação Indivíduo com o saber – direta
- 2- O indivíduo constrói seu saber a partir de sua relação com o mundo real.
- 3- O indivíduo aborda o conhecimento pelo canal da sociedade.
- 4- O indivíduo representa a si mesmo em processo de aprendizagem e, conseqüentemente, em processo de transformação.

Quando o indivíduo relaciona seu saber com o mundo, depende de seus conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida para interpretar os novos saberes. É o processo construtivista de Jean Piaget: “As dificuldades na escola fazem parte da experimentação do real; elas são normais e necessárias à aprendizagem”. Mas quando o indivíduo relaciona o seu saber à sociedade, o mesmo tem que se utilizar de ferramentas já preconcebidas, ou seja, tem que seguir um padrão pré-estabelecido, não podendo sair das normas. As dificuldades de aprendizagem, nesse caso, serão sanadas pela didática. Quando o indivíduo representa a si mesmo no processo de aprendizagem, a situação dependerá de como ele mesmo se observa nessa situação. Sua percepção pode ser de sucesso ou de fracasso.

Chabanne (2016, p. 44, cit. in La Borderie, 2000), para apresentar a dificuldade de compreensão de um aluno em relação à transposição didática do seu professor.

Mas além das palavras, é aquilo que assimilamos delas: o que essas palavras nos evocam (experiência direta ou não); aquilo com que estabelecemos relações: de um conceito, de uma ideia, de uma imagem com outra.

Com essa análise entendemos que a dificuldade que um aluno tem de compreender a linguagem do seu professor, muitas vezes, revela apenas a dificuldade de entender a comunicação estabelecida na transposição do conhecimento, e não necessariamente em uma dificuldade real de aprendizagem, mas apenas a incompreensão daquela forma daquele professor específico em transmitir o conhecimento. Por isso, tachar um aluno com estigma de fracassado, além de um generalização cruel torna-se não somente mais uma das causas de desmotivação para a superação desse rótulo - o qual, muitas vezes, prende o aluno em um ciclo vicioso: se fracassei hoje, irei fracassar amanhã e sempre.

Fava (2014) em seu estudo, enfatiza que indiferente ao cenário educacional existente, o “professor continua sendo o ator principal do processo de ensino-aprendizagem”. Sua constatação baseou-se nas pesquisas realizadas pelo Dr. William L. Sanders, pesquisador da University of North Caroline, com mais de 100 mil estudantes em centenas de escolas. A conclusão dessa pesquisa Fava (2014, p.72 e73) apresentou em seu livro, da seguinte forma:

O fator mais importante que afeta a aprendizagem do aluno é o professor. Além disso, os resultados mostram uma ampla variação na eficácia entre os professores. A implicação imediata e clara desse achado é que, aparentemente, mais coisas podem ser feitas para melhorar a educação melhorando a eficácia dos professores, do que fazendo qualquer outra coisa. Professores eficazes parecem ser eficazes com alunos de todos os níveis de desempenho, independentemente do nível em suas classes. Se o professor for ineficiente, os alunos que estão sob sua tutela exigirão um progresso academicamente inadequado, independentemente de quão semelhantes ou diferentes eles sejam em relação ao seu desempenho acadêmico.

Se o professor ainda é de fato o principal ator no processo de ensino e aprendizagem, sem dúvida que não podemos deixar, em nossas escolas, profissionais com visão e/ou pensamento vendado em relação ao novo perfil do aluno contemporâneo. Por

consequente, esse ainda estão contribui para a desmotivação de muitos alunos que teriam potencial para desenvolver outras habilidades que não se enquadram no Modelo Tradicional de Ensino.

**PARTE II –ESTUDO EMPÍRICO**

### **CAPÍTULO III – PARTE EMPÍRICA**

Nesse capítulo, serão apresentados a parte metodológica que compôs a investigação, bem como os resultados do questionário aplicado aos alunos de duas escolas particulares de Belo Horizonte /Minas Gerais /Brasil. Este questionário foi aplicado no ano acadêmico de 2016, num total de 157 alunos regularmente matriculados no 9º ano do Ensino Fundamenta II, e no 1ºano do Ensino Médio.

#### **3.1 Metodologia**

A pesquisa utilizada na investigação foi a exploratória, que segundo Cervo et al (2007) não requer a elaboração de hipóteses significativas para posteriores pesquisas. Para o autor,

A pesquisa exploratória não requer a elaboração de hipóteses significativas para posteriores pesquisas, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo. Tais estudos têm por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter uma nova percepção dele e descobrir novas ideias. (Cervo et al, 2007, p.63)

Já quanto ao desenho metodológico, a pesquisa se trata de um método misto na qual Gray (2012, p.163) vem postular que

Os desenhos de métodos mistos são aqueles que incluem, pelo menos, um método quantitativo e um qualitativo, onde nenhum deles está inerentemente ligado a qualquer paradigma de investigação específico. (...) As abordagens quantitativas e qualitativas geralmente partem de premissas incompatíveis sobre a natureza do mundo.

Nessa mesma linha, Sampieri, Fernandez & Lúcio (2013 ,p.550) vem postular que

Os métodos mistos representam um conjunto de processos sistemáticos e críticos de pesquisa e implicam a coleta e a análise de dados quantitativos e qualitativos, assim como sua integração e discussão conjunta, para realizar inferências como produto de toda a informação coletada (metainferências) e conseguir um maior entendimento do fenômeno em estudo.

O método misto que aborda tanto a pesquisa quantitativa quanto qualitativa, vem agregando valor ao longo dos anos em relação a pesquisa empírica, onde o objeto pode ser bem mais explorado do que se fosse apenas uma das pesquisas utilizadas.

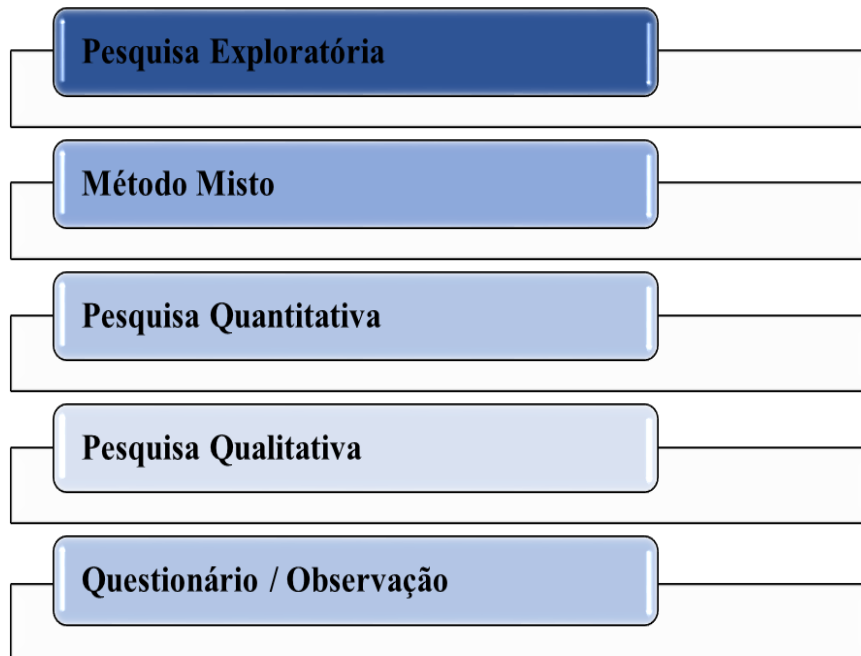


Figura 09: Desenho de Pesquisa

### 3.2. População e amostra

A amostra de estudo foi delimitada com os alunos matriculados e regulamente presentes nas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II e de do 1ºano do Ensino Médio de duas escolas particulares da cidade de BH/MG/BR.

Se consideremos a população como o conjunto de todos os elementos importantes para a pesquisa e, como amostra, a parcela desta escolhida para estudo. Gil (2002) explica que os "resultados obtidos no levantamento tendem a se aproximar bastante dos que seriam obtidos caso fosse possível pesquisar todos os elementos do universo.

Vale ressaltar que, nesse caso, houve uma amostra não ale, acerca dos seguintes critérios:

- alunos regularmente matriculados nas escolas A e B;
- alunos de série e escola em que o professor leciona

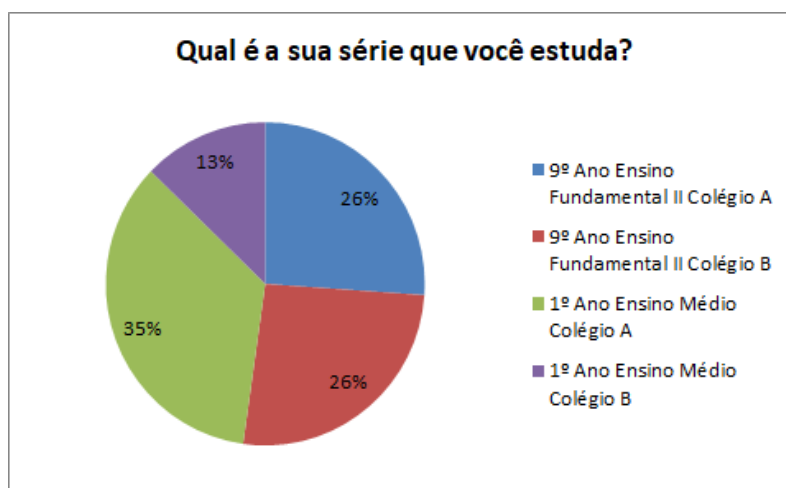
Esses critérios foram aplicados, em vista de esse ser o universo ao qual se teria fácil acesso aos alunos para a aplicação dos questionários e também para explicação do objetivo e, principalmente, a aplicação pelo próprio elaborador do trabalho, que garantiria que dados não fossem colhidos de forma a gerar resultados enviesados.

A composição da amostra pode ser representada pela gravura abaixo e foi delimitada pela questão número 1 do questionário: “em que série você estuda?”. Aqui podemos ter uma visão clara da distribuição das séries envolvidas por escola, a quantidade de classes e o número de alunos em que foram aplicados os referidos questionários.

	9º Ano Ensino Fundamental II		1º Ano Ensino Médio		Total
	Turma A	Turma B	Turma A	Turma B	
colegio A	21	20	27	28	96
colegio B	21	20	20		61
Total	42	40	47	28	157

**Tabela 01:** Caracterização da Amostra

De acordo com a tabela, cerca de 96 alunos são do Colégio A, e 61 são do Colégio B, totalizando uma amostragem de 157 alunos envolvidos na investigação.



**Gráfico 01:** Caracterização por segmento de ensino

No que diz respeito a pergunta, cerca de 26% dos alunos estudam no 9 ano do Ensino Fundamental II do Colégio A, a mesma percentagem (26%) são de alunos do 9 ano do

Ensino Fundamental II do Colégio B, 35% são do Ensino Médio do Colégio A e por último, 13% são do Ensino Médio do Colégio B.

### **3.3. Instrumentos e Procedimentos**

O procedimento adotado para o levantamento dos dados foi a aplicação do questionário. Esse questionário foi construído com base na literatura de Lakatos e Marconi (2016, p.184):

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por portador, depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo.

Ao se aplicar esse questionário, o objetivo mais relevante foi verificar na prática o real impacto que o Modelo Tradicional de Ensino, das escolas particulares brasileiras, acarreta na transposição didática. Além de também auferir qual a percepção do aluno de quanto esse modelo é desmotivador e entediante e, por consequência, o quanto contribui para o seu fracasso escolar. Essa técnica permitiu que um conjunto idêntico de questões fosse aplicado ao universo de alunos escolhidos como amostra. E a esses fosse garantido o anonimato. Essa garantia era extremamente importante para que os alunos tivessem total liberdade de resposta.

No período de 08/09/2016 a 16/09/2016 foi aplicado o questionário aos alunos das duas instituições escolhidas. Não sem antes ter sido apresentado e explicado o objetivo do trabalho, bem como ter sido facultado aos alunos o direito de se recusarem a participar da pesquisa. Em seguida foi firmado por cada um dos alunos participantes, o termo de aceite que, novamente garantindo o anonimato, foi recolhido separadamente do questionário. Vale ressaltar que, ainda que tenha sido facultado o direito de se abster de responder, nenhum dos alunos presentes se recusou a fazê-lo.

Deve-se destacar ainda que, mesmo em caso de não se ter limitado o tempo de resposta, nenhuma das turmas alcançou tempo superior a 30 minutos para conclusão das respostas e recolhimento dos questionários.

### **3.4 Objetivos do Estudo**

Para a realização deste estudo foram definidos os seguintes objetivos:

Objetivo Geral: Investigar os impactos que o modelo tradicional de ensino, das escolas particulares brasileiras, acarreta na transposição didática e se esse modelo está sendo desmotivador e entediante para maioria dos alunos e conseqüentemente contribuindo para o fracasso escolar dos mesmos.

E para objetivos específicos:

I- Analisar se o Modelo Tradicional de Ensino é de fato a predominância da metodologia utilizada pelos professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio das escolas particulares do Brasil.

II- Compreender se Modelo Tradicional de Ensino das escolas particulares do Brasil está sendo desmotivador e entediante para a maioria dos alunos e por conseqüência sendo um dificultador na transposição do conteúdo e contribuindo para o fracasso escolar.

III- Pesquisar se os alunos do Ensino Fundamental II e Médio, vinculam suas experiências de ensino e aprendizagem no colégio que tenham efetivamente contribuído para seu aprendizado ao Modelo Construtivista de Ensino.

IV- Analisar por amostragem se todos os alunos de baixo rendimento das escolas particulares do Brasil são de fato alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

V- Propor aos professores novas metodologias e formas de abordagens de interação com os alunos, para facilitar a transposição didática das matérias lecionadas e que possa contribuir para o sucesso escolar e maior motivação dos alunos.

### 3.5. Resultados encontrados

Quando analisamos as 157 respostas dadas ao questionário aplicado, pudemos constatar um padrão nas duas escolas para a questão: “em qual modelo você julga aprender mais?”. Decorre essa preferência, levemente superior, na escola B, onde 72,13% dos alunos entrevistados optam pelo modelo construtivista, enquanto na escola A, 70,83% dos alunos acreditam que aprendem mais dentro do modelo construtivista.

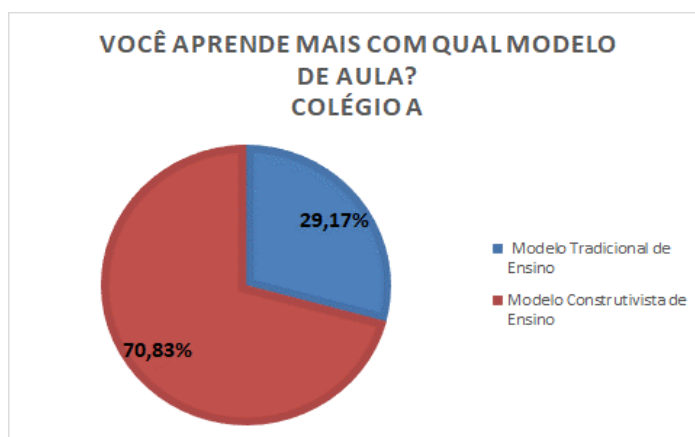


Gráfico 02: Aprenderizado por modelo de aula – Colégio A

No que diz respeito ao modelo de ensino, foi possível perceber que cerca de 29,17% dos alunos tem acesso ao modelo de Ensino Tradicional, enquanto 70,83% tem como modelo pedagógico o Construtivismo, como referiu-se o gráfico acima.

Sobre o modelo de aula e qual deles é possível contemplar uma maior qualidade de ensino, segue o próximo gráfico que faz essa análise:

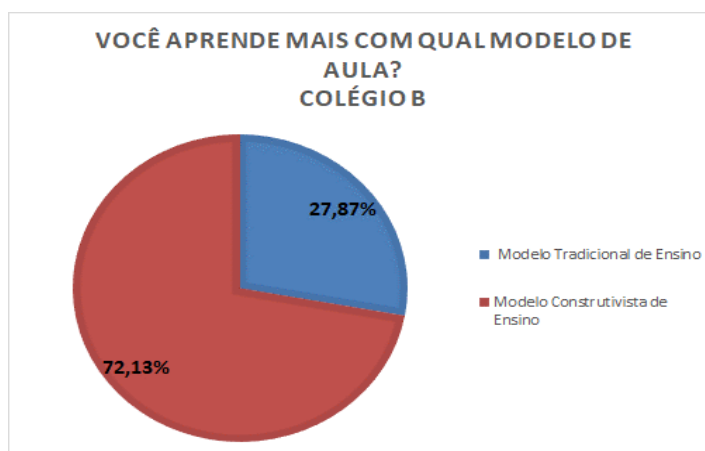


Gráfico 03: Aprenderizado por modelo de aula - Colégio B

Para os inquiridos, 27,87% deles acreditam que o Modelo Tradicional de Ensino contribui com o aprendizado, e para os 72,13% o Modelo Construtivista é o melhor para o acesso ao aprendizado de qualidade.

Considerando a grade curricular de cada uma das séries das escolas pesquisadas (Tabela 2) e considerando a síntese do conjunto das respostas das questões 3, 4 e 5 do questionário aplicado (Tabela 3)

GRADE CURRICULAR				
	9º Ano Ensino Fundamental II		1º Ano Ensino Médio	
	Colégio A	Colégio B	Colégio A	Colégio B
	Biologia	Biologia	Biologia	Biologia
	Educação Física	Educação Física	Educação Física	Biologia Aplicada
	Ética	Ensino Religioso	Ética	Educação Física
	Filosofia	Filosofia	Filosofia	Ensino Religioso
	Física	Física	Física	Filosofia
	Geografia	Geografia	Geografia	Física
	Historia	Historia	Historia	Física Aplicada
	Laboratório	Literatura	Laboratório	Geografia
	Literatura	Matemática	Literatura	Historia
	Matemática	Português	Matemática	Literatura
	Português	Química	Português	Matemática
	Química	Sociologia	Química	Português
	Sociologia		Sociologia	Química
				Química Aplicada
				Redação
				Sociologia
Total				

**Tabela 02:** Grade Curricular dos Colégios

Em relação a quantidade de disciplina que os alunos têm na grade curricular, na sala de aula do Modelo Tradicional de ensino e no Modelo Construtivista, foi possível perceber que no Colégio A – no 9º ano eles possuem cerca de 13 matérias, no Ensino Médio são 13 matérias também, enquanto no Colégio B – no 9º ano são 13 matérias e no Ensino Médio, 16 matérias compõe a grade curricular dos alunos.

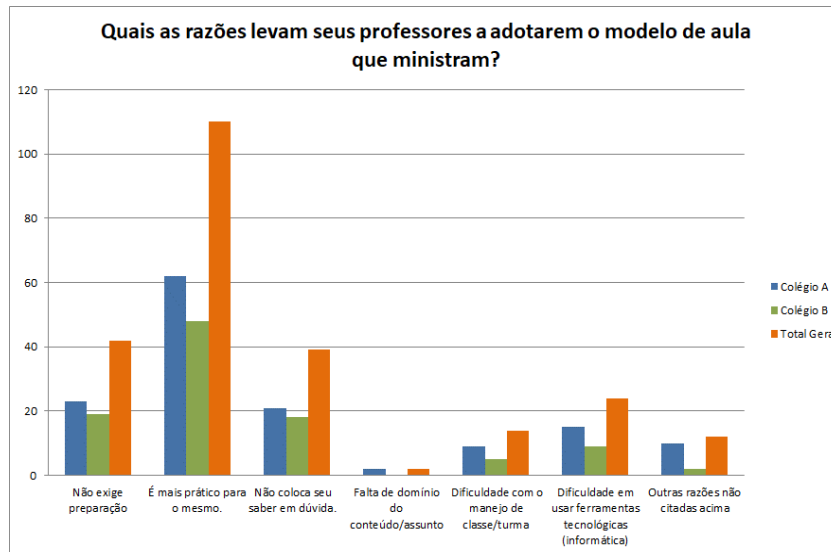
	9º Ano Ensino Fundamental II		1º Ano Ensino Médio	
	Colégio A	Colégio B	Colégio A	Colégio B
<b>3- Quantas disciplinas (matérias) você tem na sua grade curricular?</b>	<b>41</b>	<b>41</b>	<b>55</b>	<b>20</b>
1 à 5	0	0	0	0
6 à 10	2	4	0	0
11 à 15	39	37	53	19
Mais de 15	0	0	2	1
<b>4- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Tradicional de Ensino?</b>	<b>41</b>	<b>41</b>	<b>55</b>	<b>20</b>
1 à 5	3	16	5	11
6 à 10	29	19	34	7
11 à 15	9	6	16	2
Mais de 15	0	0	0	0
<b>5- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Construtivista de Ensino?</b>	<b>41</b>	<b>41</b>	<b>55</b>	<b>20</b>
1 à 5	38	29	45	14
6 à 10	3	11	9	4
11 à 15	0	1	1	2
Mais de 15	0	0	0	0

**Tabela 03:** Questões 3,4 e 5

Percebemos que, ainda que a maioria dos alunos julgue ter melhor desempenho quando seus professores adotam o Modelo Construtivista de Ensino na prática julgam vivenciarem aulas onde, na maioria das vezes, seus professores fazem opção por metodologias próprias do modelo tradicional.

Os alunos do 9ºano do ensino fundamental II e do 1ºano do ensino médio acreditam que seus professores optam entre ministrarem aula dentro da perspectiva do Modelo Construtivista ou Tradicional, por diversas razões, conforme gráfico 4 abaixo: foi a principal resposta, tanto no total geral quanto no total por escola, por tratar-se o método escolhido, do mais prático para o próprio professor. Segue o total geral pelas razões de não exigir preparação, e por não colocar o saber do professor em dúvida. Vale destacar que a resposta com menor porcentagem foi a falta de domínio do conteúdo/assunto- o que nos permite inferir que os alunos acreditam que as dificuldades na transposição didática e, portanto, no seu sucesso ou fracasso escolar, centram-se em razões outras que não o despreparo técnico de seus professores. Os alunos dos dois estabelecimentos de ensino propriamente julgam seus professores mais acomodados a uma rotina de trabalho, do que despreparados.

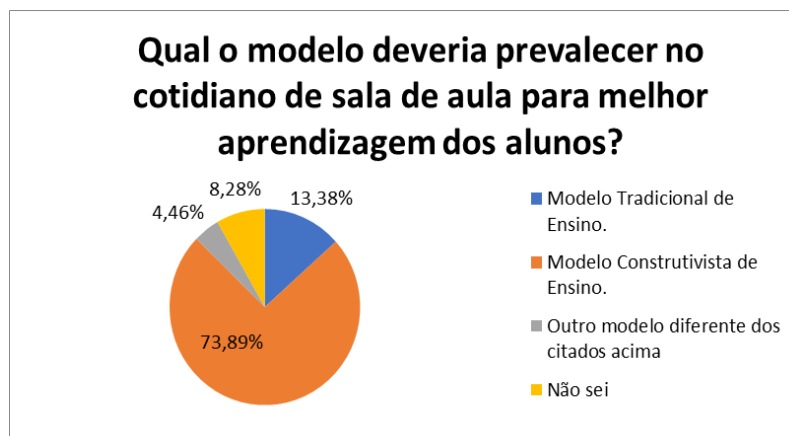
Em relação as razões que levam os educadores a adotarem certos modelos de ensino, segue o gráfico na qual discorreremos os motivos:



**Gráfico 04:** Motivos que levaram os professores adotarem o modelo de aula que ministram

Em relação aos modelos adotados nas aulas dos professores, os motivos que os levaram a preparar e adotar formas de dar aulas são os mais diversos que envolve a não preparação; a praticidade para o mesmo; não coloca o saber em dúvida; falta de domínio do conteúdo; dificuldade em manejar a turma; dificuldade em utilizar as novas tecnologias e outras razões que não se encontram elencadas no guião de perguntas.

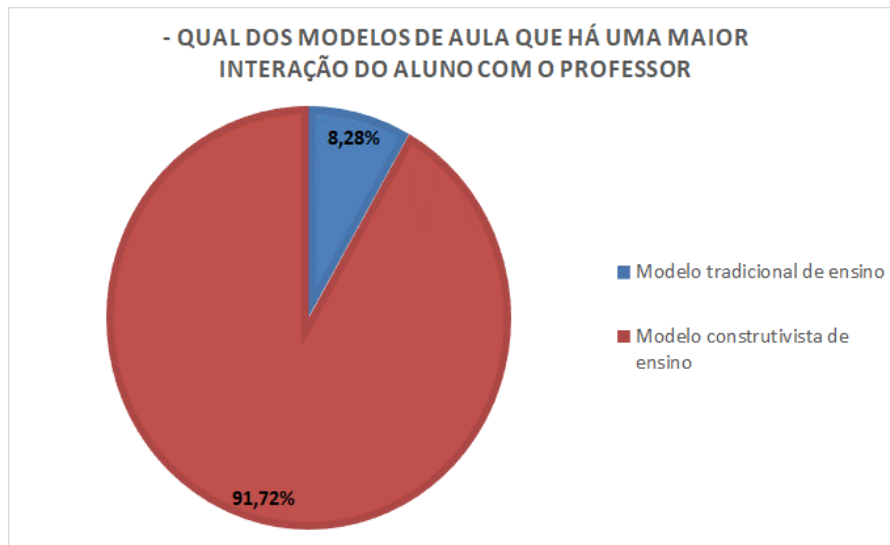
No que tange ao melhor modelo de ensino que facilita a aprendizagem dos alunos, podemos verificar que:



**Gráfico 05:** Modelo de aula para melhor aprendizagem do aluno

Ficou claro entre os alunos que o modelo de aula que esses preferiam que prevalecesse na escola é o modelo construtivista com 73,89% das respostas.

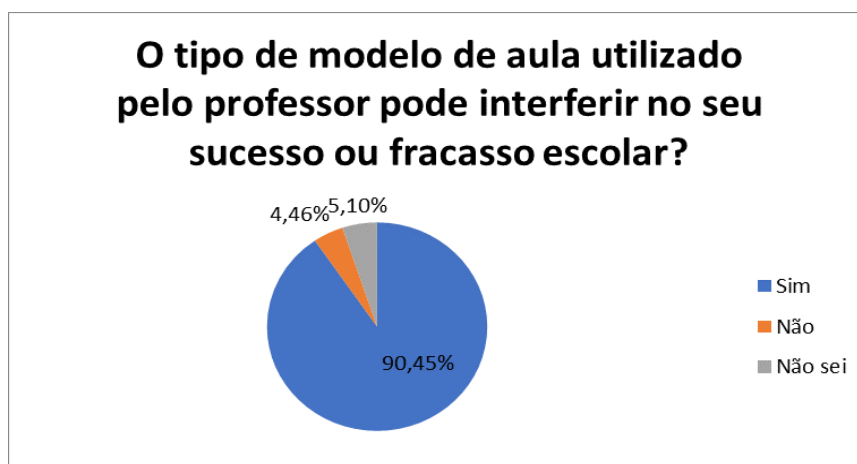
As respostas em exposto, dialoga com as respostas onde os alunos apresentam qual modelo de aula que acreditam ter maior interação entre aluno e professor.



**Gráfico 06:** Modelo de Interação entre o aluno e o professor

Essa informação guarda coerência com a primeira informação que apresentamos, na qual a maioria dos alunos das duas escolas acreditam aprender mais em aulas com características construtivistas. Essa relação ficou fortemente comprovada quando os alunos foram questionados se o modelo adotado pelos professores interfere em seu sucesso ou fracasso.

Quanto ao tipo de modelo de aula utilizado pelo professor que venha no futuro contribuir para o sucesso ou o fracasso do aluno, temos como resposta o gráfico que segue:



**Gráfico 07:** Sucesso X Fracasso da aula de acordo com o modelo lecionado

Nesse gráfico, foi possível verificar que 90,45% dos alunos acreditam que o modelo de aula pode interferir no seu aprendizado, enquanto 4,46% dos alunos acreditam que não e 5,10% não souberam explicar.

A mesma coerência foi encontrada quando se questionou os alunos sobre qual modelo eles julgavam ser mais desmotivador/entediante e, por consequência, gerador de maior dispersão.

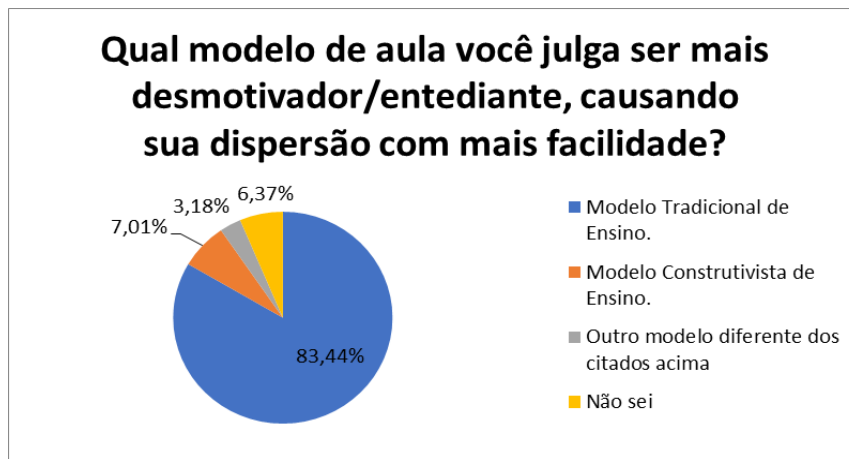


Gráfico 08: Modelo de aula desmotivadora e ou entediante

Dos tipos de aulas que os alunos julgaram mais entediantes, seguem elencadas as respostas de acordo com o gráfico abaixo:

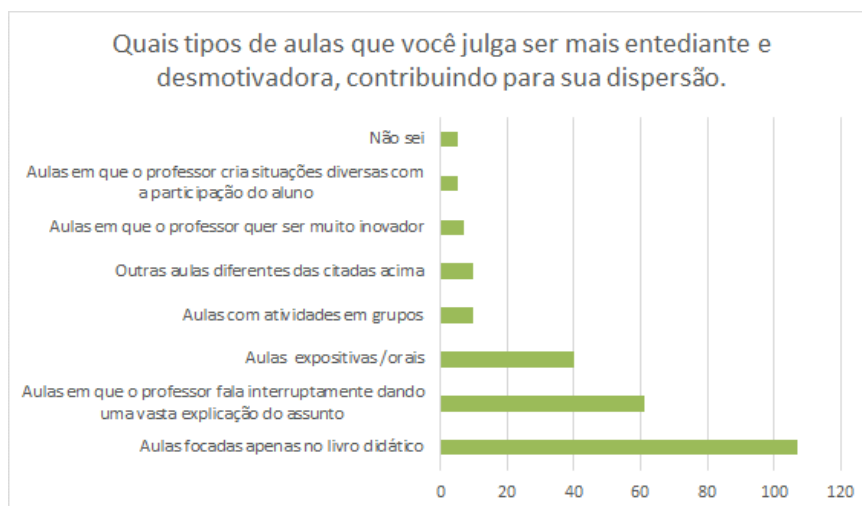
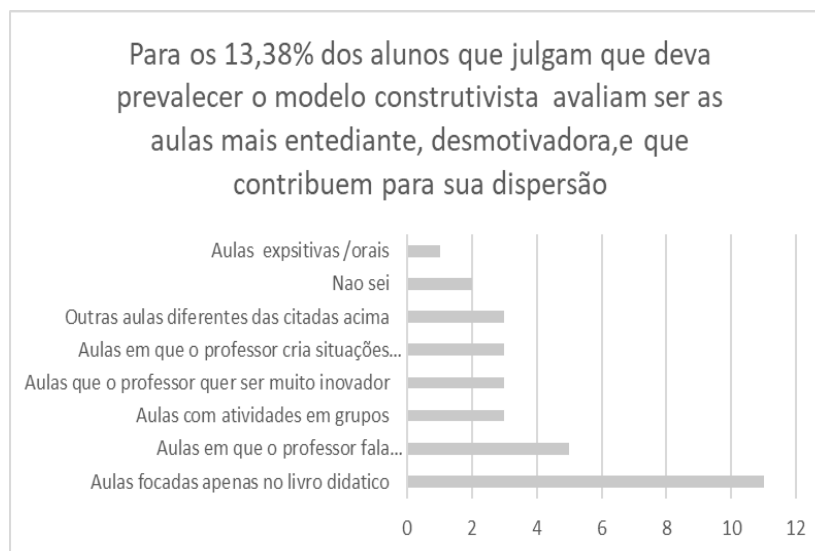


Gráfico 09: Aprendizado por modelo de aula – Colégio A

Ficou também demonstrado que as principais razões que tornam as aulas desmotivante /entediante, causando maior dispersão dos alunos, encontra-se fortemente vinculadas à característica da transmissão unilateral de um conhecimento pré-moldado, marca central do Modelo Tradicional de Ensino.

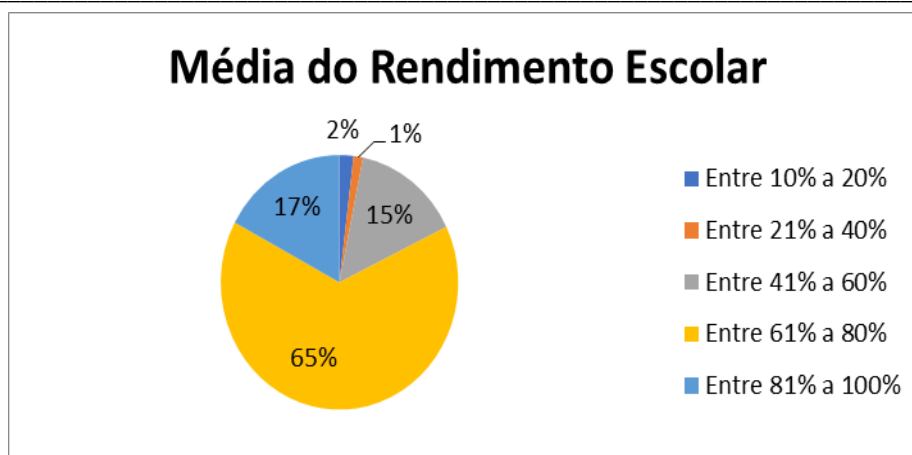
Para aqueles que julgam que o modelo construtivista seja o mais entediante e desmotivador, segue o gráfico para análise:



**Gráfico 10:** Modelo Construtivismo

Aqui uma análise mais pormenorizada se fez necessário. Separamos os 13,38% dos alunos que julgaram que deveria prevalecer no cotidiano de sala de aula o Modelo Tradicional de Ensino para melhor aprendizagem e analisamos suas respostas a essa mesma questão. Curiosamente as duas características mais escolhidas por esse subgrupo coincide com as respostas anteriores.

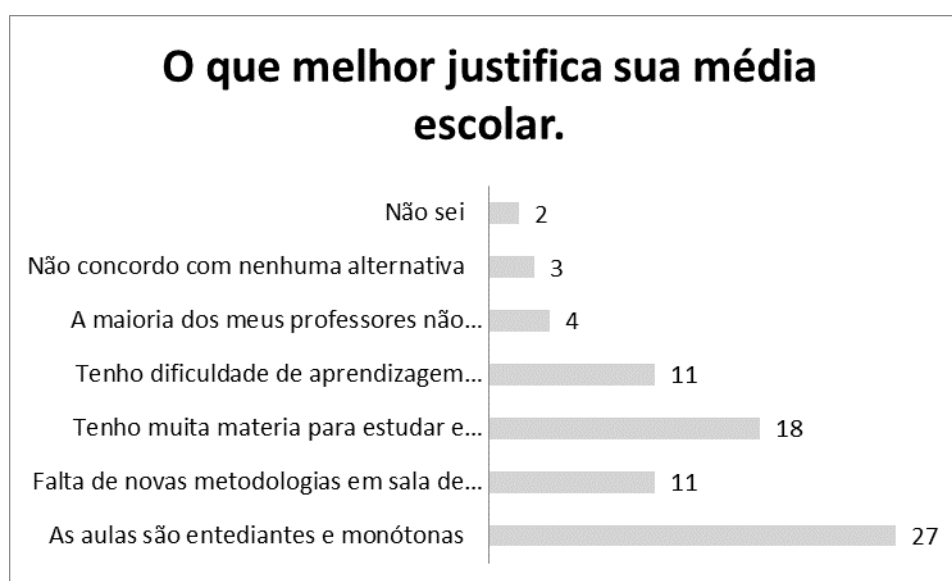
Na amostra analisada foram encontradas as médias escolares representadas a seguir.



**Gráfico 11:** Rendimento Escolar

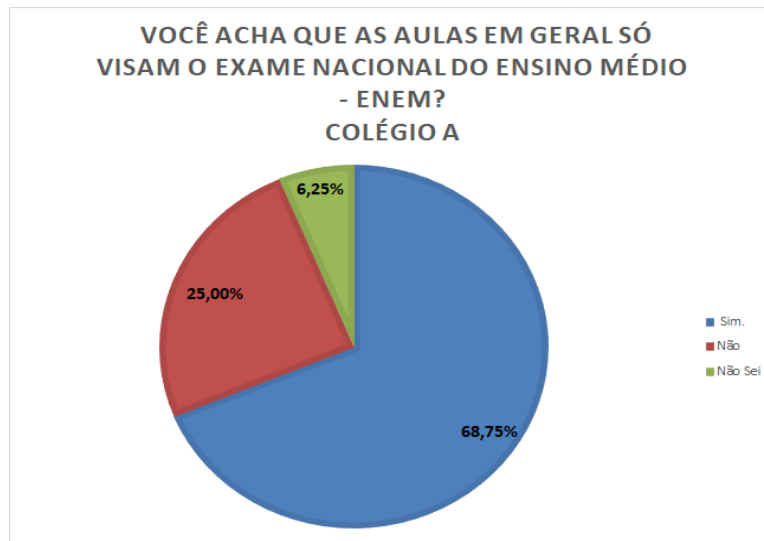
Em relação à média do rendimento escolar, cerca de 65% dos inquiridos ficam entre 61 a 80 % de média, 17% possuem uma média entre 81 e 100, 15% entre 41 a 60% de aproveitamento, 2% são os que ficam entre 21 a 40% e por último, 1% que está entre 10 a 20% de média escolar.

Considerando o universo que se declarou com média inferior a 60% foi questionado quais razões julgam serem responsáveis pelo baixo desempenho. As respostas desse grupo de 28 alunos ou 17,83% do total ficou representada no gráfico a seguir.

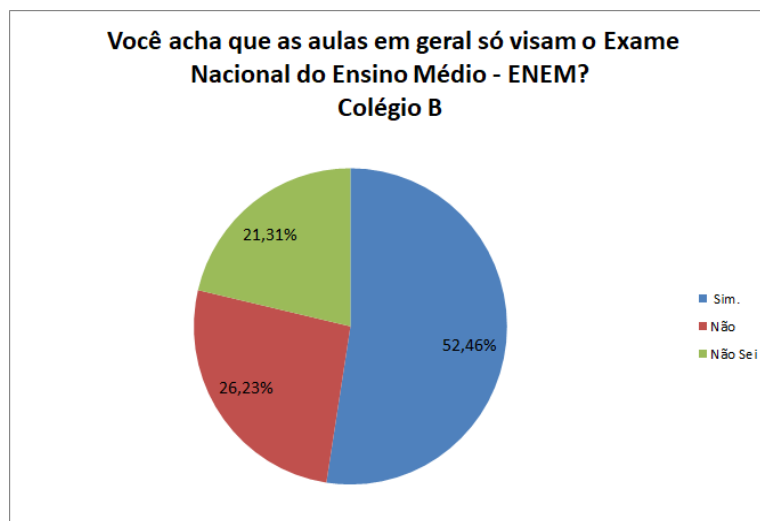


**Gráfico 12:** Média Escolar

Já sobre o foco das aulas no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, os alunos avaliam que:



**Gráfico 13:** As aulas visam a preparação para o ENEM? Colégio A.



**Gráfico 14:** As aulas visam a preparação para o ENEM? Colégio B.

Os alunos ainda avaliaram se a escola que estudam visam sobremaneira o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e a maioria das duas escolas responderam afirmativamente a essa questão.

## **CAPÍTULO IV- PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Após o aprofundamento do estudo da temática deste projeto e da reflexão das análises dos dados obtidos com os inquéritos supracitado, faz-se necessário apresentar uma proposta de intervenção, com perspectiva para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, bem como, instigar o professor a um olhar mais amplo e arrojado, mas não menos cuidadoso, para o cenário educacional brasileiro que aflora em pleno século XXI, sedento por mudanças e adequações que atendam aos alunos desta nova geração.

Para tanto, foi desenvolvido uma proposta de Intervenção para os professores, coordenadores e a direção, com os objetivos de Contribuir através de palestras e workshops, com a formação dos profissionais da educação; Criar estratégias de envolvimento entre os professores e os alunos; Propor formações continuadas com a periodicidade mensal; Propor roda de conversas entre professores, alunos e coordenação e por fim, promover também, cursos que venham contemplar as novas tecnologias implantadas nas escolas como ferramentas de interação e promoção do conhecimento.

A tabela a seguir é um esboço sucinto referente à proposta de intervenção.

**Tabela 04:** Proposta de Intervenção

Proposta de Intervenção					
Público Alvo	Objetivo	Estratégias	Meios/Recursos	Operacionalização	Avaliação
Professores, Coordenadores Orientadores Educacionais.	1-Formação de professores.	- Palestras, workshop. Tema: O perfil da geração de alunos que trabalhamos.	- Contratar educador externo ou um educador da própria escola com expertise no assunto. - Espaço físico adequado para comportar o público alvo.	1 encontro no início do ano letivo.	- Observação constante durante todo o ano. - Inquérito de satisfação e opinião dos alunos
	2- Criar um Projeto Interno (nomeado) de envolvimento dos professores com os alunos.	- Criar o nome do projeto e uma logo. - Criar um momento de start do projeto (dinâmica) para envolver o público alvo.	- Materiais para a dinâmica (papel, caneta, tinta, etc.) - Espaço físico adequado para comportar o público alvo.	4 encontros:  -1 Start do projeto.  -2 Durante o ano letivo (um em cada semestre para não deixar cair no esquecimento).  -1 final do ano letivo.	- Presença dos envolvidos.  - Envolvimento do público alvo.  - Depoimentos.  - Portfólio.
	3- Encontros mensais de formação continuada.	- Reuniões com o público alvo.	- Material de estudo. (textos, livros, referências da escola)	- Encontros mensais para tratar dos diversos assuntos que envolve a temática.  *Objetivo da escola.	- Presença dos envolvidos.  - Envolvimento do público alvo.
	4- Conversa da Direção com os alunos.	- Entrada da Direção em sala de aula.		* Perfil de alunos e da escola.  * Metodologias.  *Novas tecnologias em sala de aula.  *Pedagogia de Projetos.	
	5-Curso sobre novas tecnologias para sala de aula.	- Whorshop sobre uso de novas tecnologias em sala de aula.	- Contratação de profissional especializado no assunto.  - Sala de aula e/ou laboratório de informática.	- Encontros para formação dos professores (atividades práticas). A quantidade depende do orçamento da escola, o ideal é um a cada dois meses. OBS: Existem empresas que prestam consultorias para escola sobre o uso de tecnologias (google for education, microsoft educacional, etc)	- Anotar os depoimentos dos alunos para futuras reflexões e intervenções com os professores.  - Atividades práticas com o corpo docente.

**Tabela 05:** Cronograma do Projeto de Intervenção

CRONOGRAMA DO PROJETO DE INTERVENÇÃO											
Ações	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1- Formação de professores.											
2- Projeto Interno											
3- Encontros mensais de formação											
4- Conversa da Direção com os alunos.											
5- Curso sobre novas tecnologias para sala de aula.											

## **CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES GERAIS**

Trabalhar e se envolver com a temática, “Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Fracasso Escolar” é algo desafiador, pois entramos em uma seara bastante delicada. É necessário analisar dois atores com características dicotômicas, que convivem e coexistem em um mesmo cenário, mas podem também se sentirem bem distantes, o professor e o aluno, dentro do contexto de ensino e aprendizagem. Discutir modelos de Ensino e, principalmente, o Modelo de Ensino Tradicional, inicialmente provoca algumas reações. O Modelo de Ensino Tradicional, hoje no Brasil, é visto por dois ângulos muito nítidos: as pessoas que aprovam e as que reprovam esse modelo.

As que apoiam, grande parte, baseiam-se nos rankings nacionais classificatórios, criados com os micros dados do ENEM, resultados das avaliações dos alunos do último ano do Ensino Médio, que visam o ingresso às universidades federais e algumas particulares que passaram a se utilizar dessas notas como critério de avaliação para os seus processos seletivos. Os resultados obtidos pelas escolas ditas tradicionais, na sua maioria, aparecem no topo dessas listas; conseqüentemente, muitos pais optam por colocar seus filhos nessas escolas, associando esse resultado à expectativa de sucesso para a vida dos mesmos, sem levar em conta os diversos outros fatores que precisam ser analisados que envolvem essa questão.

As que reprovam esse modelo, muitas das vezes enxergam a educação de forma mais ampla, não a limitando apenas aos resultados quantitativos. Observa-se que muitas das escolas tradicionais valorizam mais o acúmulo de conteúdo, através de aulas expositivas, destacando os alunos com maior habilidade para reter as informações que conseqüentemente, tirarão mais notas nos testes/avaliações. Dessa forma, muitos alunos não se enquadram nesse modelo de ensino, causando seu fracasso escolar, o que pode comprometer todo o seu futuro.

Foi baseando-se nesse contexto que surgiu a questão a respeito dos impactos que o Modelo Tradicional de Ensino das escolas particulares brasileiras acarreta na transposição didática e se o mesmo está sendo desmotivador e entediante para a maioria

dos alunos, conseqüentemente contribuindo para o insucesso escolar dos mesmos. As reflexões sobre essa temática foram norteadas pelas questões de investigação a seguir: será que o modelo tradicional de ensino é de fato predominância da metodologia utilizada pelos professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio das escolas particulares do Brasil? Será que o Modelo Tradicional de Ensino das escolas particulares do Brasil está sendo desmotivador e entediante para a maioria dos alunos e, por consequência, sendo um dificultador na transposição do conteúdo e contribuindo para o fracasso escolar? Será que os alunos do Ensino Fundamental II e Médio vinculam suas experiências de ensino e aprendizagem no colégio que tenha efetivamente contribuído para seu aprendizado no modelo construtivista de ensino? Será que os alunos de baixo rendimento das escolas particulares do Brasil (amostragem) são de fato alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem?

A partir da análise dos resultados obtidos através do inquérito/questionário e associando-os ao referencial teórico deste trabalho, conclui-se que:

Em relação ao primeiro objetivo específico, analisar se o modelo tradicional de ensino é de fato predominância da metodologia utilizada pelos professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio das escolas particulares do Brasil. Verificou-se que o Modelo de Ensino Tradicional é nitidamente predominante nas duas escolas pesquisadas. Segundo a visão dos alunos pesquisados, o fato de a maioria dos professores utilizarem o Modelo de Ensino Tradicional se dá pela praticidade encontrada pelos mesmos em ministrar suas aulas, visto que o processo se repete ano após anos e não há tanta necessidade de readequações metodológicas e também pelo fato de que esse Modelo de Ensino minimiza as discussões, pois o professor é o centro das atenções e o detentor exclusivo do saber aprendido, ou seja, seu conhecimento não é colocado em dúvida.

Um ponto de relevância na pesquisa nesse quesito é que o total geral dos alunos, apesar de terem marcado que o Modelo de Ensino Tradicional é mais prático para o professor e não coloca seu saber em dúvida, reconhecem, através das suas respostas de menor porcentagem, que apesar da escolha dos seus professores por esse modelo, isso não justifica que os mesmos não dominem o conteúdo/assunto ministrado. Com essa

evidência, permite-nos inferir que os alunos acreditam que as dificuldades na transposição didática e, portanto, no seu sucesso ou fracasso escolar, centram-se em razões outras que não o despreparo técnico de seus professores. Os alunos dos dois estabelecimentos de ensino, em outras palavras, julgam seus professores mais acomodados a uma rotina de trabalho do que despreparados.

No que diz respeito ao segundo objetivo, tentar compreender se o Modelo Tradicional de Ensino das escolas particulares do Brasil está sendo desmotivador e entediante para a maioria dos alunos e, por consequência, sendo um dificultador na transposição do conteúdo e contribuindo para o fracasso escolar, constatou-se, de forma significativa, que 90,45% dos alunos entrevistados assinalaram que o tipo de modelo de ensino adotado pode sim interferir no seu sucesso e fracasso escolar. Coincidindo com essa resposta, 83,44% do total geral dos alunos apontaram que as razões que tornam uma aula desmotivante/entediante, causando maior dispersão dos alunos, encontram-se estreitamente vinculadas à característica da transmissão unilateral de um conhecimento pré-moldado, marca central do modelo tradicional. Por esse motivo, os alunos assinalaram que as aulas que focam apenas no livro didático e as aulas em que o professor fala interruptamente, estendendo-se numa vasta explicação do assunto, tiveram um índice de marcação elevada, 68,57% do total geral dos alunos. Uma curiosidade observada foi que 13,38% dos alunos que avaliaram que deveria prevalecer no cotidiano de sala de aula o Modelo Tradicional para melhor aprendizagem, marcaram também os dois itens anteriores citados. Para robustecer nossa compreensão a este respeito, temos outra resposta que confirma outra coerência nas respostas do total geral de alunos, quando os mesmos confirmam acreditar que aprendem mais em aulas com características construtivistas.

O próximo objetivo procurou levantar se os alunos do Ensino Fundamental II e Médio, vinculam suas experiências de ensino e aprendizagem no colégio que tenham efetivamente contribuído para seu aprendizado no Modelo Construtivista de Ensino. Essa vinculação foi efetiva para a maioria dos alunos. 71,34% dos alunos afirmam aprenderem mais em aulas que assumem características desse modelo. O que é fortemente reforçado ao analisarmos alunos com desempenho do mediano para baixo, que afirmam terem baixo desempenho por terem aulas conteudistas, entediantes e

monótonas. Esta constatação compatibiliza com as respostas dadas ao objetivo anterior, que evidencia que os alunos reconhecem que as aulas que se enquadram nas características do Modelo de Ensino Tradicional são mais cansativas e enfadonhas, podendo ser as responsáveis pelo seu desempenho escolar. Podemos também levar em consideração para análise desse objetivo as respostas da questão 11 do inquérito/questionário, na qual aponta que 91,72% dos alunos se sentem mais participativos e envolvidos nas aulas que apresentam as características metodológicas do Modelo Construtivista de Ensino. Desse modo, podemos parafrasear o pensador e filósofo Confúcio: “Conte-me e eu esquecerei, mostre-me e eu apenas lembrarei, envolva-me e eu compreenderei”.

No último objetivo específico, pretendeu-se confirmar se os alunos de baixo rendimento das escolas particulares do Brasil (amostragem) são de fato alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Novamente retornando às respostas dos alunos com desempenho do mediano para baixo, verificamos que apenas a 4ª causa levantada por esses alunos para o seu insucesso/fracasso está na sua real dificuldade de aprendizagem e/ou algum transtorno. Vale ressaltar que as respostas que condicionam o fracasso à dificuldade de aprendizagem e/ou algum transtorno equivalem a menos de 50% daquelas que condicionam esse insucesso/fracasso ao fato de as aulas serem entediantes e monótonas. Dessa forma, concluímos que o fracasso está muito mais vinculado às características entediantes do Modelo Tradicional de Ensino, fortemente utilizado nas escolas, do que as dificuldades de aprendizagem e/ou algum transtorno. Conclusão esta que cinge com alguns dos apontamentos citados aqui nos objetivos de investigação, bem como os estudos defendidos por Bernad Charlot, em seu livro, “Da Relação Com o Saber”, investigado neste trabalho, onde o mesmo defende que “o “fracasso escolar” não existe; o que existe são alunos em situação de fracasso”.

Após as conclusões supracitadas e do trajeto reflexivo que este trabalho proporcionou, constatamos a necessidade de mudanças na Educação Brasileira, vimos que o Modelo de Ensino Tradicional é uma realidade consolidada nas escolas, compelida pelo próprio sistema de ensino e até mesmo pelas expectativas tradicionais das famílias. Este trabalho não está afirmando que o Modelo Tradicional de Ensino deva ser banido das metodologias de ensino e/ou que deva ser substituído integralmente pelo Modelo

Construtivista de Ensino, mas sim, a necessidade de inserção de práticas de ensino e aprendizagem mais adequadas à realidade e ao perfil dos alunos atuais. É fundamental uma reforma no sistema, para que as escolas se alinhem mais a demandas e características do século XXI. Sabemos que reformar a educação de um país inteiro não é algo fácil, ainda mais por se tratar de Brasil, com toda exagerada dimensão territorial e suas variações culturais. Dessa forma, enquanto não dispomos de uma mudança estrutural do sistema, cabe a escola e ao professor não desconsiderar que os seus alunos, principalmente aqueles da geração Z, nascidos entre + ou-1995-2000 – público-alvo pesquisado, estão sendo assediados por uma gama de atrativos muito mais instigadores que as atividades propostas dentro da maioria dos ambientes escolares - além de apresentarem forte característica: são muito imediatistas, o que os obriga a constante busca de novidade e desafios. Assim se concluiu que uma das grandes contribuições para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem é sem dúvida uma educação mais individualizada, até mesmo para facilitar o desenvolvimento escolar dos alunos TDA, brutalmente rotulados e discriminados como fracassados e problemáticos. É necessário o professor ter um olhar mais refinado para cada aluno da sua classe, não trabalhar somente com a visão do todo, preocupado apenas com o conteúdo. É fundamental centrar no indivíduo e nas suas efetivas dificuldades.

Enxergamos que a concepção construtivista da aprendizagem escolar construído neste trabalho, atenderia bem a esse quesito, ao buscar quebrar os paradigmas do Modelo Tradicional e favorecer o processo ensino e aprendizagem com um método mais humanizado, significativo e com sentido para o aluno comprovar que todos podem aprender, em diferentes ritmos e formas. Nesse sentido o Modelo Construtivista aponta para uma transposição didática mais flexível e integradora, que coloque o aluno como protagonista.

Um grande trunfo para os professores atingirem e motivarem os seus alunos é associar suas estratégias metodológicas com as novas tecnologias digitais, uma vez que a tecnologia é algo natural e internalizada na vida da maioria das crianças e dos jovens.

Por fim, destacamos que além da contribuição teórica que esse trabalho suscitou, temos a sua relevância prática nos ambientes de ensino aprendizagem onde o questionário foi

aplicado. Em especial, em uma dessas escolas, onde se passou a incitar nos professores a saírem essencialmente do Modelo Tradicional de Ensino e a enveredarem por novas práticas de ensino e aprendizagem, com destaque para a inserção efetiva de recursos digitais, envolvendo professores, alunos e famílias.

## CAPÍTULO VI – BIBLIOGRAFIA

- Allan, L.(2009). Que Escolas e Professores irão formar os profissionais da Revolução Digital?, *INOVEDUC – Folha Dirigida*, Edição 02/Ano II/ Maio 2017, pp.58-59.
- Almeida, G. (2011). *Transposição Didática – Por Onde Começar?*. Editora Cortez. São Paulo.
- André, M. (org) (2017). *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. Papirus. Campinas.
- Alqueresé H. Mudar o Ensino Médio é Urgente e Urgentíssimo. São Paulo. [Em linha]. Disponível em <<http://noblat.oglobo.globo.com/artigos/noticia/2016/09/mudar-o-ensino-medio-e-urgente-urgentissimo.html>>.[consultado em 02/07/17]
- Babich. L, Neto. A, Trevisani. F. (2015). *Ensino Híbrido – Personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre. Penso.
- Brasil. (2013). *Secretaria de Educação Básica. Programa ensino médio inovador: documento orientador*. Brasília: Ministério da Educação, 2013b. Disponível em: . Acesso em: 23 jun. 2015.
- Bregunci, M.G.C.(2016). *Construtivismo: Grandes e pequenas dúvidas*. Editora CEALE, Belo Horizonte.
- Bechanne, J. (2016). *Dificuldade de Aprendizagem – Um enfoque inovador do ensino escolar*. São Paulo, Ática.
- Becker, F. (2012).*Educação e Construção do Conhecimento*. Editora: Artmed Editora: Porto Alegre.
- Cervo, A. et alii (2007). *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice. Hall.
- Charlot, B. (1976). *A Mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Cortez. São Paulo.
- Chabanne, J.L. (2016). *Dificuldades de aprendizagem: Um enfoque inovador do ensino escolar*. Tradução: Regina Rodrigues. Editora: Ática, São Paulo.
- Charlot, B.(2013). *Da relação com o saber – Elementos para uma teoria*. ARTMED. Porto Alegre.
- Chahuán-Jiménez, K.(2009) *Evaluación cualitativa y gestión del conocimiento*. [Em linha]. Disponível em :<<http://educacionyeducadores.unisabana.edu.co/index.php/eye/article/view/1538/1985>>.[consultado em 16/09/2017]

- Chevallard, Y.(1991). *La transposition didactique: du savoir savant au savoir enseigné*. Paris: La Pensee Sauvage.
- Coll. C, et al (2010). *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo. Ed. Ática.
- Cortella. M.(2017).*A Escola e o Conhecimento: Fundamentos epistemológico e políticos*. Cortez: São Paulo.
- Demo (2016). *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3ªEd. Revista Ampliada. Ed. Atlas. São Paulo. (ebook 2016)
- Dewey, J. (1959). *Vida e Educação*. Tradução de Anísio Teixeira. 5ª Edição. Companhia Editora Nacional,São Paulo.
- Fava, R.(2014). *Educação 3.0*. São Paulo, Saraiva.
- Ferrari, M(2008). John Dewey, o pensador que pôs a prática em foco. *Revista Nova Escola*, São Paulo. [Em linha]. Disponível em:<<https://novaescola.org.br/conteudo/1711/john-dewey-o-pensador-que-possa-pratica-em-foco>>.[Acessado em 20/12/2017].
- Freitas, J.B. de (2008). *A organização do espaço escolar favorece a qual aprendizado?* Humus Consultoria, 2008.
- Freitag, B.(2009). *Aspectos filosóficos e sócio-antropológicos do construtivismo pós-piagetiano*. In: GROSSI, E.P., BORDIM, J. *Construtivismo pós-piagetiano: um novo paradigma de aprendizagem*. Petrôpolis: Vozes,p.26-34.
- Freitas, M. C. D., Almeida, M. G. (2012). *Docentes e discentes na sociedade da informação (A escola no Século XXI; v.2)*. Rio de Janeiro: Brasport.
- Freire, P. (2010). *Pedagogia do Oprimido*. Editora: Paz e Terra: Rio de Janeiro.
- Gatti, B.A.; Barretto, E.S.S.; André, M.D.A. (2011). *Políticas Docentes no Brasil: um estado da arte*. Brasília: MEC/UNESCO.
- Gadotti, M.(2011). *Histórias das ideias pedagógicas*. Serie educação. São Paulo. Ática.
- Gray, D. (2012). *Pesquisa no mundo real*. 2 ed. Porto Alegre: Penso.
- Globo (2017). *Mudar o Ensino Médio é urgente, urgentíssimo*. [Em linha]. Disponível em:< <http://noblato.globo.com/artigos/noticia/2016/09/mudar-o-ensino-medio-e-urgente-urgentissimo.html>>.[Acessado em: 10/12/2017].
- Gomes, F. *Educação 3.0, INOVEDUC – Folha Dirigida*, Edição 02/Ano II/ Maio 2017, pp. 48-49.
- Hobsbawn, E.J. (2016). *A Era das Revoluções: 1789 – 1848*. Paz e Terra, São Paulo.

- Libâneo, J.C. (2008). *Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos*. Edições Loyola, São Paulo.
- Libâneo, J. C. (2013). *Didática*. São Paulo: Cortez Editora.
- Lima, R. (2017). *A Escola Que Temos e a Escola Que Queremos*. Lisboa. Ed. Manuscrito.
- Leão, D. M. M. (1999). Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 107, p. 187-206.
- Mauri, T. (2015). O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? In: Coll, C. Martín, E. Mauri, T. Miras, M. Onrubia, J. Solé, I. Zabala, A. (2015). *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Editora Ática.
- Mafra, T.A. (2014). A dimensão humana da educação na busca de superação das limitações tecnicistas. (2014). In: Simka, S; Meneghetti, I. (2014). *A relação entre professor e aluno: um olhar interdisciplinar sobre o conteúdo e a dimensão humana*. Rio de Janeiro: WAK Editora.
- Mafra, T. A (2014). A dimensão humana da educação na busca de superação das limitações tecnicistas. In: Sérgio Simka e Ítalo Meneghetti, 2014. Wark editora, Rio de Janeiro.
- MEC (2015). Escola do século XIX não consegue atrair jovens. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/26261/modelo-de-educacao-escolar-deve-ser-questionado-diz-pesquisador-da-usp/>>. [Acessado em: 10/12/2017]
- Menezes, E. T. De; Santos, T. H. dos. (2001). Verbetes construtivismo. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/construtivismo/>>. [consultado em 08/06/17]
- Mizukami, M.G.N. (2016). *Ensino: As Abordagens do Processo*. Coleção: Temas Básicos De Educação E Ensino. Editora: EPU Pedagógica e Universitária, São Paulo.
- Moysés, L. (2015). *O Desafio de Saber Ensinar*. Campinas SP. Papyrus.
- Morreto, V. P. (2007). *Prova: Um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Mora, J.M. (2013). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, S.P. Papyrus.
- Moran, J. M. (2015). Os modelos educacionais na aprendizagem on-line. 2007. [Em linha]. Disponível em:

<[http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao\\_online/modelos.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/modelos.pdf)> .  
[Acesso em: 29 mai 2018].

Mota, R.; Scott, D. (2014). *Educando para inovação e aprendizagem independente*. Editora: Elsevier: Rio de Janeiro.

Moretto, V.P. (2011). *Construtivismo: a produção do conhecimento em aula*. Editora: DP&A Editora: Rio de Janeiro.

Patto. M. H. S.(1996). *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: TA Queiroz, Reimpressão.

Piaget, J.; Inhelder, B.(2011). *A psicologia da criança*. São Paulo : DIFEL.

Regis, I. (2017). O Tempo de Mudar É, Agora, *INOVEDUC – Folha Dirigida*, Edição 02/Ano II/ Maio 2017, pp. 12-16.

Sampieri, H. *et alii*. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Trad. Daisy Vaz de Moraes. 5. Ed. Porto Alegre: Penso.

Sampieri, H. *et alii*. (2006). *Metodología de la investigación*. Cuartaedición. Mac graw hill, méxico.

Santos, E & Silva, M (2014) *A PEDAGOGIA DA TRANSMISSÃO E A SALA DE AULA INTERATIVA*. Coleção Agrinho. [Em linha]. Disponível em:<[http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2\\_02\\_A-pedagogia-da-transmissao.pdf](http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_02_A-pedagogia-da-transmissao.pdf)>.[Consultado em:10/02/2017].

Santos, I.J.M. (2014). *O MÉTODO EXPOSITIVO E O MÉTODO CONSTRUTIVISTA: CONCORRENTES OU ALIADOS?*. Dissertação 2.º Ciclo de Estudos em Ensino de História e de Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário. Faculdade de Letras – Universidade do Porto. [Em linha]. Disponível em: <[https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.show\\_file?pi\\_gdoc\\_id=491891](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=491891)>.[Consultado em: 10/02/2018].

Santos,J. (2014). *Trabalho acadêmico*. [Em linha].Disponível em:<[file:///C:/Users/sergi/Downloads/Relatorio\\_Final%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/sergi/Downloads/Relatorio_Final%20(4).pdf)>. [Consultado em: 10/02/2018].

Saviani, D. (2008).*Escola e Democracia – Polêmicas do Nosso Tempo*. Campinas S.P. Editora Autores Associados.

Simka, s. Meneghetti, I. (2014).*A relação entre Professor e Aluno: um olhar interdisciplinar sobre o conteúdo e a dimensão humana*. Rio de Janeiro. Wak Ed.

Silva, R.A.; Camargo, A.I. (2015). *A Cultura Escolar na Era Digital: O impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização*

- escolar. In: Bacich, L.;Neto, A.T; Trevisani, F.M. (Org.) (2015). Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação..Editora: Penso,Porto Alegre.
- Silva, E. L. da; Menezes, E. M. (2005). Apostila de metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC.
- Silva,M. (2011). Tecnologia e Educação – As mídias na prática docente. Freire, W (Org.). Rio de Janeiro . Wak.
- Silva, E.L. da (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*/Edna. Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC.
- Silva, R.B;Camargo, A.L. (2015). A CULTURA ESCOLAR NA ERA DIGITAL: O impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar. In: Bacich, L.;Neto;A.T.;Trevisani, F.M. Org.(2015). Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia da Educação. Ed. Penso: São Paulo.
- Solé, C. et alii (2010). O Construtivismo na Sala de Aula. Editora Ática, São Paulo.
- Solé, I. (2010).Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem. In: Solé, C. et alii (2010). O Construtivismo na Sala de Aula. Editora Ática, São Paulo.
- Tapscott, D.(2010). *A hora da geração digital*. Rio de Janeiro: Agir Negócios.
- Torres, P.L. (Org.). (2014). *Complexidade : redes e conexões na produção do conhecimento*. Curitiba : SENAR - PR.
- UOL (2017). *A Escola que queremos*. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/escola-do-futuro/>>.[ Acessado em: 10/12/2017]
- UNESCO (2014). *Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel*. Brasil.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Faculdade de Educação (FaE). Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale).Glossário Ceale:termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014. Disponível em <[www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/](http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/)> [consultado em 08/06/17].
- Werneck, H. (2016). Se Escola Boa é a Que Reprova, o Bom Hospital é o Que Mata. Rio de Janeiro. DP&A. 2016.
- Vasconcelos, C.S. (1992). Metodologia Dialética em Sala de Aula. In: *Revista de Educação AEC*, Brasília: Abril de 1992 (n.83)

Zabala,A. (2014). *A prática educativa: como ensinar*. Editora: Artmed: Porto Alegre.

## ANEXOS

### ANEXO 01 - SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO

#### ANEXOS ANEXO 01 - SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO



#### SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO

Exma./Superiora Geral Ir. Gisélia Maria de Sousa

Colégio Imaculada Conceição – BH

**Assunto:** Solicitação de autorização para aplicação de questionário/inquérito para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II e 1º ano do Ensino Médio.

Eu Sérgio Martins Duarte, mestrando do curso de Docência e Gestão da Educação na Universidade Fernando Pessoa - UFP, sob coordenação da Professora Doutora Fátima Coelho desta mesma Universidade. No 2º ano deste Mestrado imprescindível a apresentação da dissertação, na qual irei desenvolver o seguinte tema “Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Insucesso Escolar / Fracasso Escolar”,

Atendendo a solicitação da Comissão de Ética da UFP, venho por este meio deste solicitar a sua autorização para iniciar o processo investigativo que tem como objetivo, levantar os impactos que o Modelo Tradicional de Ensino, das escolas particulares brasileiras, acarreta na transposição didática e verificar se esse modelo está sendo desmotivador e entediante para maioria dos alunos e conseqüentemente contribuindo para o fracasso escolar dos mesmos.

Ressalto que guardaremos o sigilo referente aos dados coletados no questionário/inquérito, sendo utilizado exclusivamente para fins educacionais.

Agradeço desde já a atenção que possa ser despendida a este assunto e me coloco a inteira disposição para prestar os esclarecimentos que entenda necessários, deixando assim meus contatos telefônico e e-mail: (+55 31 992634810 [esergioduma@gmail.com](mailto:esergioduma@gmail.com)).

Os meus melhores cumprimentos,

Sérgio Martins Duarte

SEIAS - COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO  
Reconhecimento Pessoa SEE 34078 - AG 27/05/1978  
Portaria SEE 243/02 - DG 14/04/1982  
Rua da Bahia, 1534 - Bairro Lourdes  
Belo Horizonte - Minas Gerais  
Fone: Geral 3014 53 50

Ir. Fátima M. Costa de Freitas  
Coordenadora Pedagógica  
CPF: 080.312.998-83

## ANEXO 02 - SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO

### ANEXOS ANEXO 02 - SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO



### SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO

Exma./Sra. Diretora Pedagógica Mayra de Castro Miranda Araújo  
Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários

**Assunto:** Solicitação de autorização para aplicação de questionário/inquérito para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II e 1º ano do Ensino Médio.

Eu Sérgio Martins Duarte, mestrando do curso de Docência e Gestão da Educação na Universidade Fernando Pessoa - UFP, sob coordenação da Professora Doutora Fátima Coelho desta mesma Universidade. No 2º ano deste Mestrado é imprescindível à apresentação da dissertação, na qual irei desenvolver o seguinte tema "Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Insucesso Escolar / Fracasso Escolar",

Atendendo a solicitação da Comissão de Ética da UFP, venho por este meio deste solicitar a sua autorização para iniciar o processo investigativo que tem como objetivo, levantar os impactos que o Modelo Tradicional de Ensino, das escolas particulares brasileiras, acarreta na transposição didática e verificar se esse modelo está sendo desmotivador e entediante para maioria dos alunos e consequentemente contribuindo para o fracasso escolar dos mesmos.

Ressalto que guardaremos o sigilo referente aos dados coletados no questionário/inquérito, sendo utilizado exclusivamente para fins educacionais.

Agradeço desde já a atenção que possa ser despendida a este assunto e me coloco a inteira disposição para prestar os esclarecimentos que entenda necessários, deixando assim meus contato telefônico e e-mail: (+55 31 992634810 esergioduma@gmail.com).

Os meus melhores cumprimentos,

Sérgio Martins Duarte

  
Mayra de Castro Miranda Araújo  
Diretora Pedagógica  
Regimento nº 02/2015

**ANEXO 03 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado entrevistado, você está sendo convidado (a) a participar da investigação sobre **“Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Insucesso Escolar / Fracasso Escolar”**, de responsabilidade do pesquisador Sérgio Martins Duarte. O participante foi informado (a) de forma clara e detalhada sobre os objetivos e a justificativa da pesquisa que busca “investigar os impactos que o Modelo Tradicional de Ensino, das escolas particulares brasileiras, acarreta na transposição didática e verificar se esse modelo está sendo desmotivador e entediante para maioria dos alunos e conseqüentemente contribuindo para o insucesso escolar / fracasso escolar dos mesmos”. O questionário/inquerido será único constando de 14 questões fechadas (múltiplas escolhas).

Será lhe passado de forma clara e direta o objetivo do trabalho que estou desenvolvendo bem como do questionário. Esclareço que lhe é facultado o direito de não participar da coleta de dados e lhes garanto que não haverá nenhum desconforto psicológico ou risco na sua participação na pesquisa. Sinta-se à vontade para esclarecer todas as dúvidas que porventura venha a surgir no decorrer da aplicação do questionário para que as mesmas possam ser prontamente sanadas.

Esclareço que os custos de todo trabalho irão correr por conta exclusiva do pesquisador.

Ao assinarem esse termo você estará concordando com a divulgação dos dados obtidos durante a pesquisa, bem como entende que não será identificado e que se manterá o caráter sigiloso das informações. Deixo explícito que os dados obtidos serão arquivados e, futuramente, a pesquisa, se possível, publicada para fornecer aos profissionais os dados mensurados.

Caso alguma dúvida sobre o comportamento do pesquisador ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considerar prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, pode entrar em contato pelo telefone (31) 992634810, eu Sérgio Martins Duarte estarei à disposição para esclarecimentos que se façam necessários.

Desde já, agradeço a sua colaboração e solicito a sua assinatura e autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o (a) pesquisador (a).

Belo Horizonte, 08 de setembro de 2016.

---

Nome legível do(a) participante

---

Assinatura do(a) participante

---

Nome legível do pesquisador

---

Assinatura do pesquisador

**ANEXO 04 - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**



**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**

**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

**“Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Insucesso Escolar / Fracasso Escolar”**

**Eu, abaixo-assinado (nome completo) -----**

**responsável pelo participante no projecto (nome completo) -----**

**-----, compreendi**

a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_\_/20\_\_

***Assinatura do Responsável pelo participante:***

O Investigador responsável:

***Nome:***

***Assinatura:***

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

ANEXO 05 – QUESTIONÁRIO PARA A INVESTIGAÇÃO

Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Insucesso Escolar / Fracasso Escolar.

1- Qual é a sua série que você estuda?

- 6º Ano Ensino Fundamental II.
- 7º Ano Ensino Fundamental II.
- 8º Ano Ensino Fundamental II.
- 9º Ano Ensino Fundamental II.
- 1º Ano Ensino Médio.
- 2º Ano Ensino Médio.
- 3º Ano Ensino Médio.

2- Você aprende mais com qual modelo de aula?

- Modelo Tradicional de Ensino, onde o professor é o transmissor exclusivo do conhecimento e, na maioria das vezes, a explicação da matéria é expositiva (oral), a base de estudo é o livro didático e/ou apostila.
- Modelo Construtivista de Ensino, onde o professor não é o transmissor exclusivo do conhecimento, as metodologias (formado) das aulas são variadas e há uma participação mais efetiva do aluno.

3- Quantas disciplinas (matérias) você tem na sua grade curricular?

- 1 à 5.
- 6 à 10.
- 11 à 15.
- Mais de 15.

4- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Tradicional de Ensino?

- 1 à 5.
- 6 à 10.
- 11 à 15.
- Mais de 15.

5- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Construtivista de Ensino?

- 1 à 5.
- 6 à 10.
- 11 à 15.
- Mais de 15.

6- Considerando a resposta das questões 4 e 5 você acredita que o modelo de ensino mais utilizado pelos seus professores é por esses escolhidos por quê?

- Não exige preparação.
- É mais prático para o mesmo.
- Não coloca seu saber em dúvida.
- Falta de domínio do conteúdo/ assunto.
- Dificuldade com o manejo de classe/turma.
- Dificuldade em usar ferramentas tecnológicas (informática).
- Outras razões não citadas acima.

7- Qual o modelo de aula você acha que deveria prevalecer no cotidiano de sala de aula para melhor aprendizagem dos alunos?

- Modelo Tradicional de Ensino.
- Modelo Construtivista de Ensino.
- Outro modelo diferente dos citados acima.
- Não sei

8- Você acredita que o tipo de modelo de aula utilizado pelo professor pode interferir no seu sucesso ou fracasso escolar?

- Sim.
- Não
- Não sei.

9- Qual o modelo de aula onde você julga ser mais desmotivador/entediante, causando sua dispersão com mais facilidade?

- Modelo Tradicional de Ensino.
- Modelo Construtivista de Ensino.
- Outro modelo diferente dos citados acima.
- Não sei.

10- Quais tipos de aulas que você julga ser mais entediante e desmotivadora, contribuindo para sua dispersão?

- Aulas expositivas /orais.
- Aulas com atividades em grupos.
- Aulas focadas apenas no livro didático.
- Aulas em que o professor quer ser muito inovador.
- Aulas em que o professor cria situações diversas com a participação do aluno.
- Aulas em que o professor fala interruptamente dando uma vasta explicação do assunto.
- Outras aulas diferente das citadas acima.
- Não sei.

11- Qual dos modelos de aula que há uma maior interação do aluno com o professor?

- Modelo Tradicional de Ensino.
- Modelo Construtivista de Ensino.

12- Qual é a média do seu rendimento escola?


- Entre 10% à 20%.
- Entre 21% à 40%.
- Entre 41% à 60%.
- Entre 61% à 80%.
- Entre 81% à 100%.

13- Caso seu rendimento assinalado na pergunta anterior (questão12) estiver entre os 10% a 60%, marque a alternativa que você julga que melhor justifica sua média escolar.

- As aulas são entediantes e monótonas.
- Falta de novas metodologias em sala de aula.
- Tenho muita matéria para estudar e isso é exaustivo.
- Tenho dificuldade de aprendizagem e/ou algum transtorno.
- A maioria dos meus professores não explica bem as matérias/conteúdos.
- Não concordo com nenhuma das alternativas acima.
- Não sei.

14- Você acha que as aulas em geral só visam o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM?

- Sim.
- Não
- Não sei.

  
Maria Eugênia M. Gomes de Freitas  
Coordenadora Pedagógica  
CPF: 060.312.966-83

SEIAS - COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO  
Reconhecimento Portaria SEE 348/76 - MG 27/05/1976  
Portaria SEE 248/82 - MG 14/04/1982  
Rua da Bahia, 1534 - Bairro Lourdes  
Belo Horizonte - Minas Gerais  
Fone: Geral 3014 53 50

**Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Insucesso Escolar / Fracasso Escolar.**

1- Qual é a sua série que você estuda?

- 6º Ano Ensino Fundamental II.
- 7º Ano Ensino Fundamental II.
- 8º Ano Ensino Fundamental II.
- 9º Ano Ensino Fundamental II.
- 1º Ano Ensino Médio.
- 2º Ano Ensino Médio.
- 3º Ano Ensino Médio.

2- Você aprende mais com qual modelo de aula?

- Modelo Tradicional de Ensino, onde o professor é o transmissor exclusivo do conhecimento e, na maioria das vezes, a explicação da matéria é expositiva (oral), a base de estudo é o livro didático e/ou apostila.
- Modelo Construtivista de Ensino, onde o professor não é o transmissor exclusivo do conhecimento, as metodologias (formado) das aulas são variadas e há uma participação mais efetiva do aluno.

3- Quantas disciplinas (matérias) você tem na sua grade curricular?

- 1 à 5.
- 6 à 10.
- 11 à 15.
- Mais de 15.

4- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Tradicional de Ensino?

- 1 à 5.
- 6 à 10.
- 11 à 15.
- Mais de 15.

5- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Construtivista de Ensino?

- 1 à 5.
- 6 à 10.
- 11 à 15.
- Mais de 15.

6- Considerando a resposta das questões 4 e 5 você acredita que o modelo de ensino mais utilizado pelos seus professores é por esses escolhidos por quê?

- Não exige preparação.
- É mais prático para o mesmo.
- Não coloca seu saber em dúvida.
- Falta de domínio do conteúdo/ assunto.
- Dificuldade com o manejo de classe/turma.
- Dificuldade em usar ferramentas tecnológicas (informática).
- Outras razões não citadas acima.

7- Qual o modelo de aula você acha que deveria prevalecer no cotidiano de sala de aula para melhor aprendizagem dos alunos?

- Modelo Tradicional de Ensino.
- Modelo Construtivista de Ensino.
- Outro modelo diferente dos citados acima.
- Não sei

8- Você acredita que o tipo de modelo de aula utilizado pelo professor pode interferir no seu sucesso ou fracasso escolar?

- Sim.
- Não
- Não sei.

9- Qual o modelo de aula onde você julga ser mais desmotivador/entediante, causando sua dispersão com mais facilidade?

- Modelo Tradicional de Ensino.
- Modelo Construtivista de Ensino.
- Outro modelo diferente dos citados acima.
- Não sei.

10- Quais tipos de aulas que você julga ser mais entediante e desmotivadora, contribuindo para sua dispersão?

- Aulas expositivas /orais.
- Aulas com atividades em grupos.
- Aulas focadas apenas no livro didático.
- Aulas em que o professor quer ser muito inovador.
- Aulas em que o professor cria situações diversas com a participação do aluno.
- Aulas em que o professor fala interruptamente dando uma vasta explicação do assunto.
- Outras aulas diferente das citadas acima.
- Não sei.

11- Qual dos modelos de aula que há uma maior interação do aluno com o professor?

- Modelo Tradicional de Ensino.
- Modelo Construtivista de Ensino.

12- Qual é a média do seu rendimento escolar?

- Entre 10% à 20%.
- Entre 21% à 40%.
- Entre 41% à 60%.
- Entre 61% à 80%.
- Entre 81% à 100%.

13- Caso seu rendimento assinalado na pergunta anterior (questão12) estiver entre os 10% a 60%, marque a alternativa que você julga que melhor justifica sua média escolar.

- As aulas são entediantes e monótonas.
- Falta de novas metodologias em sala de aula.
- Tenho muita matéria para estudar e isso é exaustivo.
- Tenho dificuldade de aprendizagem e/ou algum transtorno.
- A maioria dos meus professores não explica bem as matérias/conteúdos.
- Não concordo com nenhuma das alternativas acima.
- Não sei.

14- Você acha que as aulas em geral só visam o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM?

- Sim.
- Não
- Não sei.

*Marye Araújo*  
Marye de Castro Miranda Araújo  
Diretora Pedagógica  
Registro Nº 0265

## ANEXO 06 – VALIDAÇÃO DO INQUÉRITO



### **Inquérito 1 - Projeto de Intervenção com os alunos do Curso de Mestrado Docência e Gestão da Educação da Universidade Fernando Pessoa (UFP) – Porto – Portugal.**

Este inquérito (questionário) faz parte do projeto interventivo, Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Insucesso Escolar / Fracasso Escolar, no qual pretende investigar os impactos que o modelo tradicional de ensino, das escolas particulares brasileiras acarreta na transposição didática e verificar se esse modelo está sendo desmotivador e entediante para maioria dos alunos e conseqüentemente contribuindo para o insucesso/fracasso escolar dos mesmos. Atualmente, no Brasil, em especial no universo das escolas privadas, observa-se uma preocupação extrema com o conteúdo e não com a metodologia de ensino aprendizagem e muito menos com o aluno. Para aprofundar este estudo verificar-se-á o modelo tradicional de ensino é de fato a predominância da metodologia utilizada pelos professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e também se esse mesmo modelo está sendo desmotivador e entediante para a maioria dos alunos e por conseqüência sendo um dificultador na transposição do conteúdo e contribuindo para o insucesso escolar / fracasso escolar.

Este inquérito (questionário) será aplicado aos alunos do 9º ano Ensino Fundamental II (idade 14 e 15 anos) e do 1º ano do Ensino Médio (idade 15e 16 anos) de duas escolas particulares de Belo Horizonte. Nas turmas supracitadas a maioria dos alunos não é repetente, as poucas repetências que possam existir, são repetentes de no máximo um ano, devido ao regimento escolar de ambas as escolas que não permitem mais de duas reprovações na mesma série.

Neste inquérito (questionário) não existem respostas certas ou erradas, mas apenas um conjunto de questões que irão contribuir para o meu objeto de pesquisa. Dessa forma, solicito que respondam com precisão e veracidade às questões apresentadas. O inquérito (questionário) é anônimo e será utilizado, exclusivamente, para fins científicos.

Muito obrigado pela sua colaboração.

Segue abaixo as questões colocadas aos participantes deste estudo, seus objetivos e suporte para validação.

**Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Insucesso Escolar / Fracasso Escolar.**

**1- Qual é a sua série que você estuda?**

(Objetivo: Conhecer a série do aluno participante do inquérito.)

6º Ano Ensino Fundamental II.

1º Ano Ensino Médio.

7º Ano Ensino Fundamental II.

2º Ano Ensino Médio.

8º Ano Ensino Fundamental II.

3º Ano Ensino Médio.

9º Ano Ensino Fundamental II

**Validação da questão 1**

---

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

Críticas e sugestões:

---

**2- Você aprende mais com qual modelo de aula?**

(Objetivo: Identificar qual o modelo de ensino é mais eficiente na visão dos alunos.)

Modelo Tradicional de Ensino, onde o professor é o transmissor exclusivo do conhecimento e, na maioria das vezes, a explicação da matéria é expositiva (oral), a base de estudo é o livro didático e/ou apostila.

Modelo Construtivista de Ensino, onde o professor não é o transmissor exclusivo do conhecimento, as metodologias (formado) das aulas são variadas e há uma participação mais efetiva do aluno.

### Validação da questão 2

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X

Críticas e sugestões:

### 3- Quantas disciplinas (matérias) você tem na sua grade curricular?

(Objetivo: Verificar a quantidade de disciplina ministrada na série do aluno pesquisado para depois cruzar os dados com qual modelo de ensino é predominante pelos professores no processo de ensino e aprendizagem.)

- 1 à 5.  
 6 à 10.  
 11 à 15.  
 Mais de 15.

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X

Neutralidade X

Aplicabilidade X

Críticas e sugestões:

---

### Validação da questão 3

#### 4- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Tradicional de Ensino?

(Objetivo: Constatar a quantidade de professores que adotam o Modelo Tradicional de Ensino.)

1 à 5.

6 à 10.

11 à 15.

Mais de 15.

### Validação da questão 4

---

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X

Críticas e sugestões:

---

#### 5- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Construtivista de Ensino?

(Objetivo: Constatar a quantidade de professores que adotam o Modelo Construtivista de Ensino.)

1 à 5.

6 à 10.

11 à 15.

Mais de 15.

### Validação da questão 5

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

Críticas e sugestões:

### 6- Considerando a resposta das questões 4 e 5 você acredita que o modelo de ensino mais utilizado pelos seus professores é por esses escolhidos por quê?

(Objetivo: Coletar a percepção do aluno do porque da escolha da modelo de ensino adotado pelo professor.)

Não exige preparação.

É mais prático para o mesmo.

Não coloca seu saber em dúvida.

Falta de domínio do conteúdo/ assunto.

Dificuldade com o manejo de classe/turma.

Dificuldade em usar ferramentas tecnológicas (informática).

Outras razões não citadas acima.

### Validação da questão 6

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X

Neutralidade X

Aplicabilidade X

Críticas e sugestões:

---

**7- Qual o modelo de aula você acha que deveria prevalecer no cotidiano de sala de aula para melhor aprendizagem dos alunos?**

(Objetivo: Identificar qual modelo de ensino que melhor agrada os alunos.)

- Modelo Tradicional de Ensino.
- Modelo Construtivista de Ensino.
- Outro modelo diferente dos citados acima.
- Não sei.

#### Validação da questão 7

---

Ítems/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X

Críticas e sugestões:

---

**8- Você acredita que o tipo de modelo de aula utilizado pelo professor pode interferir no seu sucesso ou fracasso escolar?**

(Objetivo: Avaliar se o aluno reconhece que o tipo de modelo de ensino adotado pelo seu professor pode contribuir para o seu sucesso ou fracasso escolar.)

- Sim.
- Não.
- Não sei.

### Validação da questão 8

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

Críticas e sugestões:

---

### 9- Qual o modelo de aula onde você julga ser mais desmotivador/entediante, causando sua dispersão com mais facilidade?

(Objetivo: Apontar qual o modelo de ensino os alunos se sentem mais dispersos durante as aulas.)

- Modelo Tradicional de Ensino.
- Modelo Construtivista de Ensino.
- Outro modelo diferente dos citados acima.
- Não sei.

### Validação da questão 9

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

Críticas e sugestões:

**10- Quais tipos de aulas que você julga ser mais entediante e desmotivadora, contribuindo para sua dispersão?**

(Objetivo: Identificar quais tipos de aula que mais contribuem para a dispersão dos alunos.)

- Aulas expositivas /orais.
- Aulas com atividades em grupos.
- Aulas focadas apenas no livro didático.
- Aulas em que o professor quer ser muito inovador.
- Aulas em que o professor cria situações diversas com a participação do aluno.
- Aulas em que o professor fala interruptamente dando uma vasta explicação do assunto.
- Outras aulas diferente das citados acima.
- Não sei.

**Validação da questão 10**

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

**Críticas e sugestões:**

---

**11- Qual o modelos de aula que há uma maior interação do aluno com o professor?**

(**Objetivo:** Perceber qual dos modelos de ensino o aluno é mais participativo/envolvido no processo de ensino e aprendizagem).

Modelo Tradicional de Ensino.

Modelo Construtivista de Ensino.

**Validação da questão 11**

---

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

**Críticas e sugestões:**

---

**12- Qual é a média do seu rendimento escola?**

(**Objetivo:** Comparar o rendimento dos alunos com as respostas dada no inquérito(questionário)).

Entre 10% à 20%.

Entre 21% à 40%.

Entre 41% à 60%.

Entre 61% à 80%.

Entre 81% à 100%.

**Validação da questão 12**

---

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X

---

Compreensão	X
Objetividade	X
Neutralidade	X
Aplicabilidade	X

Críticas e sugestões:

---

**13- Caso seu rendimento assinalado na pergunta anterior (questão12) estiver entre os 10% a 60%, marque a alternativa que você julga que melhor justifica sua média escolar.**

**(Objetivo:** Entender as causas do baixo rendimento escolar dos alunos)

- As aulas são entediantes e monótonas.
- Falta de novas metodologias em sala de aula.
- Tenho muita matéria para estudar e isso é exaustivo.
- Tenho dificuldade de aprendizagem e/ou algum transtorno.
- A maioria dos meus professores não explica bem as matérias/conteúdos.
- Não concordo com nenhuma das alternativas acima.
- Não sei.

### Validação da questão 13

---

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X

Críticas e sugestões:

**14- Você acha que as aulas em geral só visam o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM?**

(**Objetivo:** Perceber se os professores estão dando suas aulas só voltadas para o ENEM (conteúdo) ou também se preocupam com as questões individuais dos alunos e com outras habilidades não cobradas no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.)

Sim.

Não.

Não sei.

**Validação da questão 14**

---

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

Críticas e sugestões:

---

**PARECER FINAL:** O questionário é bastante esclarecedor e de grande utilidade. Todas as questões estão bem postas na apresentação, compreensão, objetividade e neutralidade. Percebe-se que as questões estão colocadas numa sequência com objetividade, além de ser bem pertinentes e, com as respostas dadas, pode se ter uma boa visão dos impactos que o modelo tradicional de ensino, das escolas particulares brasileiras, causam na aprendizagem dos alunos e a sua relação com o insucesso/fracasso escolar dos mesmos.

**Questionário validado por:**  
Dr. Ezequiel Rodrigues Barbosa  
Prof. Adjunto IV  
Dep. Matemática - ICEx - UFMG  
Av. Antonio Carlos 6627  
31270-901 Belo Horizonte

+ 55 31 34 09 59 70 (dept.)

+ 55 31 34 09 5793 (office)

[ezequiel@mat.ufmg.br](mailto:ezequiel@mat.ufmg.br)

[zikebarbosa@gmail.com](mailto:zikebarbosa@gmail.com)

[Doutor em Matemática pela UFMG: http://somos.ufmg.br/professores/view/864](http://somos.ufmg.br/professores/view/864)

[Pesquisador nível 2 do CNPq: http://lattes.cnpq.br/1550330565257371](http://lattes.cnpq.br/1550330565257371)

[Membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências: http://www.abc.org.br/rubrique.php?id\\_rubrique=37](http://www.abc.org.br/rubrique.php?id_rubrique=37)

## 2ª VALIDAÇÃO



### **Inquérito 1 - Projeto de Intervenção com os alunos do Curso de Mestrado Docência e Gestão da Educação da Universidade Fernando Pessoa (UFP) – Porto – Portugal.**

Este inquérito (questionário) faz parte do projeto interventivo, Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Insucesso Escolar / Fracasso Escolar, no qual pretende investigar os impactos que o modelo tradicional de ensino, das escolas particulares brasileiras acarreta na transposição didática e verificar se esse modelo está sendo desmotivador e entediante para maioria dos alunos e consequentemente contribuindo para o insucesso/fracasso escolar dos mesmos. Atualmente, no Brasil, em especial no universo das escolas privadas, observa-se uma preocupação extrema com o conteúdo e não com a metodologia de ensino aprendizagem e muito menos com o aluno. Para aprofundar este estudo verificar-se-á o modelo tradicional de ensino é de fato a predominância da metodologia utilizada pelos professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e também se esse mesmo modelo está sendo desmotivador e entediante para a maioria dos alunos e por consequência sendo um dificultador na transposição do conteúdo e contribuindo para o insucesso escolar / fracasso escolar.

Este inquérito (questionário) será aplicado aos alunos do 9º ano Ensino Fundamental II (idade 14 e 15 anos) e do 1º ano do Ensino Médio (idade 15e 16 anos) de duas escolas particulares de Belo Horizonte. Nas turmas supracitadas a maioria dos alunos não é repetente, as poucas repetências que possam existir, são repetentes de no máximo um ano, devido ao regimento escolar de ambas as escolas que não permitem mais de duas reprovações na mesma série.

Neste inquérito (questionário) não existem respostas certas ou erradas, mas apenas um conjunto de questões que irão contribuir para o meu objeto de pesquisa. Dessa forma,

solicito que respondam com precisão e veracidade às questões apresentadas. O inquérito (questionário) é anônimo e será utilizado, exclusivamente, para fins científicos.

Muito obrigado pela sua colaboração.

Segue abaixo as questões colocadas aos participantes deste estudo, seus objetivos e suporte para validação.

### **Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Insucesso Escolar / Fracasso Escolar.**

#### **1- Qual é a sua série que você estuda?**

(**Objetivo:** Conhecer a série do aluno participante do inquérito.)

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 6º Ano Ensino Fundamental II. | <input type="checkbox"/> 1º Ano Ensino Médio. |
| <input type="checkbox"/> 7º Ano Ensino Fundamental II. | <input type="checkbox"/> 2º Ano Ensino Médio. |
| <input type="checkbox"/> 8º Ano Ensino Fundamental II. | <input type="checkbox"/> 3º Ano Ensino Médio. |
| <input type="checkbox"/> 9º Ano Ensino Fundamental II  |   |

#### **Validação da questão 1**

<b>Itens/opção de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

**Críticas e sugestões:**

---

#### **2- Você aprende mais com qual modelo de aula?**

(**Objetivo:** Identificar qual o modelo de ensino é mais eficiente na visão dos alunos.)

Modelo Tradicional de Ensino, onde o professor é o transmissor exclusivo do conhecimento e, na maioria das vezes, a explicação da matéria é expositiva (oral), a base de estudo é o livro didático e/ou apostila.

Modelo Construtivista de Ensino, onde o professor não é o transmissor exclusivo do conhecimento, as metodologias (formado) das aulas são variadas e há uma participação mais efetiva do aluno.

### Validação da questão 2

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X

Críticas e sugestões:

### 3- Quantas disciplinas (matérias) você tem na sua grade curricular?

(Objetivo: Verificar a quantidade de disciplina ministrada na série do aluno pesquisado para depois cruzar os dados com qual modelo de ensino é predominante pelos professores no processo de ensino e aprendizagem.)

1 à 5.

6 à 10.

11 à 15.

Mais de 15.

### Validação da questão 3

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X

---

<b>Objetividade</b>	X
<b>Neutralidade</b>	X
<b>Aplicabilidade</b>	X

**Críticas e sugestões:**

---

**4- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Tradicional de Ensino?**

**(Objetivo:** Constatar a quantidade de professores que adotam o Modelo Tradicional de Ensino.)

1 à 5.

6 à 10.

11 à 15.

Mais de 15.

**Validação da questão 4**

---

<b>Itens/opção de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

**Críticas e sugestões:**

---

**5- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Construtivista de Ensino?**

**(Objetivo:** Constatar a quantidade de professores que adotam o Modelo Construtivista de Ensino.)

1 à 5.

6 à 10.

11 à 15.

Mais de 15.

### Validação da questão 5

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

Críticas e sugestões:

### 6- Considerando a resposta das questões 4 e 5 você acredita que o modelo de ensino mais utilizado pelos seus professores é por esses escolhidos por quê?

(Objetivo: Coletar a percepção do aluno do porque da escolha da modelo de ensino adotado pelo professor.)

Não exige preparação.

É mais prático para o mesmo.

Não coloca seu saber em dúvida.

Falta de domínio do conteúdo/ assunto.

Dificuldade com o manejo de classe/turma.

Dificuldade em usar ferramentas tecnológicas (informática).

Outras razões não citadas acima.

### Validação da questão 6

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X

---

Compreensão	X
Objetividade	X
Neutralidade	X
Aplicabilidade	X

Críticas e sugestões:

---

**7- Qual o modelo de aula você acha que deveria prevalecer no cotidiano de sala de aula para melhor aprendizagem dos alunos?**

(Objetivo: Identificar qual modelo de ensino que melhor agrada os alunos.)

- Modelo Tradicional de Ensino.
- Modelo Construtivista de Ensino.
- Outro modelo diferente dos citados acima.
- Não sei.

**Validação da questão 7**

---

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X

Críticas e sugestões:

---

**8- Você acredita que o tipo de modelo de aula utilizado pelo professor pode interferir no seu sucesso ou fracasso escolar?**

(Objetivo: Avaliar se o aluno reconhece que o tipo de modelo de ensino adotado pelo seu professor pode contribuir para o seu sucesso ou fracasso escolar.)

Sim.

Não.

Não sei.

### Validação da questão 8

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X

**Críticas e sugestões:**

### 9- Qual o modelo de aula onde você julga ser mais desmotivador/entediante, causando sua dispersão com mais facilidade?

(Objetivo: Apontar qual o modelo de ensino os alunos se sentem mais dispersos durante as aulas.)

Modelo Tradicional de Ensino.

Modelo Construtivista de Ensino.

Outro modelo diferente dos citados acima.

Não sei.

### Validação da questão 9

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X

---

**Aplicabilidade**

X

**Críticas e sugestões:**

---

**10- Quais tipos de aulas que você julga ser mais entediante e desmotivadora, contribuindo para sua dispersão?**

**(Objetivo:** Identificar quais tipos de aula que mais contribuem para a dispersão dos alunos.)

- Aulas expositivas /orais.
- Aulas com atividades em grupos.
- Aulas focadas apenas no livro didático.
- Aulas em que o professor quer ser muito inovador.
- Aulas em que o professor cria situações diversas com a participação do aluno.
- Aulas em que o professor fala interruptamente dando uma vasta explicação do assunto.
- Outras aulas diferente das citadas acima.
- Não sei.

**Validação da questão 10**

---

<b>Itens/opção de resposta</b>	<b>Insuficiente</b>	<b>Adequado</b>
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X
<b>Neutralidade</b>		X
<b>Aplicabilidade</b>		X

**Críticas e sugestões:**

---

**11- Qual o modelo de aula que há uma maior interação do aluno com o professor?**

**(Objetivo:** Perceber qual dos modelos de ensino o aluno é mais participativo/envolvido no processo de ensino e aprendizagem).

Modelo Tradicional de Ensino.

Modelo Construtivista de Ensino.

### Validação da questão 11

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		
<b>Compreensão</b>		
<b>Objetividade</b>		
<b>Neutralidade</b>		
<b>Aplicabilidade</b>		

**Críticas e sugestões:**

---

### 12- Qual é a média do seu rendimento escola?

**(Objetivo:** Comparar o rendimento dos alunos com as respostas dada no inquérito(questionário).

Entre 10% à 20%.

Entre 21% à 40%.

Entre 41% à 60%.

Entre 61% à 80%.

Entre 81% à 100%.

### Validação da questão 12

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
<b>Apresentação</b>		X
<b>Compreensão</b>		X
<b>Objetividade</b>		X

---

Neutralidade	X
--------------	---

Aplicabilidade	X
----------------	---

**Críticas e sugestões:**

---

**13- Caso seu rendimento assinalado na pergunta anterior (questão12) estiver entre os 10% a 60%, marque a alternativa que você julga que melhor justifica sua média escolar.**

**(Objetivo:** Entender as causas do baixo rendimento escolar dos alunos)

- As aulas são entediantes e monótonas.
- Falta de novas metodologias em sala de aula.
- Tenho muita matéria para estudar e isso é exaustivo.
- Tenho dificuldade de aprendizagem e/ou algum transtorno.
- A maioria dos meus professores não explica bem as matérias/conteúdos.
- Não concordo com nenhuma das alternativas acima.
- Não sei.

**Validação da questão 13**

---

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X

**Críticas e sugestões:**

---

**14- Você acha que as aulas em geral só visam o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM?**

**(Objetivo:** Perceber se os professores estão dando suas aulas só voltadas para o ENEM (conteúdo) ou também se preocupam com as questões individuais dos alunos e com outras habilidades não cobradas no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM.)

Sim.

Não.

Não sei.

**Validação da questão 14**

Itens/opção de resposta	Insuficiente	Adequado
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X

**Críticas e sugestões:**

---

**Profa. Dra Leocádia**

**ANEXO 07 – APLICAÇÃO DO INQUÉRITO – PROJETO DE INTERVENÇÃO**

**GUIÃO DE PERGUNTAS PARA SEREM RESPONDIDAS PELOS  
COLÉGIOS A e B**



**MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL- UFP**

Este questionário tem como finalidade obter informações sobre os impactos do modelo de ensino tradicional. O mesmo será utilizado exclusivamente para fins académicos e como parte de Pesquisa em um Mestrado em Gestão em Educação da Universidade Fernando Pessoa. O anonimato e a confidencialidade das informações prestadas estão garantidos. O preenchimento é feito assinalando a alternativa escolhida e explicando-a sempre que for necessário.

**Inquérito 1 - Projeto de Intervenção com os alunos do Curso de  
Mestrado Docência e Gestão da Educação da Universidade Fernando  
Pessoa (UFP)– Porto - Portugal**

**Os Impactos do Modelo Tradicional de Ensino na Transposição Didática e no Fracasso Escolar.**

1- Qual é a sua série que você estuda?

6º Ano Ensino Fundamental II.	
7º Ano Ensino Fundamental II	
8º Ano Ensino Fundamental II	
9º Ano Ensino Fundamental II	
1º Ano Ensino Médio.	
2º Ano Ensino Médio.	
3º Ano Ensino Médio	

2- Você aprende mais com qual modelo de aula?

Modelo Tradicional de Ensino, onde o professor é o transmissor exclusivo do conhecimento e, na maioria das vezes, a explicação da matéria é expositiva (oral), a base de estudo é o livro didático e/ou apostila.	
Modelo Construtivista de Ensino, onde o professor não é o transmissor exclusivo do conhecimento, as metodologias (formato) das aulas são variadas e há uma participação mais efetiva do aluno.	

3- Quantas disciplinas (matérias) você tem na sua grade curricular?

OS IMPACTOS DO MODELO TRADICIONAL DE ENSINO NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E NO FRACASSO ESCOLAR.

---

1 à 5.	
6 à 10.	
11 à 15.	
Mais de 15.	

4- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Tradicional de Ensino?

1 à 5.	
6 à 10.	
11 à 15.	
Mais de 15.	

5- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Construtivista de Ensino?

1 à 5.	
6 à 10.	
11 à 15.	
Mais de 15.	

6 - Considerando a resposta das questões 4 e 5 você acredita que o modelo de ensino mais utilizado pelos professores é por esses escolhido, porque?

Não exige preparação	
É mais prático para o mesmo.	
Não coloca seu saber em dúvida.	
Falta de domínio do conteúdo/assunto	
Dificuldade com o manejo de classe/turma	
Dificuldade em usar ferramentas tecnológicas (informática)	
Não exige preparação	

7- Qual o modelo de aula você acha que deveria prevalecer no cotidiano de sala de aula para melhor aprendizagem dos alunos?

OS IMPACTOS DO MODELO TRADICIONAL DE ENSINO NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E NO FRACASSO ESCOLAR.

---

Modelo Tradicional de Ensino.	
Modelo Construtivista de Ensino.	
Outro modelo diferente dos citados acima	
Não sei	
Modelo Tradicional de Ensino.	

8- Você acredita que o tipo de modelo de aula utilizado pelo professor pode interferir no seu sucesso ou fracasso escolar?

Sim	
Não	
Não sei	

9- Qual modelo de aula você julga ser mais desmotivador/entediante, causando sua dispersão com mais facilidade?

Modelo Tradicional de Ensino.	
Modelo Construtivista de Ensino.	
Outro modelo diferente dos citados acima	
Não sei	

10 - Quais tipos de aulas que você julga ser mais entediante e desmotivadora, contribuindo para sua dispersão

Aulas expositivas /orais	
Aulas com atividades em grupos	
Aulas focadas apenas no livro didático	
Aulas em que o professor cria situações diversas com a participação do aluno	
Outras aulas diferentes das citadas acima	
Não sei	

11- Qual dos modelos de aula que há uma maior interação do aluno com o professor

OS IMPACTOS DO MODELO TRADICIONAL DE ENSINO NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E NO FRACASSO ESCOLAR.

---

Modelo tradicional de ensino	
Modelo construtivista de ensino	

12 - Qual é a média de seu rendimento escolar?

Entre 10% a 20%	
Entre 21% a 40%	
Entre 41% a 60%	
Entre 61% a 80%	
Entre 81% a 100%	

13 - Caso seu rendimento assinalado na pergunta anterior estiver entre os 10% a 60%, marque a alternativa que melhor justifica sua média escolar.

As aulas são entediantes e monótonas	
Falta de novas metodologias em sala de aula	
Tenho muita matéria para estudar e isso é exaustivo	
Tenho dificuldade de aprendizagem e/ou algum transtorno	
A maioria dos meus professores não explica bem as matérias / conteúdos	
Não concordo com nenhuma alternativa	
Não sei	

14 - Você acha que as aulas em geral só visam o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM?

Sim.	
Não.	

OS IMPACTOS DO MODELO TRADICIONAL DE ENSINO NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E NO FRACASSO ESCOLAR.

ANEXO 08 – TABULAÇÃO DOS RESULTADOS DO INQUÉRITO

	Escola A		Escola B		TOTAL GERAL	
	TOTAL	%	TOTAL	%	0	%
<b>1- Qual é a sua série que você estuda?</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
6º Ano Ensino Fundamental II	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
7º Ano Ensino Fundamental II	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
8º Ano Ensino Fundamental II	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
9º Ano Ensino Fundamental II	41	42,71%	41	67,21%	82	52,23%
1º Ano Ensino Médio	55	57,29%	20	32,79%	75	47,77%
2º Ano Ensino Médio	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
3º Ano Ensino Médio	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
<b>2- Você aprende mais com qual modelo de aula?</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
Modelo Tradicional de Ensino	28	29,17%	17	27,87%	45	28,66%
Modelo Construtivista de Ensino	68	70,83%	44	72,13%	112	71,34%
<b>3- Quantas disciplinas (matérias) você tem na sua grade curricular?</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
1 à 5	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
6 à 10	2	2,08%	4	6,56%	6	3,82%
11 à 15	92	95,83%	56	91,80%	148	94,27%
Mais de 15	2	2,08%	1	1,64%	3	1,91%
<b>4- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Tradicional de Ensino?</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
1 à 5	8	8,33%	27	44,26%	35	22,29%
6 à 10	63	65,63%	26	42,62%	89	56,69%
11 à 15	25	26,04%	8	13,11%	33	21,02%
Mais de 15	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
<b>5- Quantas disciplinas (matérias) que você estuda em sala de aula na qual o professor utiliza o Modelo Construtivista de Ensino?</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
1 à 5	83	86,46%	43	70,49%	126	80,25%
6 à 10	12	12,50%	15	24,59%	27	17,20%
11 à 15	1	1,04%	3	4,92%	4	2,55%
Mais de 15	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
<b>6 - Considerando a resposta das questões 4e5 voce acredita que o modelo de ensino mais utilizado pelos professores é por esses escolhidos porqu?</b>	<b>119</b>	<b>100,00%</b>	<b>82</b>	<b>100,00%</b>	<b>201</b>	<b>100,00%</b>
Não exige preparação	23	19,33%	19	23,17%	42	20,90%
É mais pratico para o mesmo	62	52,10%	48	58,54%	110	54,73%
Não coloca seu saber em duvida	21	17,65%	18	21,95%	39	19,40%
Falta de dominio do conteudo/assunto	2	1,68%	0	0,00%	2	1,00%
Dificuldade com o manejo de classe/turma	9	7,56%	5	6,10%	14	6,97%
Dificuldade em usar ferramentas tecnologicas (informatica)	15	12,61%	9	10,98%	24	11,94%
Outras razões não citadas acima	10	8,40%	2	2,44%	12	5,97%
<b>7- Qual o modelo de aula você acha que deveria prevalecer no cotidiano de sala de aula para melhor aprendizagem dos alunos?</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
Modelo Tradicional de Ensino	12	12,50%	9	14,75%	21	13,38%
Modelo Construtivista de Ensino	73	76,04%	43	70,49%	116	73,89%
Outro modelo diferente dos citados acima	3	3,13%	4	6,56%	7	4,46%
Não sei	8	8,33%	5	8,20%	13	8,28%

OS IMPACTOS DO MODELO TRADICIONAL DE ENSINO NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E NO FRACASSO ESCOLAR.

	Escola A		Escola B		TOTAL GERAL	
	TOTAL	%	TOTAL	%	0	%
<b>8- Você acredita que o tipo de modelo de aula utilizado pelo professor pode interferir no seu sucesso ou fracasso escolar?</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
Sim	89	92,71%	53	86,89%	142	90,45%
Não	4	4,17%	3	4,92%	7	4,46%
Não sei	3	3,13%	5	8,20%	8	5,10%
<b>9- Qual modelo de aula você julga ser mais desmotivador/entediante, causando sua dispersão com mais facilidade?</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
Modelo Tradicional de Ensino	83	86,46%	48	78,69%	131	83,44%
Modelo Construtivista de Ensino	5	5,21%	6	9,84%	11	7,01%
Outro modelo diferente dos citados acima	3	3,13%	2	3,28%	5	3,18%
Não sei	5	5,21%	5	8,20%	10	6,37%
<b>10 - Quais tipos de aulas que você julga ser mais entediante e desmotivadora, contribuindo para sua dispersão</b>	<b>155</b>	<b>100,00%</b>	<b>90</b>	<b>100,00%</b>	<b>245</b>	<b>100,00%</b>
Aulas expositivas /orais	29	18,71%	11	12,22%	40	16,33%
Aulas com atividades em grupos	7	4,52%	3	3,33%	10	4,08%
Aulas focadas apenas no livro didático	68	43,87%	39	43,33%	107	43,67%
Aulas em que o professor quer ser muito inovador	1	0,65%	6	6,67%	7	2,86%
Aulas em que o professor cria situações diversas com a participação do aluno	3	1,94%	2	2,22%	5	2,04%
Aulas em que o professor fala interruptamente dando uma vasta explicação do assunto	40	25,81%	21	23,33%	61	24,90%
Outras aulas diferentes das citadas acima	5	3,23%	5	5,56%	10	4,08%
Não sei	2	1,29%	3	3,33%	5	2,04%
<b>11- Qual dos modelos de aula que há uma maior interação do aluno com o professor</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
Modelo tradicional de ensino	7	7,29%	6	9,84%	13	8,28%
Modelo construtivista de ensino	89	92,71%	55	90,16%	144	91,72%
<b>12 - Qual é a média de seu rendimento escolar?</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
Entre 10% a 20%	1	1,04%	2	3,28%	3	1,91%
Entre 21% a 40%	1	1,04%	1	1,64%	2	1,27%
Entre 41% a 60%	11	11,46%	12	19,67%	23	14,65%
Entre 61% a 80%	62	64,58%	40	65,57%	102	64,97%
Entre 81% a 100%	21	21,88%	6	9,84%	27	17,20%
<b>13 - Caso seu rendimento assinalado na pergunta anterior estiver entre os 10% a 60%, marque a alternativa que melhor justifica sua média escolar.</b>	<b>23</b>	<b>100,00%</b>	<b>26</b>	<b>100,00%</b>	<b>49</b>	<b>100,00%</b>
As aulas são entediante e monótonas	12	52,17%	15	57,69%	27	55,10%
Falta de novas metodologias em sala de aula	4	17,39%	7	26,92%	11	22,45%
Tenho muita matéria para estudar e isso é exaustivo	9	39,13%	9	34,62%	18	36,73%
Tenho dificuldade de aprendizagem e/ou algum transtorno	5	21,74%	6	23,08%	11	22,45%
A maioria dos meus professores não explica bem as matérias / conteúdos	1	4,35%	3	11,54%	4	8,16%
Não concordo com nenhuma alternativa	2	8,70%	1	3,85%	3	6,12%
Não sei	2	8,70%	0	0,00%	2	4,08%
<b>14 - Você acha que as aulas em geral só visam o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM?</b>	<b>96</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>157</b>	<b>100,00%</b>
Sim	66	68,75%	32	52,46%	98	62,42%
Não	24	25,00%	16	26,23%	40	25,48%
Não Sei	6	6,25%	13	21,31%	19	12,10%